

# *Pode falar, Senhor... Estou ouvindo.*

---

Na história fantástica de Jovens com  
Uma Missão, os princípios práticos  
que você desejava conhecer para  
melhor discernir a voz de Deus.

Loren Cunningham  
e Janice Rogers



# *Pode falar, Senhor...*

*Estou ouvindo.*

Loren Curmirigham e Janice Rogers

Editora Betânia

Título do original em inglês: Is That Really You. God?  
Copyright © 1984. Loren Cunningham. Publicado na  
língua original por Chosen Books — Zondervan  
Publishing House. Grand Rapids. Michigan. 49506  
— E.U.A

## ***Agradecimentos***

Eu e Janice Rogers desejamos agradecer aos inúmeros amigos que nos auxiliaram na produção deste livro. E expressamos um agradecimento especial a Linda Bond, Lori Bragg, June Coxhead, Katherine Ewing, Jeff Foutain, Sandy Grey, Dodie Gunderson, Becky King, Diane Koppen, Kristen Meidal, Joe Portale, Jim Rogers, Barbara Thompson e Nancy Wade. Agradecemos também às dezenas de pessoas que nos forneceram informações básicas e que demandaram horas e horas de entrevistas. E damos uma palavra especial de honra e agradecimento a nosso amigo John Sherril pela sua contribuição para esse projeto, supervisionando sua produção com amor.

## ***Índice***

Uma Palavra Sobre o Sobrenatural	3
1. Nem Tudo que Reluz	4
2. Herança de Família	8
3. A Menina que Mudou Nossa Vida	12
4. Ondas	17
5. Pequenos Começos	21
6. Auxiliadora, Esposa e Amiga	29
7. Deus Fala Diretamente a Nós	34
8. Águas Azuis, Águas Turbulentas	40
9. O Segredo da Liberação	44
10. Buscar a Deus de Coração Puro	51
11. A Multiplicação das Orientações	61
12. O Perigo do Sucesso	66
13. Munique: o Mundo em Miniatura	71
14. Um Homem no Meio das Sombras	74
15. Três Passos no Recebimento da Orientação Divina	81
16. Kalafi Volta a Unir-se a Nós	88
17. “Não Abandone o Navio”	96
18. “Será que Ninguém se Importa?”	102
19. Uma História de Peixes	107
20. Aprender a Conhecê-lo Melhor	111
Ouvindo a Orientação de Deus	113

## ***Uma Palavra Sobre o Sobrenatural***

Este livro trata do sobrenatural.

Eu, por exemplo, estou preparado para isto.

Quando eu e minha esposa Elizabeth trabalhamos na produção de alguns livros no início do movimento de renovação espiritual, (*A Cruz e o Punhal*, *O Contrabandista de Deus*, *Refúgio Secreto*) incluímos neles relatos de fatos misteriosos e de milagres, não porque fossem sensacionalistas, mas porque, sem eles, os eventos que estávamos relatando não poderiam ter ocorrido. Na última década, porém, as publicações evangélicas dos Estados Unidos passaram a dar ênfase a outro aspecto da vida cristã, isto é, às necessidades pessoais do crente de uma consagração genuína e disciplina pessoal.

Mas o pêndulo já está voltando de novo — como sempre volta — e passou a oscilar entre as duas realidades espirituais: a da iniciativa divina e a da nossa responsabilidade. O presente livro, de autoria de Loren Cunningham, acha-se repleto de maravilhosas evidências da operação soberana de Deus em nossa vida hoje. E as experiências dele são tão inexplicáveis, em termos humanos, que eu, ele e Janice Rogers, co-autora do livro, tomamos uma decisão. Reexaminamos todo o manuscrito e retiramos todos os casos de orientação sobrenatural de Deus que não pudessem ser comprovados com "duas ou três testemunhas" (que é o padrão bíblico para se atestar a veracidade de qualquer afirmativa).

Estou-me incluindo nesta decisão, porque atuei como consultor editorial da obra, tendo passado longos períodos nas cento e treze bases da YWAM<sup>1</sup>, espalhadas no mundo todo, supervisionando a feitura do livro. Foi uma nova experiência, usando o método de "ensinar praticando", e disso resultou o surgimento de mais uma notável escritora, Janice Rogers, irmã de Loren Cunningham. Ela conseguiu realizar um trabalho muito inteligente, aliando bem as duas coisas: uma boa narrativa com uma instrução bíblica sobre uma questão de importância vital para todo crente: "Como aprender a reconhecer a voz de Deus?"

Mas há um problema que não conseguimos resolver. Havia muitas narrativas maravilhosas, algumas das quais eram muito apreciadas pelo grupo da YWAM; havia muitas pessoas que pareciam essenciais à narrativa e muitos mestres que não poderiam ser deixados fora do livro. Afinal, eu interferi no problema, sendo a pessoa mais desvinculada do grupo, e tomei uma decisão que talvez esteja fadada a tornar-se antipática. Como não poderemos contar todas as histórias — pelo menos não em um livro como este, nem em uma dúzia dele — as que aqui vão são uma amostra representativa de toda a grande riqueza de bênçãos que poderiam ter sido incluídas, mas que apenas são vislumbradas aqui.

Então, quem participa do trabalho da YWAM não deve procurar aqui a sua história, pois talvez não a encontre. E quem não conhece a YWAM prepare-se

---

<sup>1</sup> YWAM — no Brasil JOCUM. NT.

para participar de uma grande aventura. Será um primeiro contato com um Deus que opera poderosamente em vidas humanas. Um Deus que deseja ser convidado para operar também na sua!

John Sherril - Chosen Books - Lincoln, Virgínia.

## CAPÍTULO UM

### *Nem Tudo que Reluz...*

Subi os degraus de mármore da entrada da casa de Tia Sandra em Palm Beach, às margens do Lago Worth, que ela havia comprado de uma pessoa da família Vanderbilt. O jardim, com suas folhagens tropicais, estava iluminado por holofotes, que clareavam a noite, e por um clarão dourado proveniente das altas janelas da casa. Toquei a campainha junto à grande porta de entrada, e Hawkins, frio e formal como sempre, abriu-a e introduziu-me no saguão de mármore, decorado com estatuetas e vasos gregos.

— Boa noite, jovem Loren, disse. Hawkins ainda me chamava de jovem Loren, embora eu já estivesse com vinte e seis anos.

— A Sr.a Sandra irá encontrá-lo na biblioteca.

— Obrigado, Hawkins. Está com ótima aparência. Hawkins inclinou-se levemente, conduziu-me à biblioteca e em seguida foi procurar minha tia. Dentre os vinte aposentos da residência de inverno de Tia Sandra, o que eu mais gostava era a biblioteca, com seu tapete persa, suas estantes de livros que iam do assoalho ao teto, com sua decoração em tons de verde e marrom suave. "Mas você nunca irá encaixar-se aqui", murmurei para mim mesmo, vendo minha imagem momentaneamente refletida num espelho, atrás de uma das poltronas. A iluminação do aposento incidindo sobre meu rosto ainda deixava ver as manchas leves das cicatrizes das espinhas que me haviam ficado como lembrança da adolescência, da qual recentemente saíra. Se tivesse vindo morar com a Tia Sandra, como ela desejara, teria me tratado com um bom dermatólogo. Meu cabelo castanho escuro, ondulado, não tinha aquela descoloração própria dos banhistas de Palm Beach. Era magro e alto, a figura que estava na moda, como também o era a Tia Sandra, mas não pelas mesmas razões. O fato é que eu não comera muito na viagem que acabara de fazer pelo mundo. Meus olhos caíram sobre um enorme globo iluminado que estava ao lado da poltrona do Tio George, a sua poltrona de couro negro. Por uma fração de segundo, vislumbrei de novo a estranha visão que me perseguia havia seis anos. Eu via milhares e milhares de jovens como eu, missionários ainda adolescentes, caminhando pelas terras de todos os continentes do mundo... A visão era fascinante. Que atrevimento era aquele de pensar que aquilo era uma ordem de Deus! Muitas pessoas têm "visões"! Será que aquela minha visão era um daqueles eventos especiais que dão origem a uma grande obra para Deus? Se eu tentasse sugerir isso para a sensível Tia Sandra, sabia que seria uma ameaça para ela.

Tia Sandra entrou no aposento, seguida de seu cão Gail.

— Bem-vindo, querido! disse ela, parecendo deslizar sobre o tapete persa, sua graça e elegância contrastando com o "boxer" que saltou para mim.

Tia Sandra e meu pai tinham sido criados no mesmo lar, o lar pobre de um pregador itinerante. De todas as palavras que poderiam descrever a infância deles, elegante não era uma.

— Estou muito contente de vê-lo aqui. George deve chegar mais tarde.

Eu sabia que àquela hora Tio George ainda estava em seu clube. George Meehan fizera fortuna com a indústria têxtil, havia alguns anos, e depois entrara num ritmo de vida que circulava entre o lago Placid, no verão, Palm Beach, no inverno, e na cidade de Providence, Rhode Island, nas primaveras e outonos. A imagem mais vivida que eu tinha dele era de seu treino de golfe, na mansão de verão, quando atirava no lago dezenas e dezenas de bolas. Assim era o Tio George.

— Loren, ia dizendo Tia Sandra, sei que você deve estar exausto, mas, primeiro, que tal um lanchezinho antes de dormir?

Meu gosto pelas guloseimas preparadas por sua cozinheira já era proverbial. Uma empregada trouxe o lanche e, enquanto eu comia e Tia Sandra "lambiscava", falei-lhe da minha viagem de estudos que fizera pelo mundo. Eu estivera tentando entender o sentido daquela estranha visão de jovens missionários. Mas Tia Sandra não se mostrava muito interessada. Na infância ela ficara muito desgostosa com o cristianismo, e por isso queria deixar essas coisas de lado. Escutou minha explanação com ar meio distraído, e quando fiz uma pausa imediatamente interveio.

— Acho ótimo, por você, Loren, disse já de pé. Os jovens às vezes precisam falar dessas coisas para tirá-las da cabeça. E nós temos muito que conversar, mas você fez uma viagem muito longa. Podemos continuar amanhã de manhã.

Subindo para o amplo dormitório que passara a ser meu, pensei que sabia muito bem do que Tia Sandra queria falar: era de uma oferta generosa que Tio George iria fazer-me. Por mais estranho que pareça, eu não estava entusiasmado com aquilo. Enfiei-me entre os lençóis de seda, que atenciosamente haviam sido preparados para mim, e fiquei ali pensando, preocupado, enquanto as sombras azuladas da lua moviam-se pelo quarto. No dia seguinte teria de dizer à minha tia que Deus havia falado comigo.

Coloquei os braços atrás da cabeça e fiquei a olhar para o teto escuro. Como se pode dizer a uma pessoa, que já tem amargura contra esse tipo de coisa, que a gente ouviu a voz de Deus? Antes de tentar falar-lhe, era melhor que eu encarasse, com toda sinceridade, essa questão da orientação divina, inclusive nos aspectos que desgostavam Tia Sandra.

Essa questão de ouvir a voz de Deus, mais de uma vez, já tinha colocado minha família em situações de crise, a ponto de mudar tudo para nós. O pai de meu pai tinha uma lavanderia em Uvalde, Texas, um negócio bem lucrativo, e levava uma vida confortável. Certo dia, recebeu um "chamado" para pregar o evangelho, como ele mesmo dizia. Resolveu vender a lavanderia.

— Vou dizer-lhe uma coisa, falou um irmão dele, você está louco.

— Eu estaria louco se ouvisse a voz de Deus e não a atendesse, replicou meu avô.

E o que aconteceu depois foi uma coisa que sempre me intrigou. A princípio, vovô obedeceu ao chamado de Deus apenas parcialmente. Ia de cidade em cidade, pegando serviços aqui e acolá, e, nos fins de semana, pregava o evangelho. Então ocorreu uma tragédia. Em 1916, eles estavam morando em San Antônio, Texas, quando grassou uma terrível epidemia de varíola. A esposa e os dois garotos contraíram a moléstia. (A família era constituída de três meninas, que eram as mais velhas, e dois garotos.) Vovô instalou-se no setor isolado do hospital para ficar junto da esposa e dos dois filhos. Permaneceu lá duas semanas, numa vigília permanente ao lado do leito deles. Afinal, parecia que a enfermidade estava começando a ceder. Vovô mandou um recado às três meninas para que arrumassem tudo, pois brevemente estariam de volta.

Mas pouco depois, numa reviravolta súbita, a saúde de vovó voltou a agravar-se. Foi feito tudo que era possível para salvá-la, mas tiveram que ficar ali, impotentes, vendo-a lutar pela vida, enfraquecendo aos poucos e, finalmente, dando seu último suspiro. As autoridades insistiram em que ela fosse sepultada imediatamente ao sair do hospital. Horas depois, vovô voltava para casa com os dois meninos, abatido, chorando muito, na mesma ambulância que deveria ter levado vovó para casa. As meninas vieram para fora correndo, felizes.

— Cadê mamãe? indagaram.

Quando vovô lhes contou o que sucedera, Arnette, a mais velha, soltou um grito e entrou correndo em casa. As duas menores, Gertrude e Sandra, se abraçaram e puseram-se a chorar. Mas os sofrimentos da família não pararam aí. Naquele mesmo dia, as autoridades sanitárias foram à casa de vovô e lhe disseram que os colchões e roupas tinham que ser levados para o quintal e incinerados. Num só dia, meu avô e seus filhos perderam tudo, a não ser a si próprios. E num certo sentido eles perderam uns aos outros também, devido ao que aconteceu em seguida.

Estranhamente, após a perda por que haviam passado, vovô anunciou que ia começar a pregar em tempo integral. E essa é a parte dos fatos que se tornou tão problemática para Tia Sandra. Na verdade, não é difícil ouvir a voz de Deus. Quando conhecemos a Deus, isto quer dizer que já escutamos sua voz antes, pois foi aquela sua voz interior que nos levou a ele. Mas é possível uma pessoa ouvir a vo?. dele e ainda assim perder a melhor parte de sua mensagem, se não continuar a ouvi-lo. Depois da primeira orientação — o que fazer — vem a outra parte, o quando e o como. Vovô obedeceu à primeira orientação, o que: pregar o evangelho — mas não buscou mais orientação divina sobre como Deus queria que ele pregasse. Se ele tivesse feito isso, talvez os conflitos que se seguiram pudessem ter sido menos dolorosos.

Vovô entendeu que ele deveria ser um pregador itinerante. E como não poderia levar consigo os cinco filhos, distribuiu-os em diversos lares — no início com parentes, mas depois em casas de fazendeiros que os acolhiam em troca de serviços que pudessem prestar. Naqueles dias, quando uma criança tinha um teto e três refeições por dia, achava-se que estava sendo bem cuidada. Cada um dos cinco filhos de vovô reagiu a essa decisão dele à sua maneira. Dois

deles tiveram reações que foram-se tornando mais neutras com o passar dos anos. Minhas duas tias, Sandra e Arnette, atribuíam tudo, sua infância infeliz e problemática, ao chamado de vovô, que consideravam uma grande tolice. E resolveram que não queriam saber desse tipo de cristianismo. Assim que cresceram, cada uma assumiu sua própria vida e cuidaram de seus próprios negócios, decididas a ganhar dinheiro, o mais que pudessem. E o conseguiram. Tia Arnette ficou rica, mas Tia Sandra teve mais sucesso ainda, e eventualmente veio a possuir três mansões.

E quanto a meu pai, Tom, o mais velho dos dois filhos?

Por incrível que pareça, após uma infância penosa, quando vivera em nove lares, ele nunca se revoltou com vovô por ter atendido ao chamado de Deus para ser pregador. E aliás, quando estava com dezessete anos, ele próprio sentiu uma chamada para pregar o evangelho. Passou então a viajar com vovô, realizando cultos de avivamento por todo o sudoeste dos Estados Unidos.

Logo depois dessa decisão, ele recebeu uma proposta tentadora — como muitas vezes acontece. Veio numa carta de sua irmã mais velha, Arnette — uma das poucas cartas que ela lhe escreveu — e que na época estava morando em Miami.

Ele abriu o envelope e retirou uma folha com a letra angulosa de Arnette. Dizia ela que, se ele quisesse terminar o curso científico, ela pagaria seus estudos na faculdade depois, para tirar seu diploma de engenheiro. Era uma oportunidade maravilhosa, mas papai reconheceu que aquilo iria afastá-lo de sua missão. Agradeceu à irmã, mas disse-lhe que não poderia aceitar.

A reação dela foi muito forte e ríspida. "Se você quer passar o resto da vida", escreveu ela, "como um vagabundo, vivendo de caridade, dando a desculpa da fé religiosa, não quero ter mais nada a ver com você."

Essas palavras o magoaram bastante, pois pareciam mesmo verdadeiras, principalmente depois que ele começara a trabalhar com vovô, ajudando-o nos cultos. Vovô nunca "melhorou" de condições, continuando sempre a trabalhar nos lugares mais humildes. Seu desejo era ajudar os grupos de pessoas mais carentes, que lutavam pela existência, e na maior parte das vezes o que lhe podiam dar em pagamento era enlatados, verduras e frutas, e vez por outra uma galinha. Num certo lugar, ele e papai alimentaram-se durante três semanas apenas de maçãs cozidas, nas três refeições diárias, sem açúcar e nenhum outro condimento.

Após três anos dessa existência de privações, papai se cansou de tudo. Estava prestes a completar vinte anos, e embora ainda se considerasse chamado para pregar o evangelho, resolveu fazer uma pausa. Saiu da companhia de vovô, e arranjou um emprego em Oklahoma City. e foi trabalhar na construção civil, numa empresa que estava edificando o novo Hotel Biltmore.

Certo dia, quando estava de pé sobre uma viga-mestra, no 24.º andar do prédio, sofreu um acidente. Ele estava olhando um gigantesco guindaste que transportava algumas vigas de madeiras, e, de repente, aquela carga veio em sua direção. No instante em que as vigas o atingiram, ele só teve tempo de se



segurar, e daí a pouco estava suspenso no ar, desesperado, agarrando-se àquilo, enquanto os outros operários gritavam. Quando finalmente conseguiu pôr os pés no chão, tinha tomado uma resolução; deu ao patrão um aviso prévio de duas semanas, depois foi procurar vovô, e voltou a trabalhar com ele no ministério itinerante. E ele nunca mais esqueceu aquela experiência em que vira a morte tão de perto. Reconhecia que havia recebido uma segunda chance e estava decidido a obedecer a voz de Deus imediatamente, e não no futuro, quando tivesse vontade.

## CAPÍTULO DOIS

### *Herança de Família*

Quando meu pai. Tom Cunningham, com seu rosto redondo e seu cabelo ondulado, cantava nos cultos de vovô, acompanhando-se ao violão, exercia uma grande atração sobre as moças.

Mas houve uma exceção, porém.

Certo dia, meu pai e meu avô foram dar numa pequena cidade de Oklahoma, onde outra família de pregadores itinerantes também estava pregando. A história dessa família, os Nicholson, era bastante interessante. O pai, Rufus Nicholson, homem de uma palavra viva e inteligente, decidira certo dia parar com suas ocasionais bebedeiras, e atender ao chamado de Jesus. Estava com quarenta anos e era meiteiro em Oklahoma. Tomada a decisão, ele embarcou a família num carroção, com cobertura de lona, e começou a pregar o evangelho. Certa ocasião, quando Jewell, a terceira dos cinco filhos de Rufus, estava orando à beira de um regato, numa tarde de verão, ela ouviu a voz de Deus falando-lhe claramente. Tinha doze anos, mas não ficou surpresa de ouvir aquele chamado. Nas reuniões dos acampamentos sempre ouvira pessoas dando testemunho de experiências semelhantes. Ali estava Deus falando com ela, dizendo-lhe: "Quero que pregue o meu evangelho!" Então, aos dezessete anos, ela era um dos pregadores da família Nicholson.

Quando Tom Cunningham conheceu Jewell Nicholson ficou fascinado com aquela moça alta e esguia, de olhos negros, brilhantes, e linguagem franca. Começou a tentar conquistá-la, mas ela se achava tão envolvida com sua missão, que a princípio lhe deu pouca atenção. Mas ele foi persistente durante meses, até que afinal ela começou a demonstrar algum interesse por ele. Depois ele lhe fez aquela importante pergunta, e então eles se casaram numa cerimônia simples em Yellville, Arkansas. Tom tivera que tomar emprestados três dólares para pagar os papéis.

Uma vez recém-casados, meu pai e minha mãe puseram-se a viajar de uma cidade para outra, pregando nas ruas ou em cobertas feitas de estacas e galhos de árvores.

Aqueles foram dias de "vacas magras". Toda a sua riqueza consistia num Chevy, com oito anos de fabricação, alguns instrumentos musicais, roupas, e, naturalmente, suas bíblias. Com esses poucos acessórios, eles esperavam realizar a obra de Deus, e fazê-lo com eficiência. Isso significava, logicamente,

ouvir a voz dele com clareza. Tanto papai como mamãe falavam muito sobre orientação divina. Estavam ambos bem familiarizados com aquela "voz interior", que em certos momentos era quase audível, e, em outros, era mais uma impressão que surgia na mente já totalmente delineada. Estavam acostumados a ouvi-lo falar também através da Bíblia, e de sonhos e visões. Papai sempre dizia que o supremo objetivo das orientações que recebiam era tornar Jesus conhecido entre os homens.

— Estamos cumprindo uma ordem do próprio Jesus, dizia ele quando os dois falavam de alguma orientação recebida. A chave de tudo é a Grande Comissão. "Ide por todo o mundo e pregai o evangelho." Se Deus realmente chamou pessoas dando-lhes a missão de pregar o evangelho em toda parte, então certamente ele os guiará em tudo.

Meus pais iam aonde Deus os mandava. Enfrentaram tempestades de neve, chuvas geladas, vivendo quase que praticamente no automóvel. Sustentavam-se com o que a congregação lhes dava, ou com as moedas que as pessoas lhes atiravam, quando pregavam nas ruas. Mas essas privações não lhes importavam muito, pois estavam sempre aprendendo a ouvir a voz de Deus e obedecer-lhe. E com toda essa vida aventureira sempre seguindo a orientação de Deus, eles conseguiram fundar três igrejas, todas ainda hoje ativas.

Nesse meio tempo, começaram a chegar os filhos. Minha irmã Phyllis nasceu em 1933 e dois anos depois eu nasci, em Taft, Califórnia; mas minhas primeiras recordações da infância são de uma cidadezinha empoeirada e desértica do Arizona e da casa-barraca onde morávamos, cujos móveis eram caixotes. Mas nunca me senti como um necessitado, pelo contrário, sentia-me altamente privilegiado.

Meus pais estavam construindo um templo para uma igreja de sessenta membros, fabricando com suas próprias mãos os tijolos de adobe que punham a secar ao sol, para fazer as paredes. Estávamos integrados em seu trabalho, bem como no processo de aprender a ouvir a voz de Deus. Bem cedo, com a idade de seis anos, tive uma experiência pessoal com Deus, quando ouvi a voz dele após um culto, e pela primeira vez tive consciência de que pertencia a ele. Mas o que tinha grande significado para mim era ouvir sua voz nos acontecimentos do dia-a-dia — de segunda a sábado. Uma dessas experiências ocorreu quando eu estava com nove anos, e nos achávamos em Covina, Califórnia, um povoado situado a cerca de cinquenta quilômetros de Los Angeles, que vive do cultivo de laranjas.

Era quase hora do jantar, e eu entrei em casa correndo, deixando a porta bater com grande ruído. Minha irmã Phyllis, de onze anos, imediatamente colocou o dedo nos lábios lembrando-me silenciosamente que nossa irmãzinha Janice estava dormindo num aposento ao lado. Passei à cozinha onde mamãe estava acabando de retirar do forno um tabuleiro de bolo de fubá. Ergui a tampa de uma grande panela que estava no fogão sentindo o delicioso aroma de feijão cozido e carne de porco seca.

— Loren, disse minha mãe, o leite acabou. Quer ir à venda da viúva comprar para nós?

Ela não tinha dinheiro trocado, apenas uma nota de cinco dólares.

— Muito cuidado com esse dinheiro, avisou. É para comprar o mantimento da semana toda.

Enfiei a nota no bolso da calça, dei um assovio chamando meu cachorrinho Teddy, e saí para ir à venda. Mas demorei um bocado para chegar lá. Fui chutando uma lata pelo caminho, e parei umas duas ou três vezes para examinar uma tampinha de garrafa ou pegar um graveto para raspar nas cercas dos vizinhos.

Subi correndo a escadinha da lojinha da viúva — que era a sala de sua casa que ela transformara em venda — peguei duas garrafas de leite, e fui ao balcão da frente onde a viúva já me esperava com lápis e papel na mão, para fazer a conta do que eu havia comprado. Mas quando enfiei a mão no bolso para pegar o dinheiro, meu coração quase parou. A nota não estava nele. Procurei freneticamente no bolso do outro lado, nos bolsos trazeiros, no bolso da camisa.

— Perdi o dinheiro! exclamei quase chorando. Largando o leite ali, percorri todo o caminho pelo qual viera, procurando desesperadamente em todos os pontos que me lembrava de haver parado, sempre seguido de Teddy. Nada. Não o encontrei em parte alguma. O jeito era voltar e contar a mamãe que tinha perdido o dinheiro dela.

Ela ainda estava na cozinha, quando entrei pela porta dos fundos, fechando-a bem de levinho. Mamãe percebeu imediatamente que alguma coisa tinha acontecido. Seu rosto ficou sombrio, quando lhe contei o que fizera. Era uma grande perda para nós, mas ela logo voltou a ter uma expressão mais animada.

— Venha cá, meu filho. Vamos orar. Vamos pedir que Deus nos mostre onde esse dinheiro está.

E ela parou, ali na cozinha mesmo, a mão sobre meu ombro e se pôs a conversar com Deus. "Senhor, tu sabes exatamente onde essa nota de cinco dólares se encontra. Agora te pedimos que tu nos mostres isso. Revela-o à nossa mente, pois sabemos que precisamos desse dinheiro, para comprar alimento para a família."

Mamãe ficou uns instantes parada, com os olhos fechados. No fogão, a tampa da panela de feijão batia com o ferver dele.

De repente, senti a mão de mamãe apertar meu ombro.

— Loren, disse ela com voz ligeiramente abafada,

Deus acaba de me dizer que o dinheiro está debaixo de uma planta.

E rapidamente saiu porta a fora, e eu corri para alcançá-la.

Já começava a escurecer, quando refizemos minha caminhada até a venda, examinando cada matinho, cada cerca-viva. Quase não dava mais para enxergar, devido à escuridão, quando mamãe parou olhando um pouco mais adiante para um grosso cipreste.

— Vamos procurar ali, falou animada, indo direto para ele.

Olhamos bem na base da planta, e lá, bem no fundo, perto do tronco, estava a nota de cinco dólares. Naquela noite, quando jantávamos, comendo nos^ so feijão com bolo de fubá e bebendo leite, eu e mamãe contamos a Phyllis e a papai (e ao nenê também!) como Deus havia nos abençoado naquele dia.

Naquela ocasião, ainda não víamos essas experiências da família como uma escola espiritual, onde aprendíamos a confiar em Deus, mas era exatamente isso.

Certa vez, numa manhã de fevereiro, três meses depois da experiência em que eu havia perdido o dinheiro das compras, aprendemos outro princípio espiritual que iria ter um papel muito importante para nós, pelo resto da vida. Estávamos sentados, tomando o café da manhã, quando papai nos avisou que iria ausentar-se de casa por alguns dias. Como eu já estava com dez anos, deu-me instruções para tomar conta da família, enquanto estivesse fora.

— Vou para Springfield, Missouri, disse ele. Fica muito longe daqui, mas com o telefone e tudo o mais, nós manteremos contato.

E foi pelo telefone que recebemos a desagradável notícia. Papai estava com apendicite. Não poderiam operá-lo, pois já tinha peritonite também. Com a escassez geral devido à guerra, não se achava penicilina. A morte dele seria apenas questão de tempo.

Mamãe recolocou o telefone no gancho e disse-nos que precisávamos orar — e muito. Enfie-me atrás do sofá e fiquei ali orando durante várias horas. Passaram-se dois dias e o estado de papai continuava do mesmo jeito. Tínhamos que receber uma palavra diretamente de Deus — uma mensagem que nos fortalecesse para que permanecêssemos firmes. Foi então que aconteceu uma coisa da qual nunca me esquecerei.

Três dias depois que soubemos da doença de papai, alguém bateu à porta. Fiquei olhando para mamãe, enquanto ela abria a porta ao ar frio daquela manhã de fevereiro. Ali estava um dos homens da igreja. Era um crente que me lembrava um diretor de funerária que eu vira certa vez, com sua fisionomia carregada e olhar agônico. Ficou ali parado, com uma expressão mais sombria ainda, revirando nas mãos seu chapéu de feltro, como se estivesse com medo de dizer o que lhe ia na mente.

— O que foi? indagou mamãe, sem timidez.

— Irmã, disse afinal o sujeito esquelético, Deus me revelou num sonho que seu marido irá voltar para casa num caixão.

Senti minha língua pesada na boca. Continuei a olhar para o rosto de minha mãe. Ela pensou por uns instantes e depois disse:

— Olha, irmão, falou num tom de voz bondoso, mas com grande firmeza, agradeço muito o senhor por ter vindo aqui para me dizer isso. Embora seja uma mensagem muito dura, prometo-lhe que pedirei a Deus que nos revele se esse sonho veio mesmo dele. Já que se trata de um assunto tão importante, creio que ele mo revelará também, não é?

Era mais uma afirmação do que uma pergunta, e assim dizendo ela agradeceu ao homem mais uma vez. Em seguida ela foi orar. "És tu mesmo. Senhor? Prometo-te que aceitarei as palavras deste irmão, se elas forem provenientes de ti. Só peço isso: que eu possa sabê-lo com certeza."

Minha mãe tinha um relacionamento de fé tão profundo com o Pai celestial, que ela realmente cria que ele iria responder-lhe, já que se tratava de um

problema tão importante. E ele responderia como um Pai, sem nenhuma sombra de dúvida. Então, ela entregou o problema nas mãos dele e foi dormir.

No dia seguinte, quando nos sentamos à mesa para tomar a refeição da manhã, mamãe colocou Janice em sua cadeirinha e em seguida nos disse que tinha uma boa notícia para nós.

— Tive um sonho esta noite, falou comigo e Phyllis.

Ficamos em silêncio.

— E então?

— Em meu sonho, papai estava voltando para cá de trem, e estava de pijama.

E foi exatamente isso que aconteceu. Pouco depois recebemos a notícia de que papai se recuperara o suficiente para voltar à Califórnia. Ele demorara para conseguir os arranjos necessários à viagem devido à guerra, que dava prioridade aos militares. Mas com a ajuda de amigos arranhou lugar num carro dormitório. E assim ele chegou exatamente como mamãe havia dito: de trem e de pijama. Ao chegar à estação, ele enfiou a calça mesmo com o pijama. Deve ter sido uma cena muito engraçada, nós andando ali, amparando nosso pai ainda fraco e trêmulo, que arrastava as chinelas. Mas ele não se importava nem um pouco. Nós também não. O importante era que ele estava de volta.

Mais tarde, mamãe comentou como é séria a questão de se receber direção de Deus por meio de outra pessoa.

— Receber orientação de Deus através de outrem é uma coisa muito delicada, disse ela. Por meio de outra pessoa podemos receber uma confirmação de algo que já sabemos. Mas quando Deus tem uma revelação importante para nós, ele fala diretamente a nós.

Tendo essa espécie de "herança espiritual", não é nenhuma surpresa que eu também tenha ouvido o chamado para ir "por todo o mundo e pregar o evangelho a toda criatura". E essa chamada veio a exigir de mim a aplicação de todos os conhecimentos que tinha sobre orientação divina.

## CAPÍTULO TRÊS

### *A Menina que Mudou Nossa Vida*

Muitas vezes, é bem mais tarde, quando relembramos o passado, que percebemos o bom humor de Deus nas orientações que nos dá. Na ocasião, eu não tinha a menor idéia de que aquele sermão nervoso de um adolescente, muito mal pregado, iria acabar-se tornando o ponto central de minha existência nos anos vindouros.

Fora um sermão que eu mesmo pregara.

Estava com treze anos, quando fizemos uma viagem a Springdale, Arkansas, para um encontro com a família de mamãe.

Papai só poderia permanecer ali alguns dias, mas mamãe ficaria durante todo o tempo de duração do encontro da família. Tanto ela como papai eram ordenados ao ministério pelas Assembléias de Deus, e meu tio lhe pedira para realizar conferências de consagração, especiais para jovens, na igreja dele.

(Todos os parentes de mamãe, com exceção de um, eram pregadores do evangelho.)

Uma noite, após o sermão de mamãe, fui à frente, e me ajoelhei junto ao singelo altar de madeira da igreja de meu tio. De repente, tive a sensação de que não estava mais naquele lugar, e sim no céu. Diante de meus olhos surgiram, em letras garrafais, as seguintes palavras: "Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Era a Grande Comissão, de Marcos 16.14. Abri os olhos mas as palavras continuavam ali. Fechei-os de novo e elas permaneciam em minha mente, ardendo como fogo.

Não tive dúvida de que Deus estava-me chamando para pregar o evangelho, talvez para ser missionário, já que as palavras que via continham a expressão "por todo o mundo".

Ergui-me e fui passando entre as outras pessoas que estavam ali na frente e dirigi-me para onde estava minha mãe. Ajoelhei-me perto dela e lhe narrei em cochichos o que acontecera. Ela me fitou com um largo sorriso e passou o braço em torno de meu ombro, apertando-me. Naquela noite, não disse muita coisa, mas no dia seguinte ela expressou claramente tudo o que estava sentindo.

— Venha comigo, meu filho, disse ela com suas maneiras diretas de sempre.

Fomos ao centro de Springdale, a uma sapataria.

— Quero ver o melhor sapato que você tiver aí, para este rapazinho, disse ao vendedor que nos atendeu.

Olhei para ela muito espantado. Meu sapato ainda estava bom... Usava-o para ir à igreja e à escola, mas nunca quando estava brincando com meus primos — qualquer oportunidade que tínhamos ficávamos descalços. Mas ela me fitou bem nos olhos e sorriu.

— É para comemorar, Loren. Quero lhe dar um presentinho para mostrar como eu e seu pai concordamos com aquele versículo da Bíblia que diz: "Quão formosos são sobre os montes os pés do que anuncia as boas-novas."

Toda família ficou muito contente com a notícia de meu chamado.

— E se você vai ser pregador, disse mamãe, não existe hora melhor para começar do que agora.

Meu tio concordou, e combinaram que eu ocuparia o lugar de mamãe no culto da quinta-feira seguinte, dali a uma semana.

A idéia de subir ao púlpito e falar perante aqueles lavradores de Arkansas, aquela gente morena, de rosto curtido pelo sol, me deixava desejoso de fazer o melhor possível. Comecei logo a orar a respeito do sermão. Orei vários dias pedindo a Deus que me mostrasse o texto certo. Em dado momento, ocorreu-me o seguinte pensamento: "Pregue sobre a tentação de Cristo no deserto."

Sentia-me um pouco sem jeito de ter de falar a adultos sobre a tentação. Tudo que eu conhecia sobre o problema eram minhas próprias tentações, próprias de um garoto de treze anos. Eram tentações individualizadas, como creio serem todas elas. É claro que s estava passando pelos despertamentos sexuais que afligem qualquer rapazinho de treze anos, mas conseguia controlá-los. Também tivera minha parcela de tentação para fumar, levado pelos outros

garotos da vizinhança; mas aquilo me parecera uma bobagem tão grande, que eles desistiram logo, quando lhes disse isso.

Não; naquela semana, enquanto eu orava a respeito de meu primeiro sermão, reconheci que as "outras vozes" que procuravam seduzir-me eram bem mais sutis, como a tendência de querer imitar os outros rapazes. E não queria apenas igualar-me a eles, mas superá-los até. É claro que não há nada de errado em querer superar alguém, mas quando essa inclinação começa a ficar distorcida, aí então é tentação.

E para imitar os outros, eu era tentado a fazer coisas que normalmente não faria, como ir para o centro da cidade de bicicleta, e rodar pela Avenida Olympic, que tinha seis faixas para carros, e os automóveis passando por nós zunindo. E assim desafiávamos uns aos outros a correr aquele perigo. Além disso, havia outras coisas que tinha de fazer. Tinha que partir o cabelo de lado, deixando-o cair sobre a testa, e emplastá-lo de brilhantina. As barras da calça jeans tinham que ser arregaçadas, bem como as mangas das camisas, que formariam um rolinho no meio do braço. Tinha que usar aquelas botas tipo índio, que os rapazes tanto apreciavam (a minha eu comprara com o dinheiro que ganhara na entrega de jornais). Mas o que Deus estava-me dizendo a respeito de tudo isso? Será que ele se importava com o fato de eu andar de bicicleta numa avenida movimentada, de usar brilhantina e bota de índio? Talvez sim, se o fato de eu querer agradar aos amigos se tornasse um problema para mim, e interferisse com minha chamada para o ministério.

Então meu sermão foi sobre tentações. Durou dez minutos e mamãe teve que pensar rapidamente alguma coisa para preencher o restante do tempo. Terminado o culto, os pacientes lavradores vieram cumprimentar-me pelo sermão, mas acho que depois tiveram que acertar com Deus, pelo exagero dos elogios. Mas o mais importante foi que, por meio dessa experiência, eu descobrira uma coisa que talvez viesse a tornar-se um problema sério para mim. O que significa "aceitação social"? Qual o grau de importância que eu dava às opiniões dos outros a meu respeito, e principalmente à opinião daqueles que eu prezava? Era bem possível que essas outras vozes se tornassem no futuro uma verdadeira prova para minha fé.

Para falar a verdade, eu não estava prestando muita atenção ao culto naquela manhã. Dentro de alguns dias iria completar quinze anos. Estava sentado num dos bancos de madeira do salão de nossa igreja em Los Angeles, ouvindo papai pregar. Mas meu pensamento se achava bem longe dali — estava no pátio de estacionamento de certo revendedor de carros usados. Fazia meses eu vinha economizando meu salário de entregador de jornais, para comprar um carro. Mas não podia ser qualquer carro. Tinha que ser um Chevy 39. Planejava pintá-lo de azul metálico. Iria remover o cromado dele, rebaixar a parte traseira, como era moda daquela época.

De repente, uma mudança no tom de voz de papai chamou minha atenção. Ele estava falando sobre uma criança árabe. Acabara de regressar de sua primeira viagem ao exterior. Fora à Terra Santa, um presente que ganhara de sua classe de homens, da escola dominical. Mas foi a voz dele que me pôs alerta.

Seu tom de baixo profundo, geralmente vibrante, estava mais suave, como se estivesse falando.

— Era uma garotinha árabe, coberta de andrajos, estendendo a mãozinha suja e suplicando: Bakskessh!

Esse é o termo árabe que significa "esmola". Nunca mais esquecerei aquele rosto, pelo resto de minha vida.

Ele baixou os olhos para o púlpito. Pigarreou.

Vira aquela menina nos arredores de um campo de refugiados palestinos, dizia ele. Tinha mais ou menos oito anos. Vestia uma roupa bem velha, tinha o cabelo escorrido, e carregava, apoiada em seus quadris, uma criança menor que ela.

— Os cicerones disseram-nos para não darmos esmolas aos mendigos, pois isso só iria estimulá-los mais. Não sei o que isso queria dizer. Mas não tive jeito de mandá-la embora. Enfiei "a mão no bolso e coloquei algumas moedas na dela.

Naquele instante fez uma pausa e achei que ele iria chorar. A igreja toda estava em profundo silêncio. Logo depois ele continuou o relato e disse que, ao chegar ao hotel, naquela mesma noite, se ajoelhou ao lado da cama. De repente surgiu diante dele o rosto daquela garotinha palestina. Fechou os olhos, mas a imagem ainda continuava presente. E mais uma vez ela estendeu as mãos, mas desta vez, ao fitar aqueles olhos suplicantes, ele teve a impressão de que ela não estava pedindo apenas dinheiro, mas algo mais profundo. Estava querendo consolo, incentivo, amor, esperança para o futuro. O Evangelho.

Enquanto papai continuava falando, baixei os olhos para minha cara bota indígena. Todos deixavam correr livremente as lágrimas. E papai relatou como ficou a noite toda acordado naquele hotel, sem poder esquecer o rosto da menina.

— E quero dizer-lhes uma coisa, falou ele erguendo os ombros e endireitando-se mais. A partir daquela noite eu mudei. Quero dedicar o resto de minha vida à tarefa de falar aos crentes sobre as necessidades de nossos irmãos de outras terras, Quero envolver-me nesse trabalho de ajudar os outros. Missões — continuou ele — era para mim apenas uma palavra. Mas não é mais. Hoje missões para mim tem um rosto; o rosto de uma criança.

Meu coração de jovem de quinze anos batia acelerado, com um novo entusiasmo. Não era apenas papai que nunca mais seria o mesmo. As palavras que um ano antes eu vira à minha frente, na igreja de meu tio no Arkansas, surgiram de repente em minha mente. "Ide por todo o mundo..."

Talvez houvesse alguma coisa que eu pudesse dar imediatamente.

Tentei não pensar no carro.

Papai reverteu o curso dos interesses da igreja. Dali por diante, uma parcela cada vez maior das entradas era destinada a missões estrangeiras. E o mais impressionante era que na medida em que as pessoas esvaziavam o bolso para dar, os compromissos locais da igreja eram pagos com mais facilidade. Houve um acréscimo de trinta por cento nas entradas.



Papai conduzia a campanha com muita vibração. Durante várias semanas, ele falou, por exemplo, a respeito da vida e do trabalho de um certo missionário na África, até conseguir que todos ficassem bem interessados. Então, certo domingo, ele mandou colocar um jipe novinho em folha dentro da igreja, no estrado do púlpito. Era para o missionário da África, se conseguíssemos levantar o dinheiro para comprá-lo.

Afinal, cheguei ao ponto em que tinha de chegar, e fiz o compromisso de dar meu salário de jornaleiro, de dois meses — 40 dólares — para a compra do jipe. Não comprei meu sonhado Chevy, mas sabia que estava ajudando a adquirir um veículo que iria para o outro lado do mundo.

Mas depois fiquei a pensar. Ainda poderia comprar meu carro. Consegui convencer papai a deixar que eu assumisse mais dois serviços, além do de entregador de jornais.

E assim foi. Com muito orgulho — do qual meu pai partilhou também — consegui economizar o suficiente para comprar meu primeiro carro — um Chevy 39. O pobre automóvel já tinha onze anos de fabricação e mal se "mantinha em pé". As duas portas traseiras estavam quebradas. Retirei todo o cromado dele, e, com a ajuda de um amigo pintei-o de azul metálico.

Mas algo de mais sutil estava começando a agitar-se no meu interior — era uma voz mansa, mas insistente, que me dizia que minha vida não poderia consistir só em carros e em competir com outros jovens. A chave de tudo parece ter sido uma rápida viagem que fizemos ao México, durante a páscoa, eu e mais dez rapazes. Estava com dezoito anos, como a maioria dos outros. Não tínhamos muitas instruções sobre como nos comunicar com pessoas de outras culturas, mas, com nosso espanhol de escola, procuramos passar aos mexicanos a mensagem mais importante da terra. E o mais incrível é que cerca de vinte mexicanos responderam afirmativamente que queriam conhecer a Jesus. Alguns se ajoelharam na rua mesmo, para orar. Apesar de nossa viagem ter-se encerrado de maneira desastrosa, já que eu e mais dois dos rapazes tivemos que ser hospitalizados com desinteria, reconheci que me deparara com mais uma placa de sinalização espiritual.

Havia algo germinando em meu coração, algo que eu não entendia.

Aquela viagem ao México foi a causa provável de minha decisão de ir para a escola bíblica das Assembléias de Deus em Springfield, Missouri.

Então, num maravilhoso dia de setembro de 1954, quando eu estava com dezenove anos, eu e minha irmã Phyllis colocamos nossa bagagem em meu carro, que àquela altura já era um Dodge 48. Ela também resolvera ir estudar no instituto bíblico.

Mamãe, papai e a pequena Jannie estavam na calçada em frente da casa esperando que terminássemos de ajeitar as coisas. Depois, nós cinco nos juntamos por alguns instantes» e papai fez uma oração suplicando a Deus pela nossa segurança física e espiritual. Quando o carro arrancou, todos nós nos controlávamos para não chorar.

Mas quando virei meu carro na direção leste, na Avenida Olympic, para tomar a estrada que me levaria a Springfield, que distava quase dois mil e

quinhentos quilômetros dali, estava dando início a uma aventura que preencheria toda a minha vida.

## CAPÍTULO QUATRO

### *Ondas*

Foi uma simples viagem às ilhas Bahamas, mas que acabou-se tornando uma singular experiência de orientação espiritual que iria determinar todo o curso de minha vida.

Na escola bíblica, em Missouri eu e mais três colegas — todos de vinte anos — resolvemos formar um quarteto. Nos fins de semana, cantávamos em Springfield e cidades próximas. Nas férias ou nos feriados prolongados, porém, fazíamos viagens mais longas. Uma dessas excursões foi a Nassau, a capital das Bahamas.

Corria o mês de junho de 1956, e estávamos a bordo do avião da Mackey Airlines, fazendo o curto percurso entre Miami e Nassau. Lá embaixo, avistávamos um "colar" de ilhas, banhadas por águas belíssimas, das cores mais estranhas que já vi: verde piscina muito claro, azul turquesa e lilás.

Um missionário foi encontrar-nos e nos levou para sua casa, rodando do lado esquerdo da estrada. Sentia-me muito entusiasmado. A última vez em que sentira essa mesma vibração fora por ocasião da viagem que fizera ao México, com mais dez jovens. (Parecia estranho que já houvesse passado dois anos!) Mas minha vibração não decorria apenas da beleza do lugar, das flores, dos guardas de trânsito com suas fardas brancas bem tropicais e os engraçados capacetes de explorador. Era por algo que se passava em meu interior.

Entre um e outro culto, onde nos apresentávamos, conversávamos bastante com os missionários. E um deles nos narrou uma situação desastrosa que ocorrera numa das ilhas. Três jovens tinham ido ali, por sua própria conta, para pregar o evangelho. Mas eles tinham começado a sair com as moças da ilha, sem saber que nas Bahamas este tipo de "namorico" é sempre levado a sério, não sendo considerado coisa sem importância, como nos Estados Unidos. A ilha estava fervilhando de conversinhas que prejudicariam a pregação do evangelho. Fiquei a ouvir aquilo com sentimentos opostos. Estava pesaroso pelo fato de os jovens terem sido tão insensatos. Mas bem no fundo da mente pensava: "Que idéia simplesmente maravilhosa a desses moços de virem aqui pregar o evangelho!"

Naquela noite, após o término do culto em que cantamos, fui direto para o quarto de hóspedes da casa do missionário, onde estava hospedado. As paredes eram caiadas, sem quaisquer adornos, a não ser uma gravura da ilha numa simples moldura de madeira. Deitei-me na cama, dobrei o travesseiro e coloquei-o sob a nuca. Em seguida, abri a Bíblia, e, como fazia rotineiramente, pedi a Deus que me falasse.

Mas o que aconteceu logo depois não foi nada de rotineiro.

Subitamente comecei a enxergar um mapa mundi. Só que o mapa estava como que vivo, mexendo-se. Sentei-me no leito. Abanei a cabeça. Esfreguei os

olhos. Era como que um filme que se passava em minha mente. Via todos os continentes. Ondas se arrebatavam em suas praias. Cada uma delas penetrava num continente, depois voltava; em seguida vinha de novo e penetrava um pouco mais; e ia assim até que cobria todo o continente.

Fiquei de fôlego suspenso. Continuei a olhar e a cena se modificou. As ondas transformaram-se em jovens — rapazes e moças de minha idade e até mais jovens — que ocupavam os continentes. E conversavam com pessoas nas ruas e nas calçadas perto de bares. Iam de casa em casa. Estavam pregando o evangelho. E aonde iam se interessavam pelas pessoas como papai havia se preocupado com a garotinha árabe que pedira backsheesh.

Instantes depois a cena desapareceu.

Puxa! pensei. O que fora aquilo?

Olhei para o ponto onde vira as ondas de jovens, mas enxerguei apenas a parede branca daquele quarto de hóspedes com sua gravura da ilha na moldura de madeira. Eu imaginara aquela visão, ou fora Deus quem me dera uma visão do futuro?

Eras tu mesmo, Senhor? indaguei, ainda atônito, fitando a parede. Jovens — garotos mesmo — realizando a obra missionária? Que idéia estranha! Lembrei-me dos três rapazes que tinham vindo às ilhas e dos problemas que causaram, simplesmente porque agiram como jovens normais. Se aquele estranho quadro tinha vindo mesmo de Deus, devia haver uma maneira de evitar esse tipo de problema, e ao mesmo tempo canalizar as energias dos jovens no evangelho.

Por que, pensei. Deus me havia dado essa visão? Será que meu futuro estaria ligado às ondas de jovens? Fiquei um longo tempo ali deitado, fitando o vazio.

Mas de uma coisa eu tinha certeza: não iria falar a ninguém sobre minha visão, enquanto não tivesse entendido bem o que ela significava.

Comecei a perceber que certos fatos ocorriam sempre da mesma maneira: Deus me dava uma chamada distinta, e depois vinha uma prova. Quando era adolescente. Deus me falara com o apelo da backsheesh. E a questão era se eu ia continuar competindo com os outros garotos, com minhas botas de índio e o Chevy 39, ou iria atender àquele apelo.

Dois dias depois daquela estranha visão de ondas humanas, passei pelos primeiros estágios de uma prova bem difícil. E um paradoxo, foi que eles resultaram na ocorrência de eventos favoráveis, que iriam colocar-me em contato com o passado de minha família.

Quando regressamos a Miami, onde também iríamos cantar, registramo-nos num hotel, e os outros rapazes me chamaram para sair um pouco.

— Loren, vamos sair para jantar. Quer vir?

— Não, obrigado. Acho que vou perder esse jantar.

Tinha uma idéia firme na mente. Estava em Miami, e ali havia um laço de família que fora rompido e que, para mim, naquele momento, era mais importante do que a refeição. Sabia que ali morava minha tia Arnette — a que havia-se desligado de papai havia vinte e sete anos, quando ele resolvera tornar-se pregador do evangelho. Outros parentes nos haviam informado que Tia Arnette estava muito bem de vida. Era proprietária de uma fábrica de

móveis e de várias lojas de varejo na cidade. Quanto à outra irmã, a mais nova, a Tia Sandra, ninguém parecia saber onde se encontrava. Mas a Tia Arnette ainda estava muito amargurada. Papai conseguira entrar em contato com ela havia três anos, quando o Vovô Cunningham falecera.

— Eu não iria ao enterro dele, nem que fosse do outro lado da rua, disse minha tia.

O que aconteceria, se eu tentasse visitá-la? pensei comigo.

Logo que me vi a sós, abri a gaveta da mesinha de cabeceira e retirei a lista telefônica. Um calafrio de emoção me percorreu. Ali estava — o nome dela na lista. Arnette Cunningham. Seria minha tia Arnette? Disquei.

— Alô!

Era a voz dela. Nunca a ouvira antes, claro, mas tinha um timbre conhecido, era a voz de um Cunningham.

— Alô! Meu nome é Loren Cunningham. O nome de meu pai é Thomas Cecil Cunningham. Acho que sou seu sobrinho, e gostaria de vê-la.

Silêncio. E logo depois a resposta:

— Não! Não posso. Estou muito ocupada! Clique!

O dia seguinte era sábado. Meus amigos iam nadar, e apesar de eu gostar muito de praia, preferi mais uma vez ficar no hotel, e eu mesmo fiquei surpreso com essa decisão. Sozinho ali no quarto do hotel, estendi-me na cama e olhei para o telefone. Não conseguia esquecer aquela conversa. Ela como que reabriria uma porta de um aposento cheio de lembranças da família. Recostei-me na cabeceira da cama, olhando para o outro lado do quarto. Todas as cartas que tínhamos escrito haviam sido devolvidas ainda fechadas; nossos telefonemas, rejeitados. Entretanto, havia alguma coisa naquela voz estranha, mas familiar, que me levava a- querer tentar novamente. Peguei o telefone.

— Alô? Aqui é Loren, de novo. Sinto incomodá-la, mas vou embora amanhã, e queria saber se poderia visitá-la.

— Sinto muito, mas meus empregados vão fazer uma festa de aniversário para mim hoje e não poderei recebê-lo.

E em seguida desligou, mas senti que já tinha avançado um pouquinho mais. Pelo menos, desta vez, ela dera uma desculpa para não me receber. Tive uma idéia e saí para o centro comercial.

O que se dá de presente de aniversário para uma mulher que não se conhece? Resolvi comprar um lencinho de linho, todo enfeitado de rendas, do tipo que mamãe gostava. Depois comprei um cartão de aniversário, mas não queria um que tivesse um texto sentimental demais, e, sim, um cartão simples, com os dizeres: "Parabéns, Tia!"

No domingo, por volta de meio-dia, estávamos prontos para viajar. Liguei para minha tia de uma cabine telefônica de rua, pedindo que me concedesse alguns minutos de seu tempo antes de eu ir embora. Dessa vez, talvez por curiosidade, Tia Arnette concordou em me receber.

Fomos até lá em nosso furgão, passando por ruas pontilhadas de palmeiras, com casas lindas, cercadas de ajardinamento tropical. Paramos diante de uma moradia de cor cinza azulado, com uma enorme varanda fechada com telinha.

Lembrando-me das palavras que Tia Arnette dissera a meu pai, censurando-o por preferir "levar uma vida de vagabundagem, vivendo da caridade alheia e dando como desculpa a pregação religiosa", procurei ajeitar o cabelo no espelho retrovisor e endireitei a gravata.

Saí do carro, deixando os outros a esperar-me; e, olhando para a varanda telada, vi a vaga silhueta de uma mulher que me olhava de lá. Caminhei até a escada com passos bem medidos.

Daí a instantes eu me encontrava diante de uma mulher que se parecia muito com meu pai. Tinha o cabelo muito bem arrumado e anéis de brilhante nos dedos, mas alguma coisa nos unia.

— Olá! Sou o filho de Tom.

Tia Arnette olhou-me longamente, examinando meus traços\* E por uns instantes ficamos parados na escadinha, em silêncio.

— Trouxe-lhe um presente de aniversário, disse afinal, entregando-lhe o cartão e o lencinho dentro do envelope.

Ela pegou o cartão.

— Você se parece muito com seu pai, comentou, e depois continuou em voz suave: o mesmo cabelo castanho, os olhos. O sorriso é igual. Mas é um pouco mais alto que ele, não é?

Uma breve pausa. Ela sorriu, como que vacilando, e de repente os olhos dela brilharam de forma diferente.

— Faz tanto tempo... Logo em seguida ela me convidou a entrar e a chamar meus amigos também. Entrei, mas disse que não poderíamos demorar, tínhamos apenas alguns minutos mais. Fez algumas perguntas sobre meus pais, a que respondi prontamente e expliquei que eu também estava-me preparando para o ministério, estudando numa escola em Missouri, e que nas férias nosso conjunto fazia tournée, cantando em diversos lugares. Acabáramos de chegar das ilhas Bahamas. Ela perguntou até onde iríamos. Respondi, e ela ficou em silêncio por uns instantes. Depois disse:

— Você tem outra tia. Sabe disso, não é, Loren? Comparada com Sandra sou uma pobretona.

Dando uma olhada pelo aposento onde estava, achei que era espantoso o que ela dissera. Em seguida, Tia Arnette lembrou que iríamos passar perto da residência de verão da Tia Sandra, e sugeriu, até com certa insistência, que procurasse entrar em contato com ela.

Olhei para o relógio. Estava na hora de ir embora. Demo-nos um aperto de mãos, e ela indagou como poderia me contactar. Dei-lhe uma cópia de nosso itinerário.

Alguns dias depois, ela ligou para a cidade onde estávamos e me disse que combinara com Tia Sandra uma visita minha. Esta iria mandar um motorista apanhar-me na Igreja Pentecostal onde nos apresentávamos, para levar-me à casa de campo dela, às margens do Lago Placid, no estado de Nova York. Tia Sandra e seu marido George circulavam numa esfera social muito esplendorosa, um mundo que eu nunca conhecera. Mas o que me impressionou mesmo foi Tia Sandra. Era difícil acreditar que tivesse 50 anos, com seus olhos risonhos, seu

cabelo castanho e ondulado, cortado bem curto. Era muito simpática e me deixou bem à vontade — lembrava-me minha irmã Phyllis. Ela me aceitou como se eu fosse um filho perdido que voltava ao lar. Até mesmo o Tio George, um homem alto, reservado, me tratou com cordialidade.<sup>^</sup> Mas a extensão de sua aceitação para comigo foi melhor demonstrada quando eu estava para começar o último ano de meu curso no Instituto Bíblico. Eu e meus pais estávamos bastante preocupados com o pagamento da matrícula naquele ano, sem saber onde iríamos arranjar o dinheiro. E Tia Sandra nos escreveu dizendo que eles tinham resolvido pagar os meus estudos, e eu poderia prosseguir com o curso superior, se quisesse.

No ano seguinte, Arnette e Sandra tiveram um reencontro com papai. Era um "final feliz", pensei comigo mesmo.

## CAPÍTULO CINCO

### *Pequenos Começos*

— É, filho, você está indo muito depressa, disse-me minha mãe certo dia, quando eu procurava uma camisa social no armário.

Estava com 24 anos, e nos últimos três meses, desde que terminara o curso e voltara à Califórnia, achara mais conveniente morar com meus pais, que então residiam em Monterey Park.

— É, respondi meio distraído.

Não sabia ao certo se mamãe dissera aquilo como um simples comentário ou como um elogio, mas estava alegre de ver que ela notara isso.

— Mas você tem que se conservar sempre humilde e consagrado a Deus; se ficar muito orgulhoso, ele não poderá usá-lo.

Assim que mamãe saiu do quarto, caminhei até a janela, e pus-me a olhar para os pés de cactus lá fora. Meu pensamento voltou ao último ano da escola, quando eu fora orador da turma, presidente do corpo discente; e depois à minha ordenação como pastor de uma igreja da Assembléia de Deus, e ao trabalho que estava realizando como líder dos jovens das igrejas de Los Angeles. Estava muito feliz com tudo... mas... orgulhoso? Geralmente mamãe acertava na mosca, quando dizia esse tipo de coisas, com uma franqueza dolorosa, mas desta vez achava que ela tinha errado. Só alguns anos depois é que me apercebi de como eram verdadeiras as palavras dela.

Na época, eu estava mais preocupado com minha inquietação. O que estava faltando? Gostava do trabalho que fazia, e os jovens eram inteligentes e interessados. Mas era obrigado a reconhecer que a maioria das atividades que organizava para eles eram como que vazias. Elas não chegavam ao coração dos jovens porque não apresentavam um desafio para eles. E isso é o que todos nós desejamos, principalmente quando estamos na adolescência e juventude. Grandes desafios.

Lembrei-me de novo da estranha visão que tivera nas Bahamas... fazia já quatro anos? A diferença entre a visão e o pequeno trabalho que eu realizava era dolorosa. Já estava na hora de eu fazer alguma coisa.

Então, alguns dias depois, procurei o líder distrital de nossa igreja, e lhe falei sobre minha idéia de fazer uma viagem missionária ao Havaí, levando alguns jovens. O plano foi aprovado e partimos com um grupo de 106 pessoas! Mas os resultados foram de dois tipos opostos. Uma turma só queria desfrutar das praias, e a outra metade queria falar do evangelho às pessoas do lugar. Não podemos misturar as coisas, Loren, disse para mim mesmo.

Uma coisa estranha: descobri que estava "arquivando" algumas experiências na mente. A primeira: com o caso dos rapazes que tinham ido às Bahamas (e haviam causado grande agitação por namorarem às jovens do lugar) compreendi que, quando alguém se engaja numa missão destas, o namoro fica fora de cogitação. A segunda: com a viagem ao Havaí, aprendi que não se pode misturar turismo com o objetivo principal de evangelizar.

Por que estaria eu guardando essas coisas na mente? E por que estava sempre recordando a visão das ondas que tivera nas Bahamas? Essas lembranças nunca se apagavam de minha cabeça. Pareciam estar atrapalhando as atividades do dia-a-dia.

Eu tinha de procurar saber o que significava aquela visão, e o que Deus queria que eu fizesse.

Talvez a melhor maneira fosse eu fazer uma viagem sozinho, e sondar as possibilidades de um trabalho em países estrangeiros. Conversei com meu agente de viagens e ele me conseguiu uma viagem pelo mundo todo com grandes descontos. Vendi meu carro, para ter o dinheiro necessário, tirei uma licença no trabalho como diretor de jovens, e parti para uma volta ao mundo, um mundo que estava conturbado. Sabia que não seria um passeio turístico. Iria provar novas experiências, é verdade, mas tinha a estranha certeza de que estava sendo guiado em direção a uma coisa que ainda não divisava bem.

Nessa viagem, o que eu percebi com maior clareza era que o homem é sempre o mesmo, em todo lugar. Estamos separados apenas por "sistemas" diversos que nos circundam e dividem. Na Índia, o fato de que milhões de pessoas esposam crenças totalmente diferentes da nossa assumiu uma realidade gritante para mim, através de uma experiência que vivi num povoado bem isolado.

Era uma noite escura, muito quente, e eu estava voltando para o hotel, quando ouvi um choro estranho que provinha de um grupo de pessoas reunidas ali perto, e resolvi ir ver o que era. Abrindo caminho entre a pequena multidão, cheguei ao meio e vi uma alta pilha de lenha. Um homem estava com uma tocha na mão, ateando fogo à lenha. Quando o clarão se intensificou mais, divisei no alto da pira a forma inerte de um garoto de pernas finas. Informaram-me que se tratava de um jovem de dezesseis anos que fora morto a facadas, numa briga. O choro foi aumentando até chegar ao desespero total, e eu me deixei ficar ali, com aquela gente, iluminado pelo clarão, dominado pela idéia de que aquele moço caíra no vazio da perdição. Havia no ar como que um desespero, contido, misturado ao odor acre e nauseante de carne sendo queimada.

Nunca mais esqueci o desespero e a agonia daquelas pessoas reunidas em torno da pira. Fui tomado por um desejo muito forte de poder dizer àquela gente que existe uma esperança para o homem, e que essa esperança é Jesus.

Mas havia uma outra coisa ocorrendo comigo naquela viagem. Era algo de mais pessoal.

Estava começando a sentir-me muito só, incompleto. Namorara algumas moças, quando estudava em Springfield, e no período em que fizera o Mestrado, na Universidade Sul da Califórnia. Mas esses relacionamentos, apesar de alguns deles terem sido bem sérios, não tinham dado em nada.

De repente, senti que estava-me faltando uma parte essencial da vida. Por que estava ali, sozinho, nessa viagem de sondagem? E a sensação foi mais forte, quando visitei o magnífico Taj Manai. Enquanto caminhava entre aqueles arcos belamente adornados, não pude deixar de admirá-los. E refletido no imenso tanque retangular via-se o monumento de alabastro rebrilhando ao forte sol indiano. E tudo fora feito por um homem, por causa do amor de uma mulher.

Senti-me muito só ao caminhar pela arcada do palácio. Queria ter alguém ao meu lado para lhe dizer: "Que coisa lindai" Mas não havia ninguém comigo.

Afinal, o que estou fazendo aqui sozinho? pensei de novo, ao caminhar ao lado do imenso tanque, e vendo minha imagem refletida nele. Por que não tenho alguém aqui para partilhar comigo de tudo isso — não apenas das coisas belas, como o Taj Mahal, mas também de meus sonhos, e da possibilidade de dar esperanças a este povo? Lembrei os pais daquele moço chorando, enquanto o filho deles era mandado para o nada. Lembrei os mendigos, de mãos estendidas para mim, em toda a parte. Como papai havia feito anteriormente, enfiei a mão no bolso e deposei moedas em quantas mãos me era possível depositar, mas havia sempre outras tantas também vazias. Era comovedor demais. E eu gostaria de poder dizer a alguém que partilhasse da mesma emoção: "Deve haver uma forma de se ajudar essas pessoas, de atender às suas necessidades espirituais e físicas."

Mas onde eu iria encontrar uma moça que compreendesse isso e a visão das ondas de jovens trabalhando como missionários? Quem iria perambular comigo pelo mundo, querendo saber se aquela visão viera mesmo de Deus? Certamente, ela teria que ter também a "sua" chamada (como dizia mamãe). E, pensando em mamãe, quem teria a coragem de entrar em nossa família, tão individualista, tão cheia de franqueza e de convicções fortes? Principalmente mamãe, pensei, e sorri comigo mesmo.

Afinal, voltei para a casa de meus pais, na Califórnia. Fiz uma viagem pelo país (sozinho de novo, e bem consciente disso), indo a várias cidades, relatando minhas experiências da volta ao mundo. Estava muito interessado em falar aos jovens principalmente sobre o mundo lá fora, um mundo primitivo, nada arruma-dinho e confortável, mas fervilhando de oportunidades para quem quisesse realizar uma obra muito importante. No entanto, quando chegava o momento de dizer exatamente o que eles poderiam fazer, as coisas ficavam um pouco vagas, pois isso ainda não estava bem claro em minha mente.



Um mês depois que voltara para a América, fiquei conhecendo Dallas e Larry, dois jovens de uma igreja em Bakersfield, Califórnia, uma das muitas onde falei.

Dallas Moore, 21 anos, um rosto redondo e olhos azuis brilhantes, cabelo castanho cortado rente e um físico de jogador de futebol americano. Ele e seu amigo, Larry Hendricks, também de 21 anos, me convidaram para ir comer um sanduíche com eles no Stan's Restaurant. Os dois trabalhavam com equipamento pesado e operavam escavadeiras e guindastes Mas ao rodarmos em direção ao restaurante, não falávamos de escavadeiras, mas de carros. O carro de Dallas, por exemplo, era um que não passaria despercebido — um Bel Air, 1956, verde piscina e branco, impecavelmente limpo (não havia nem marcas de impressões digitais nos cromados), estofamento em branco. Estava-me lembrando do meu Chevy 39, e compreendi como ele tinha sido importante para mim dez anos passados.

Mas havia alguma coisa errada naquilo tudo. Enquanto eles falavam de biela dupla, tubos duplos e carburadores triplos, eu simplesmente não estava participando da conversa. Acomodamo-nos numa das divisões do restaurante, e a garçonete nos trouxe água e se foi. Ergui o copo. Limpa. Fresca. Ali não era preciso temer a presença de bactérias. Dei uma olhada pelo salão, para as outras divisórias tão aconchegantes, onde as pessoas saboreavam seus hambúrgueres com batatas fritas. Dallas e Larry não notaram que eu havia silenciado. Parecia que todas as pessoas ali achavam-se envoltas por uma imensa bolha de isolamento — rindo, divertindo-se, enquanto lá fora estavam milhares de indivíduos de mãos estendidas, como pedintes.

Era demais para mim. Abruptamente entrei na conversa mudando de assunto. Pus-me a falar; a Dallas e Larry sobre minha viagem. E foi tudo saindo de mim, derramando como água. Falei dos mendigos, do rapaz de dezesseis anos que fora incinerado na pira, do desespero, do choro. Olhei para os dois e percebi que havia um brilho especial nos olhos deles — estavam enxergando tudo aquilo através de meu relato.

— E o melhor de tudo isso, rapazes, disse-lhes, é que há tanta coisa que podemos fazer para mudar essa situação.

Eles concordaram comigo, mas aí veio a inevitável pergunta:

— Tudo bem, Loren, gostaríamos de fazer alguma coisa. Mas como? Não somos missionários, somos operadores de escavadeira.

Ê; esta era a pergunta: como?

Um mês depois dessa conversa, eu estava rodando por Los Angeles, na rodovia Pacific Coast, com dois amigos, Bob Theetge e sua esposa Lorraine. Bob era um executivo, de quarenta anos, mas ainda bem jovem. Ele e sua esposa, uma mulher muito ativa, de olhos negros, eram membros de uma igreja em Ingle-wood, onde eu trabalhara.

Descendo pela estrada que margeava o oceano e vendo as ondas quebrarem-se ali perto, fiquei a pensar no meu problema.

Em todos os lugares a que ia encontrava jovens como Dallas e Larry que se mostravam dispostos... empolgados mesmo... com a idéia de fazer alguma coisa.

Um rapaz chegara a escrever num cartão o seguinte: "Estou disposto a morrer por Jesus!" E esse cartão estava agora em minha mão. Subitamente percebi o erro que estava cometendo. Estivera conclamando os jovens a entregar a vida a essa missão, quando o sistema do momento exigia que primeiro eles estudassem vários anos, ao fim dos quais a maioria deles já teria perdido aquele ardor evangélico. Eu era totalmente favorável ao estudo, e já estava me preparando para terminar o Mestrado, mas também tinha uma motivação espiritual muito forte, que me impelia naquele curso, sem contudo perder de vista minha chamada para o trabalho de Deus.

Compreendi que não poderia mais desafiar os jovens, enquanto não houvesse um "veículo" para eles.

Olhei para fora da janela do carro e vi as ondas rolando para a praia e me lembrei da visão. Estava na hora de fazer alguma coisa. Mas o quê?

— Loren, você está muito longe daqui! disse Lorraine sorrindo para mim.

— Pelo menos a uns mil quilômetros, confessei. Estava pensando nos jovens, e como desejam fazer alguma coisa que realmente tenha valor.

Então passei a falar a Bob e Lorraine sobre as dolorosas necessidades do mundo, bem como da energia da juventude, que eu via como uma riqueza que estava sendo desperdiçada. Mencionei também as observações que fizera e que estavam arquivadas em minha mente. Achava que devíamos reunir os jovens e enviá-los ao campo missionário imediatamente, jovens de 17, 18 anos, para que mais tarde, quando estivessem fazendo outros cursos, nas faculdades e universidades, tivessem um propósito mais profundo, sempre renovado. Eles ficariam lá por períodos curtos — dois meses por ano. E cada um deles devia estar bem consciente de que se achava ali para trabalhar, e não para fazer turismo. Cada um tinha que arcar com suas próprias despesas. (Ninguém iria receber uma - passagem grátis para viajar pelo mundo.) E mais uma idéia me veio à mente, com muita força. Era uma idéia nova, mas tinha um timbre de verdade: em qualquer trabalho missionário que fôssemos realizar, devíamos aceitar voluntários de todas as igrejas e não apenas de uma denominação. Estava espantado de ver como as idéias me vinham claras e nítidas.

E foi aí que Bob disse três palavras muito sérias. Virou-se um pouco para mim e falou em voz suave:

— Então vamos agir!

Senti, naquele instante, que alguma coisa começara. O que Bob disse não foi: "Faça isso", mas "Então vamos agir!"

As vezes. Deus nos fala de forma grandiosa, pensei comigo mesmo, como por ocasião da visão das ondas que eu tivera nas Bahamas. Mas agora ele me falava através daquelas três palavrinhas de um amigo: "Então vamos agir!"

Escolhemos o nome que seria dado à organização, e foi assim que surgiu Youth With a Mission (Jovens com Uma Missão) em dezembro de 1960. E saímos à procura de nossos primeiros voluntários. Precisando de um lugar onde pudesse conversar com os interessados, transformei meu quarto de dormir num gabinete de trabalho.

— Vou ajudá-lo a arranjar um sofá-cama para seu quarto, Loren, disse-me Lorraine. Assim você terá espaço para colocar nele uma escrivaninha.

E pouco depois eu e Bob estávamos levando para lá um sofá-cama. Com uma máquina de escrever e um mimeógrafo de segunda mão, que montamos na garagem, começamos a imprimir as primeiras divulgações que pretendíamos enviar a uma lista de pastores que, por sua vez, as iriam distribuir entre os jovens de suas igrejas.

Pedi o auxílio de mamãe, papai e Janice, que era estudante do segundo grau, para me ajudarem a dobrar, sobrescritar e selar 180 das cartas que acabáramos de mimeografar. Fizemos o trabalho no chão da sala de visitas, junto às grandes janelas que davam para o Vale San Gabriel. Minha irmã Phyllis escapara da tarefa, pois havia-se casado com Leonard Gris-wold, tenente da marinha, e estava morando em Los Angeles. Ambos estavam lecionando em escolas daquela cidade, e aguardavam para janeiro a chegada do primeiro filho.

— Ei, mano, não vou receber nada por este trabalho? indagou Janice.

— Vai receber seu galardão no céu, maninha, respondi rindo.

Mas pensei novamente nas condições que havíamos estabelecido nas cartas que estávamos para enviar. Iriam trabalhar sem receber pagamento; aliás, eles teriam que pagar para ir. Seria um duro trabalho de evangelismo, não uma viagem turística, E nada de namoros.

Quando levei os pacotes com as circulares para a agência local dos correios, já imaginava a reação que iríamos receber de toda a parte: "Puxa! Por que ninguém teve essa idéia antes?" diriam eles. "É simplesmente maravilhoso!"

E as reações não demoraram a aparecer, mas não foram como esperávamos. Ah, os jovens ficaram empolgados, é verdade. Já estávamos recebendo cartas de pessoas que se apresentavam como voluntários. Mas foi papai quem chamou minha atenção para o fato de que alguns líderes não se mostravam muito entusiasmados. (Por essa ocasião, papai não estava mais pastoreando nenhuma igreja, pois fora indicado para um cargo nos quadros de nossa denominação — com uma tarefa especial na área de missões.) Resolvi ir a Springfield e conversar com as pessoas que se encontraram na liderança do trabalho de missões.

Eles me receberam com muita cordialidade, a mim, um novato, mas apontaram todos os pontos problemáticos de meu plano. Jovens inexperientes nos países estrangeiros seriam um elemento explosivo e perigoso, disseram. O nacionalismo e os tumultos políticos estavam aumentando, e por causa disso a denominação já estava encontrando dificuldade para impedir a expulsão de muitos dos missionários experientes. E ainda havia as complexidades que cercavam as diferenças culturais; o perigo das doenças e outras dificuldades. E a última coisa que desejavam era que um bando de garotos em busca de emoções fossem atrapalhar a obra que os missionários estavam tentando realizar.

Um dos homens deve ter percebido meu desalento, pois logo inclinou-se para mim e apresentou uma contra-proposta.

— Agora, se você quisesse mandar como voluntários os nossos estudantes, Loren, e mandá-los, digamos, para um local onde já houvesse um trabalho bem organizado, e onde pudessem receber uma orientação adequada, e aqui ele fez uma pausa esperando que eu captasse bem a idéia, bom, se você aceitasse isso, até eu batera palmas para sua idéia.

Por que não? pensei comigo mesmo.

Logo que regressei à Califórnia, tive notícia de que surgira uma oportunidade de trabalho na Libéria, para operadores de máquinas pesadas, que deveriam abrir uma estrada através da selva, uma estrada que conduzia a um leprosário. Lembrei-me imediatamente de Dallas Moore e Larry Hendricks. Telefonei para Dallas e disse-lhe que ele e Larry poderiam ser nossos primeiros voluntários. Perguntou-me sobre a questão financeira e expliquei que eles próprios teriam que responsabilizar-se por seu sustento. Replicou que iria conversar com seus pais e com Larry. Esperei a resposta ansiosamente por vários dias. Afinal, ele me ligou. Eu estava de fôlego suspenso e ele começou a falar com aquele seu jeito lento, que conversara com seus pastores e com seus pais e... bem... eles achavam que estava tudo muito certo.

Ótimo! gritei interiormente. Já estamos começando!

Em seguida, Dallas acrescentou mais uma informação.

— E quanto ao dinheiro, bom, Loren, vou vender meu carro.

Lorraine Theetge também se integrou ao trabalho, sem receber salário, como aliás todos nós. (Minha própria fonte de renda eram as ofertas que recebia nas ocasionais conferências que proferia.) Aquela altura havíamos arranjado uma sigla para o grupo YWAM\*, pela qual ficamos conhecidos.

E antes mesmo que Dallas e Larry partissem para o trabalho no leprosário da Libéria, já tínhamos outros jovens preparando-se para seguir para outros postos missionários.

Logo saí a campo à procura de novas possibilidades de trabalho para nossos voluntários, e tão atarefa-do me encontrava que, quando Larry e Dallas partiram para a Libéria em outubro, eu estava na Nigéria. Papai me escreveu contando que a despedida deles fora maravilhosa. Ele e outras pessoas haviam rodeado os dois rapazes, bem no aeroporto de Los Angeles, e tinham imposto as mãos sobre eles e orado por eles. Logo depois, Dallas e Larry tinham embarcado no 707 da TWA para a Libéria.

Excelente! pensei dobrando a carta. Os dois primeiros enviados da YWAM<sup>2</sup> já estavam a caminho de sua missão. Ainda não eram as ondas de jovens, mas era um começo. Mas eu sabia que muito breve milhares de outros moços estariam partindo, como Dallas e Larry.

Voltando aos Estados Unidos, eu estava pensando passar um dia em companhia de Tia Sandra. Ela e Tio George haviam-me convidado para ir visitá-los. Eu sabia que era para falar sobre um emprego — um ótimo emprego. Telefonei para Tia Sandra e disse-lhe que poderia passar por lá em minha viagem de regresso.

---

<sup>2</sup> Esta sigla corresponde, no Brasil, à JOCUM. NT.

E foi assim que mais uma vez fui recebido no maravilhoso círculo de George e Sandra Meehan.

Remexi-me por entre os lençóis de seda e olhei para o céu. Não conseguira pegar no sono logo; o sol já estava alto, enchendo o elegante dormitório de uma claridade luminosa. Tia Sandra iria certamente oferecer-me aquele emprego, e eu teria de dizer-lhe que ouvira o chamado de Deus para seguir em outra direção. Ia ser muito difícil. A questão era: será que eu continuaria a obedecer-lhe? Passei o dedo de leve sobre o monograma de Tia Sandra bordado nos lençóis de seda. Estava claro que eu sabia apreciar coisas boas. Desde a época em que eu trabalhara dobrado na entrega de jornais para comprar as botas de índio e o Chevy pintado de azul metálico, aprendera a gostar de coisas de boa qualidade. Era uma sensação boa, a de estar naquele ambiente elegante, de andar no Cadillac de Tia Sandra e até dirigi-lo vez por outra.

Olhei o relógio. Nove horas! Liguei para Hawkins pelo interfone, e daí a instantes ele apareceu trazendo uma bandeja de desjejum com as coisas de que eu gostava — melão maduro, waffles, ovos, bacon e um copo de suco de laranja fresquinho.

Comi apressadamente e desci. Tio George já saíra, mas passei pela porta dos fundos que dava para o pátio e encontrei minha tia a esperar-me ali. Ao ver-me, ela se ergueu e me cumprimentou com um beijo no rosto. Gail, a cadela boxer, pôs-se a rodar em volta de minhas pernas e a lamber minhas mãos.

— Bom dia, querido Loren. Dormiu bem?

— Otimamente! respondi sem muita animação. Mas acho que dormi além da conta.

Fomos para o gramado e nos sentamos nas cadeiras ali.

— Estamos tão alegres de você ter vindo, Loren. Eu... nós estamos ansiosos para saber se você aceitaria a possibilidade de vir trabalhar com o Tio George.

Pronto, ali estava o convite. Essa era a pergunta que eu sabia que teria de responder, esse o momento crítico que eu teria de enfrentar. Eu gostava muito de minha tia e reconhecia a generosidade de Tio George ao fazer-me aquele convite. O que eles me ofereciam era a possibilidade de entrar para o negócio deles — uma empresa que valia milhões de dólares — como se fosse um filho, o herdeiro deles. Era muito irônico o fato de que estava diante da mesma tentação por que meu pai passara anos antes, quando Sandra e Arnette tinha desejado ajudá-lo a continuar os estudos. E ali estava eu, anos mais tarde, passando pelo mesmo teste com uma de suas irmãs. E como eu gostava muito dela, ficou ainda mais difícil fazer o que eu sabia teria de fazer.

— Vamos dar uma volta, disse eu meio evasivo. Gail deu um salto e saiu correndo à nossa frente, e nos pusemos a caminhar pelo gramado em direção ao dique lá embaixo e ao Lago Worth, que ficava ao fundo da propriedade deles.

Ficamos os dois ali de pé, olhando para aquele imenso volume de água. Dei um suspiro fundo.

— Não é que eu não admire o que a senhora está-me oferecendo, tia...

— Mas vai recusar, não é?

Tentei descrever — já que não conseguia explicar — aquele chamado que eu recebera para ser pregador, quando estava com 13 anos. E depois a visão que Deus me dera aos vinte, a visão de ondas e ondas de jovens levando as suas boas-novas a todos os continentes. Não sei por que, ao ouvir minha própria voz falando daquela visão, aquilo me pareceu um pouco de presunção.

— Já sei de tudo isso, Loren, replicou Tia Sandra com voz suave, mas com uma ponta de irritação. Pelo menos, você não poderia fazer esse trabalho aqui nos Estados Unidos? Existem muitas e muitas pessoas aqui mesmo que precisam dessas coisas.

(E pense só em quanto você poderia realizar, se tivesse milhares de dólares à sua disposição, disse-me uma voz interior.)

Olhei para o rosto de Tia Sandra e vi a preocupação e o interesse dela ali estampados, e foi como se uma faca me cortasse por dentro. Achava horrível ter de desapontá-la, mas sabia que tinha que superar esta prova. Afinal reencontrei minha voz.

— Não posso, Tia Sandra. Simplesmente não posso. Deus me chamou foi para trabalhar em qualquer parte do mundo e tenho que obedecer.

Tia Sandra virou-se para mim e pegou minhas mãos.

— Loren, Loren, nossa família já foi muito dividida por causa de religião. Não deixemos que isso aconteça de novo. Desejo-lhe muita sorte em seu trabalho, e dê minhas lembranças à sua mãe e seu pai. Eu explicarei tudo ao George, da melhor maneira possível.

Estava acabado. Atravessei a grande porta de folhas duplas, descua escadinha de mármore, e ouvi Hawkins cerrar a porta às minhas costas. Virei-me mais uma vez, e vislumbrei a figura de Tia Sandra a olhar-me pela janela da biblioteca.

E enquanto o táxi me levava embora daquela casa, tomei a determinação de não me afastar de Tia Sandra e Tia Arnette, mas, acontecesse o que acontecesse, seria fiel ao meu chamado. E enquanto atravessávamos a ponte em direção ao aeroporto, comecei a pensar sobre as ondas e qual seria o próximo passo. Ondas? Contávamos com seis voluntários a caminho do seu campo de trabalho. Não se podia chamar isso de ondas. Um mero regato, talvez.

## CAPÍTULO SEIS

### *Auxiliadora, Esposa e Amiga*

Já fazia dois anos que havíamos iniciado os trabalhos da YWAM, e naquele dia eu estava em companhia de um casal de amigos, que conhecera fazia pouco tempo, Ed e Enid Scratch, e de sua filha, Darlene. íamos almoçar juntos num restaurante em San Francisco. A jovem loura (calculei que devia ter uns vinte e poucos anos) estava sentada bem no canto oposto do banco traseiro. Era de um silêncio quase hostil, e usava um vestido horrível — de um tecido xadrez em preto e marrom. Eu havia conhecido centenas de moças em meus vinte e sete anos de vida, e achei que aquela devia ser muito conservadora. Entretanto, senti meus olhos sempre se dirigindo para ela. Ela não olhava para mim, mas

também não tomava iniciativa de conversar com os pais, como se houvesse ali uma certa tensão. Tinha, porém, belos cabelos cor de mel, e certamente possuía uma bela figura, dentro daquela roupa simples.

— Servem um ótimo smorgasbord<sup>3</sup> nesse lugar, Loren, disse o pai de Darlene, quebrando um silêncio estranho, que já durava alguns segundos.

E ele tinha razão. Encaminhamo-nos para as longas mesas cheias de pratos deliciosos, dando suspiros de prazer. Acomodamo-nos para comer, e outra vez longos períodos de silêncio eram interrompidos por curtos intervalos de conversação.

— O que vem a ser essa Youth With a Mission (Jovens com Uma Missão)? indagou Darlene abruptamente, fitando-me diretamente com seus olhos muito azuis.

— Ah, bom, eu... quer dizer, nós desejamos um dia ver ondas e mais ondas de jovens indo trabalhar no exterior como missionários.

Na verdade, não havia mais muita coisa para se dizer. Poucos dias antes, meu pai fizera uma viagem à Libéria para visitar Dallas e Larry. Eles estavam-se saindo muito bem, construindo a estrada para a colônia de leprosos, bem como falando do Deus que nos criou a todos, nos mais remotos povoados da região. Expliquei a Darlene nosso plano de trabalho voluntário, as possibilidades que os jovens tinham de auxiliar os missionários, fazendo seu próprio trabalho. Para surpresa minha, de repente, ela ficou interessada.

— Quantos voluntários vocês já enviaram?

— Dez.

E ao dizer isso, percebi que abaixara a voz. O número parecia tão acanhado. E eu ainda não tinha nada bem montado, mas pelo menos já contava com duas auxiliares, Lorraine Theetge, e uma senhora idosa, Sr.a Overton, que a ajudava. Duas funcionárias e um punhadinho de voluntários. Nada grandioso.

— Pois eu acho a idéia maravilhosa; você não acha, meu bem? indagou a mãe de Darlene ao marido, vindo em meu apoio.

Ele concordou com um entusiasmo um pouco forçado, e em seguida foi pagar a conta. E nós quatro voltamos para a igreja de Ed Scratch, em cujo estacionamento restavam apenas o meu fusca de cor verde oliva, e mais outro carro. O outro veículo era um Ford 39, de cor preta, modernizado, e com a frente abaixada.

— De quem é esse carro? perguntei a Darlene apontando para o Ford, através da janela do carro do pai dela.

— É meu, respondeu ela. Como ele não é um Thunderbird, eu o chamo de Thunâevgoose<sup>4</sup>.

Hmmm. Essa mocinha não era tão acanhada como eu pensara. Saí do carro e dei a volta para abrir a porta para ela. Notei que nesse intervalo ela deu uma

---

<sup>3</sup> Smorgasbord — Um tipo de buffet que consta de diversos pratos, dos quais o freguês se serve à vontade. NT.

<sup>4</sup> A palavra goose significa "ganso". Evidentemente há a intenção de fazer um trocadilho acerca da aparência e condição do automóvel. N.T.

olhada rápida para o espelho retrovisor e ajeitou o cabelo. Ao sair, ela esbarrou em mim acidentalmente, mas não me importei nem um pouco.

Darlene não parecia estar com muita pressa de ir embora, depois que seus pais se foram. Encostamo-nos no seu velho Ford e ficamos a conversar uma boa parte da tarde. Era um daqueles dias perfeitos, como só há na Califórnia, com uma brisa leve soprando do Oceano Pacífico. Fiquei sabendo que ela trabalhava como enfermeira e se sentia muito realizada. Em sua família também contavam-se muitos pastores e missionários, das Assembléias de Deus. Quando lhe disse que desejava ver mil jovens trabalhando no campo missionário, ela ficou em silêncio.

— Você não acha que todos os crentes são chamados, não é, Loren? disse afinal. Nem todo mundo pode ser pastor.

— Nem todo mundo pode ser pregador, mas todos os crentes têm uma chamada.

Fiz uma pausa mas logo senti que devia dizer:

— Todo homem e mulher, Darlene. E todos temos que obedecer a essa chamada — por mais que alguém tente afastar-nos do caminho certo.

Houve outro silêncio. Um pouco adiante, rua abaixo, ouvíamos algumas crianças gritando, jogando bola. Receei ter ofendido a moça e, surpreendentemente, comecei a desejar que não o tivesse feito. Afinal ela falou.

— Você está com toda a razão, Loren, disse sorrindo.

Gostei dela. Nada de coquetismos, nem brincadeirinhas de gato e rato. Por que foi que de repente eu me lembrei do Taj Mahal?

Voltei para o Sul da Califórnia, chegando ali a tempo de receber Dallas e Larry que regressavam da Libéria, depois de haverem passado um ano lá. Enquanto rodávamos pela cidade, íamos conversando. O rosto redondo de Dallas brilhava de animação, enquanto ele talava do trabalho de construção da estrada pela selva e do evangelismo que realizavam nos fins de semana. Aquela aventura, disse ele, fora a coisa mais importante que acontecera em sua vida. Ao me despedir deles, sabia que em qualquer coisa que trabalhassem depois, teriam sempre aquela outra dimensão — a certeza de que tinham tido participação vital na obra de pregar o evangelho ao mundo.

Mas mesmo ao dar por encerrada essa primeira experiência com nossos missionários voluntários, eu tinha consciência da grande dimensão da tarefa que se desdobrava à nossa frente.

Dirigindo para casa, recordei-me de uma inquietante experiência que tivera em minha viagem de sondagem à África, antes de enviar para lá Dallas e Larry. Visitara um pequeno povoado, onde eu era a primeira pessoa a levar o evangelho de Jesus. Preguei ao velho chefe nativo, através de um intérprete, dizendo-lhe que Deus enviara seu Filho ao mundo, e ele acenou afirmativamente. Depois, vi o chefe e outros ali fazerem uma avaliação da decisão a ser tomada.

Algumas semanas depois, tomei o avião para deixar o Congo. Olhando pela janela, avistei uma fina coluna de fumo — erguia-se de uma aldeia semelhante àquela que eu visitara. Depois vi mais duas, mais três. E de todos os lados, na



linha do horizonte, viam-se os filetes de fumaça que se elevavam das aldeias. Foi então que vi ilustrada ali a grandiosidade da ordem que Jesus nos dera — Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura — marcada nas centenas de colunas de fumaça que subiam ao céu, naquele entardecer.

Dallas e Larry estavam de volta a Bakersfield. E eu estava novamente fazendo minhas viagens, mas sempre com o pensamento voltado para a moça do vestido sem graça. Liguei para Darlene, e ela atendeu-me amistosamente, mas senti que ainda estava resistindo. Dias depois, liguei de novo e escrevi para ela, mas parecia que nunca achávamos um jeito de nos encontrar. Afinal resolvi empregar uma estratégia diferente. Soube que ela estava para visitar uma tia em Los Angeles. Liguei para ela.

— Darlene, disse-lhe ao telefone, preciso ver você. Há um vôo que sai de San Francisco às oito horas. Vou ficar esperando você no aeroporto. Se não vier nele, vou pegar o avião para aí.

E foi assim que tivemos nosso primeiro encontro de verdade. Ela estava encantadora, com um conjunto amarelo, com o cabelo louro muito bem penteado. Entretanto, sua atitude ainda era bastante reservada. Sentia-me meio confuso, alegre pela companhia dela, mas ainda sem saber o que ela me escondia.

Na quarta vez que saímos juntos, levei Darlene para um dos pontos altos da cidade, de onde se tinha uma vista panorâmica de Los Angeles. As luzes da cidade brilhavam como diamantes sobre um fundo de veludo negro. Ela parecia estar muito interessada em manter-se bem afastada, no canto oposto do banco do fusca.

— Dar, principiei, chamando-a pelo apelido, você tem alguma coisa para me dizer?

Ela me fitou diretamente e disse:

— Você é um bom amigo, Loren. Ê mesmo...

— Você ia dizer "mas". Mas o quê?

— Loren, você tinha razão quando me disse que não deveríamos deixar ninguém se interpor entre nós e a vontade de Deus. E havia uma pessoa (meu coração se reanimou de novo com aquele havia). O nome dele era Joe.

Lentamente ela foi-me contando os fatos, enquanto olhava para as luzes brilhantes da cidade. Contou-me que, quando tinha nove anos, tivera uma visão em que se vira cercada de crianças asiáticas. Seu coração lhe disse que aquilo era sua chamada. Deveria tornar-se missionária. Mas haviam-se passado quatorze anos e ela se apaixonara por Joe. Só que ele não tinha o menor interesse por missões. Sem que seus pais soubessem, Dar estava pensando em se casar com ele, esquecendo tudo que dissesse respeito à sua chamada missionária.

— Meus pais perceberam que havia alguma coisa errada, e estavam preocupados comigo. Foi por isso que meu pai insistiu muito para que eu fosse ao restaurante Dinah's Shack naquele dia — estavam querendo que eu conhecesse alguém que me fizesse esquecer o Joe. Fiquei com tanta raiva, que

resolvi que iria me portar com o mínimo de educação possível. E por isso vesti meu pior vestido.

Dei uma risada, mas ela apenas sorriu e continuou a contar. Meu comentário acerca da obediência ao chamado de Deus a convenceria de que deveria parar de enganar a si mesma. Naquela mesma noite, ajoelhou-se e entregou a Deus seu amor pelo Joe.

— Disse a Deus que iria obedecer-lhe, custasse o que custasse. Se ele quisesse, iria ser uma missionária solteirona.

Tentei interrompê-la, mas ela continuou.

— Pedi a Deus que removesse de meu coração o amor pelo Joe.

No dia seguinte aconteceu uma coisa muito estranha. O Joe ligou para ela perguntando-lhe o que acontecera na noite anterior, às 10:30. Disse que de repente tivera a sensação de que a havia perdido.

— Mas escute aqui, Dar, disse quando ela terminou de falar, tem uma coisa errada aí. Foi Deus quem lhe disse que você deveria ser uma missionária solteira, ou foi você quem acrescentou isso?

Pelo silêncio dela, compreendi que havia acertado em cheio. Ela tinha pensado que, para ela, servir a Deus como missionária implicava em não se casar. Aí é que descobri por que ela tinha adotado uma atitude distante, embora não inamistosa.

Mas havia ainda outra coisa que eu precisava saber sobre aquela moça. Já sabia que ambos tínhamos uma chamada missionária. Esua vivacidade e disposição revelavam que ela poderia até aceitar viver apenas com uma mala de viagem, como eu. Mas será que ela se entrosaria com minha família? Com minha mãe?

No primeiro encontro que tivemos depois disso, levei-a à casa de meus pais — a mesma onde meu quarto de dormir fora o primeiro escritório da YWAM. Quando passávamos pelas plantas de cactus do quintal em direção à porta, comecei a me inquietar, indagando-me como seria que as coisas se iriam passar. Será que Dar entenderia que mamãe latia mais do que mordida? Será que mamãe gostaria dela?

Mamãe e papai vieram receber-nos à porta, ele com seu corpanzil ocupando toda a porta, e mamãe tão alta, com seus olhos negros e francos a olhar Darlene de alto a baixo.

— Como vai?

Papai tinha um sorriso amplo, estendendo-lhe a mão enorme. Mamãe não disse nada. Fiquei de fôlego suspenso.

Então, aconteceu a pior coisa que poderia ter acontecido. Ela se pôs a apalpar os braços e ombros de Dar, e depois disse abruptamente:

— Você é muito magra, e sua saia é curta demais.

— Não sou não, e ela não é não, respondeu Darlene prontamente, sem perder um minuto.

E disse isso sorrindo. Em seguida, estendeu a mão para ela, os olhos brilhando.

— Como está, Sr.a Cunningham?

Houve um longo segundo de intervalo, no qual mamãe ficou parada, a cabeça ligeiramente inclinada para um lado. Mas logo em seguida, ela ergueu os braços, deu uma boa risada e envolveu Darlene num abraço. Dei um suspiro de alívio. Tinha encontrado uma moça que não se deixaria intimidar por mamãe — e a amaria também.

Nas semanas que se seguiram, eu e ela fizemos diversas viagens de San Francisco a Los Angeles e vice-versa.

Quatro meses depois que nos conhecemos, encontramos-nos certa vez em San Francisco, pouco antes do Natal, e fomos lanchar no restaurante BlunVs. Sentados nas cadeiras de ferro trabalhado, comíamos um delicioso bolo.

— Darlene, falei, gostaria de passar o resto de minha vida ao seu lado.

Ela resmungou qualquer coisa e mudou de assunto. Pouco depois insisti de novo.

— Estou falando sério, Dar. Quero me casar com você.

— Tenho que pensar um pouco, disse ela. Mas logo depois falou:

— Já pensei. Aceito!

Tomei-a nos braços e a beijei. Deus me dera a companhia que queria, e meu coração estava cheio de alegria. Três semanas depois, no aniversário dela, 5 de janeiro de 1963, dei-lhe de presente um anel de noivado, e em seguida marcamos a data do casamento para 14 de junho, dali a seis meses e uns dias.

#### CAPÍTULO SETE

### ***Deus Fala Diretamente a Nós***

Apesar de toda a trabalhadeira com os preparativos do casamento, consegui tempo para fazer uma viagem às ilhas Bahamas por ocasião da Páscoa, dois meses antes da data marcada. Ia ser gostoso rever aquelas belas águas azuis novamente, depois de um intervalo de sete anos, mas meu objetivo era sondar locais possíveis para um evento de grande porte. Era a primeira vez, depois da nossa primeira experiência meio fracassada, meio vitoriosa, de levar jovens ao Havaí, havia três anos, que eu desejava levar outro grupo, uns cem jovens ou mais. para pôr em prática o que eu vislumbrara em minha visão das ondas. Àquela altura, já contávamos com cerca de vinte voluntários, todos jovens vocacionados, mas eu queria muito realizar um projeto mais dinâmico — mais semelhante à visão que eu tivera.

As floridas ruas de Nassau não tinham mudado nada, nem os policiais, com suas fardas brancas e capacete de explorador. Enquanto rodávamos por uma belíssima praia, recordei a visão que tive dos continentes, com ondas altíssimas a cobri-los, os jovens pregando, ministrando o evangelho às pessoas.

Isso é mesmo de Deus, pensei, deixar-nos enviar nossa primeira onda aqui, exatamente onde ele me dera a visão. Havia muito eu já descobrira que o Senhor nos dá indicações prévias de seus planos para conosco. Se contássemos com cem jovens, calculei, poderíamos atingir todos os lares das trinta ilhas do arquipélago.

No dia seguinte, conversei com os líderes das igrejas locais, inclusive os da igreja que me hospedava, o Templo Evangelístico. Expliquei-lhes nosso sonho

de levar à ilha centenas de jovens, nos meados de julho e agosto. Disse-lhe que os próprios jovens fariam todas as suas despesas. E iriam para trabalhar, não para se divertir. Iam dedicar todo o período das férias de verão para o evangelismo. O nome do projeto já dizia tudo: "Um Verão de Serviço Cristão". Nós nos dedicáramos ao serviço de Jesus.

A reação deles foi exatamente a que eu esperava: um entusiástico convite. Senti-me bastante animado, quando saí daquela igreja. Quando voltasse para casa, daí a alguns dias, poderia dizer a Darlene que já tínhamos nosso primeiro grande projeto de trabalho na YWAM.

Voltei depressa para a Califórnia, ao encontro de minha noiva. Tivemos um casamento tradicional na igreja dos pais de Dar. Ela veio ao meu encontro pelo corredor central da igreja, com seu vestido branco de cetim, os olhos azuis brilhando sob o véu. Meu pai e o pai dela oficiaram a cerimônia conjuntamente, orientando-nos na hora de recitarmos os votos matrimoniais. Minha irmã Phyllis cantou um solo, e seu marido, Len, foi um de meus padrinhos. Jannie também teve participação na cerimônia, enquanto mamãe ficou sentada na primeira fila, sorrindo muito feliz.

Tivemos duas convidadas muito queridas, Tia Arnette e Tia Sandra. Após a cerimônia, elas nos ajudaram na recepção, servindo café ou chá aos convidados, segundo a tradição americana. Tive a agradável sensação de que tudo estava completo, o círculo rompido fora refeito.

— Olhe, Loren, disse-me a certa altura Tia Sandra, servindo-me um pouco de ponche de frutas, sua noiva é muito linda, e tenho certeza de que ela irá auxiliá-lo em seu trabalho.

Em seguida, ela voltou ao seu lugar, onde servia o café; senti que finalmente as coisas se acertaram — ela estava torcendo por mim e pela minha missão, e não mais tentando afastar-me dela.

Diante do Taj Mahal eu pedira a Deus uma companheira; naquele momento percebi que fizera uma oração, embora na ocasião tivesse sido apenas um anseio não expresso em palavras. Havia procurado uma jovem que também tivesse uma chamada missionária, que pudesse integrar-se bem à minha família e à vida incomum que eu levava. Darlene se encaixou bem em todos os aspectos. Mas havia mais uma coisa que eu estava ansioso por ver — como ela se encaixaria na obra.

Resolvemos fazer uma viagem missionária pela Europa e Ásia — logo depois da lua-de-mel — para ver se Darlene recebia a orientação de Deus quanto à sua função no nosso trabalho. Tínhamos tido um fim de semana para a lua-de-mel, em Carmel, na Califórnia, e depois guardamos nossos presentes de casamento na casa de nossos pais. Mas antes de partir para o exterior, levei-a para ver uma casa que eu comprara em Lar Puente, uma casa ampla, de quatro quartos. Havia dado uma pequena entrada, e o resto fora financiado, papai entrando como meu fiador. Depois a alugara para pagar as prestações.

— É uma segurança para o futuro, expliquei à minha noiva.

O nosso "Verão de Serviço Cristão" seria dali a um ano, mas naquele momento nossa principal tarefa era conhecermos-nos mutuamente e procurar

descobrir como iríamos trabalhar em conjunto. Afinal eu já me encontrava naquele tipo de ministério havia três anos, mas para Dar era o começo. A última coisa que eu desejava era que ela se tornasse minha mera acompanhante.

Estávamos no meio de nossa viagem, quando chegamos à Índia e fomos ver o Taj Mahal. Era noite de lua cheia. Ficamos ali parados, um com o braço na cintura do outro, contemplando aquela belíssima estrutura branco-pérola, brilhando à luz azulada do luar. Naquele momento, olhando para Darlene, os cabelos refletindo o brilho do luar, pude compreender por que um homem é capaz de construir um monumento tão extravagante para sua esposa.

Parecia-me que tudo estava indo tão bem, que o fato que aconteceu mais tarde pegou-me de surpresa. Estávamos em Singapura, hospedados num pequeno quartinho de uma casa de uma missão, que fora "construída na época em que a ilha ainda era possessão britânica. Era uma casa de paredes grossas, teto bastante alto, com ventiladores ruidosos, assoalho de madeira e janelas grandes protegidas por barras de ferro.

Certo dia, quando voltei para casa, encontrei Dar deitada na cama. Corri para ela e me sentei ao seu lado.

— Dar, está passando mal? indaguei.

Virei-a para mim e percebi que estivera chorando, pois os olhos estavam vermelhos e inchados.

— O que houve?

Ela não respondeu imediatamente. O velho ventilador do teto mal agitava o ar ambiente, quente e úmido.

— Nada, respondeu ela, nada mesmo, meu bem. Por que as mulheres sempre dizem isso? pensei.

— Mas é claro que há alguma coisa, Dar, falei. Diga-me o que é.

Uma mosca enorme voava no alto, com seu zumbido forte. Ao longe, ouvia-se a voz de um sacerdote muçulmano convocando os fiéis às preces. E pouco a pouco os fatos foram-se revelando.

— Meu bem, disse Dar. Parece que todo mundo quer que eu seja algo que não sou.

Era verdade. Em todos os países onde passáramos, os irmãos haviam recebido bem minha esposa e, inocentemente, lhe perguntavam: "Você toca piano?"

E ela tivera que dizer: "Não". "Canta?" "Não." "Que seminário você fez?" "Escola de enfermagem." "Ah..."

— Loren, disse ela sentando-se e enxugando os olhos, tenho orado a Deus pedindo que ele opere um milagre em minha voz, para que eu possa cantar; você sabe como minha voz é.

Dei uma risada e disse-lhe que, se eu quisesse uma moça que sabia tocar piano e cantar, teria procurado uma assim.

— Darlene, disse-lhe, parece que você está querendo que eu lhe diga qual será sua função nessa obra.

Segurei as mãos dela, mas lembrei-me de algo que me impediu de dar-lhe uma ajuda mais direta naquele momento. Lembrei-me daquela ocasião, quando

eu era garoto, em que me enfiara atrás do sofá, para orar por meu pai que estava muito doente. Recordei que um homem viera à nossa casa, dizendo que ele tinha tido uma "visão" de que meu pai iria chegar num caixão. Depois lembrei-me da voz de mamãe respondendo:

— Numa questão importante como essa Deus terá de falar diretamente comigo.

Abracei Darlene, procurando endurecer um pouco meus sentimentos. Depois afastei-a ligeiramente e fitei-a direto nos olhos, já tão avermelhados.

— Querida, isso é uma coisa que você mesma terá que resolver com Deus, diretamente com ele. Sinto muito, mas não posso ajudá-la em nada.

Foi uma atitude muito penosa, mas saí do quarto e deixei-a ali sozinha.

E Darlene recebeu a orientação de Deus, ela mesma. Mais tarde, quando regressei, encontrei-a muito feliz.

— Loren, disse ela, Deus me falou através da história de Davi e Abigail. Abigail disse que iria lavar os pés dos servos de seu marido. Esse é o meu ministério. Devo ser uma serva — para lavar os pés dos missionários.

Pareceu-me uma função muito pequena, principalmente para uma pessoa tão capaz como Dar, mas ela estava muito alegre, e eu não podia deixar de me alegrar com ela. Abracei minha esposa, e fiquei pensando no que aquilo significava realmente. Ela era a primeira dentre as muitas pessoas a serem chamadas para trabalhar na YWAM em tempo integral, mas cada um que viesse teria que descobrir, por si próprio, seu lugar certo dentro da obra. O ministério não teria que obedecer a estereótipos tradicionais. Deus tinha uma missão especial para cada um. E cada indivíduo teria que receber essa orientação diretamente de Deus, e não apenas aceitar o que eu dissesse, como se fosse a palavra dele.

Tanto eu como Dar sabíamos que o elemento básico era a atitude do coração de cada um. E ela já acertara isso. Acertara mesmo.

Nos outros lugares onde passamos, depois de Singapura, vi-a desenvolver seu ministério de "lavar os pés". Sempre que via uma missionária cheia de trabalho, apresentava-se para ajudá-la, lavando a louça, e insistindo para que a mulher aproveitasse para dar um pouco mais de atenção aos filhos. Além disso, ela se esmerava na arrumação dos quartos onde nos hospedávamos, para que nos sentíssemos ali como se estivéssemos em nossa casa — ela apanhava flores do mato, e, na falta de outra coisa, colocava-as em vidros. Depois, percebi que o ministério dela canalizava-se para outra direção também, aliás uma direção muito importante. Ela sentia o problema das pessoas e procurava atender às suas necessidades, responder às suas perguntas, e conversava longamente com elas, escutava-as, apresentava idéias, dava conselhos. Eu estava muito feliz por Deus haver-me dado Darlene antes de iniciarmos aquele primeiro grande trabalho nas Bahamas. O nosso "Verão de Serviço Cristão" prometia ser muito trabalhoso. A primeira grande onda de jovens estava para partir. Uma vibração muito forte começou a agitar-se dentro de mim. Não via a hora de chegar às Bahamas.

Era uma manhã fria e chuvosa, em fevereiro de 1964, vários meses depois. Na lareira da casa de meus pais, uma pilha de toras de lenha estalava ao crepitar do fogo. Com exceção de Janice, que se encontrava em Springfield, estudando, toda a família estava reunida ali, inclusive os dois filhos de Phyllis e Len, que no momento brincavam com seus bloquinhos, na cozinha.

Eu e Dar conversávamos com tal animação, que nem mesmo minha querida mãe tinha oportunidade de introduzir uma palavra que fosse.

— Nosso alvo serão as trinta ilhas, disse eu abrindo um mapa da região do Caribe no assoalho da sala, à frente da lareira, e indicando uma fileira de pontos que iam da Flórida à República Dominicana. Com os jovens que falam inglês, vamos atingir todas as ilhas, e com os que falam espanhol, a República Dominicana. Vamos permanecer lá dois meses.

(Estava muito contente de haver planejado bem as datas, de modo a terminar o trabalho e sair de lá antes de começar a época dos furacões.) Estaríamos voando de Miami para Nassau dali a cinco meses, no dia 1.º de julho. De lá, os grupos de jovens iriam seguir nos barcos do correio para as diversas ilhas. O "Verão de Serviço Cristão" importaria numa despesa de \$160 dólares para cada participante, para o período de dois meses, incluindo a passagem aérea de Miami para Nassau, ida e volta.

— Isso significa \$20 dólares por semana, meu filho, disse mamãe. Ou essa obra é de Deus, ou então você está louco, concluiu ela batendo de leve na cabeça.

Todos nós rimos, mas conhecendo mamãe como a conhecíamos, sabíamos que não estava brincando.

Eu e Darlene viajamos muito para conseguir o número necessário de jovens. íamos aonde nos chamassem. E sempre dizíamos a todos: "O Verão de Serviço Cristão vai ser um campo de treinamento para sua fé. Haverá riscos para sua saúde, por isso precisamos de uma permissão por escrito de seus pais e de um médico. Além disso, queremos uma recomendação dos seus pastores. Mas vocês terão neste trabalho uma grande oportunidade de experimentar uma reviravolta em suas vidas." Dissemos-lhes que teriam que arranjar os \$160 dólares para suas despesas, assim como eu e Darlene estávamos fazendo, e que a viagem era só de trabalho, e não haveria folga para se fazer turismo, e não queríamos que levassem muito dinheiro para gastar à vontade, fazendo-nos parecer "mais ricos" do que as pessoas das ilhas. "E não será permitido namoro, enquanto estivermos ali, nessa missão", expliquei.

Com a aproximação do dia 1.º de julho, orávamos mais intensamente, para que Deus nos orientasse quanto às pessoas certas. As vezes, nossa oração era respondida de maneira inconfundível. Certa vez estávamos no Colorado, e eu falava a centenas de jovens acerca de nossa viagem, quando um rapaz em particular chamou minha atenção. Tinha mais ou menos dezoito anos. Tinha cabelos castanhos bem lisos, e me olhava atentamente.

Mais tarde, fiquei sabendo que Darlene, que estava sentada na congregação, ouviu Deus dizer-lhe para conversar com um rapaz que estava com uma "blusa de lâ verde", sobre a possibilidade de participar do "Verão de Serviço Cristão".

Assim que o culto terminou, ela foi direto para esse moço — que trajava justamente uma blusa de lã verde — e falou-lhe que Deus lhe dissera alguns instantes antes. O rapaz ficou profundamente espantado. Nervoso, ele batia de leve com a mão aberta sobre o peito.

— É... Eu... eu pedi a Deus que, se ele quisesse que eu fosse, que um dos dois viesse falar comigo pessoalmente.

Ele olhou fixamente para Darlene e depois abriu-se num sorriso. Ela apertou a mão dele efusivamente.

— Como é seu nome? indagou ela.

— Don, disse o rapaz. Don Stephens.

Numa das viagens de "recrutamento", eu e Dar visitamos minha irmã Jannie, no Evangel College, onde ela estudava. Ela nos apresentou seu namorado, um rapaz alto e magro, de cabelos ondulados, Jimmy Rogers. Reunimo-nos no quarto do hotel onde nos hospedáramos, perto da escola, e expusemos para os dois todo o plano de nosso "Verão de Serviço Cristão". A reação de minha irmã foi imediata.

— Ê o tipo de trabalho que sempre quis fazer — um serviço bem importante]

Jimmy já não se mostrou tão entusiasmado como ela, mas percebi, pelas perguntas que fez, que ele também estava "fisgado". Ótimo! Gostei do rapaz.

A medida que se aproximava o dia 1.º de julho, lembrei, de repente, que nem eu nem Darlene tínhamos os \$160 dólares necessários para a viagem — \$320 dólares para os dois. Estávamos poupando o máximo, para termos o dinheiro de que precisávamos para todas as despesas — por exemplo, comprar os ônibus usados que desejávamos adquirir. Eles seriam utilizados para a viagem da Califórnia a Dallas, onde apanharíamos outros jovens, e dali para a Flórida, onde pegaríamos o vôo para nosso destino.

E uma semana antes do dia marcado para voarmos para Nassau, nossos três ônibus, com os voluntários e um punhado de malas, começavam sua viagem para a Flórida. Papai me ligou para dizer que, no ultimo minuto, Phyllis e Len tinham resolvido ir conosco para auxiliar-nos na preparação do planejamento.

— E mais uma coisa, filho, disse papai, e eu sentia seu incentivo e sua boa disposição como que chegando até mim através do fio telefônico, sua mãe pediu-me para lhe dar um recado de novo.

— Qual é, pai?

— Ela disse para lembrar-lhe que essa obra foi idéia de Deus, ou então você está louco. E sabe de uma coisa, Loren?

— O que é?

— Eu concordo.

Rimos os dois. Mas, na verdade, aquela observação era muito séria. Era possível que não estivéssemos em nosso perfeito juízo, era possível sim. Mas, por outro lado, era bem possível que estivéssemos começando a liberar uma grande energia, cuja extensão nem nós mesmos entendíamos.



*Águas Azuis, Águas Turbulentas*

A medida que viajávamos pelo país, íamos recolhendo os voluntários nas diversas regiões. Eram 146 jovens, entre os quais dezesseis que falavam espanhol, e que deveriam seguir para a República Dominicana. De Miami, seguimos para Nassau. Nessa cidade, não pude deixar de sorrir ao olhar a "procissão\*" de veículos que transportavam nossos jovens pelas espaçosas avenidas do lugar. Eles iam lotados de gente, os carros e furgões. E ainda havia alguns na carroceria do caminhão que levava as malas. Todos tinham vindo de diversas igrejas dos Estados Unidos. Et finalmente, já estavam a caminho de seu destino.

Durante os primeiros dias de orientação, realizada no Templo Evangelístico, percebi que havia dois rapazes que se mostravam extremamente úteis para a obra. Um deles era Jimmy Rogers, o namorado de Jannie (que já se enquadrara em nossa regra de não haver namoros durante a realização do projeto), e o outro era Don Stephens — o rapaz da "blusa de lâ verde", do Colorado (que também se submetera à mesma regra, já que sua namorada, Deyon, também participava do grupo). Comecei a conhecer o Don melhor, e gostei muito dele. Sua constituição, de músculos ágeis e flexíveis, revelava uma tempera forjada na dura vida ao ar livre das montanhas do Colorado. Sempre que ele percebia que havia alguma coisa para ser feita, ele a fazia. Será que Jimmy e Don um dia poderiam tornar-se obreiros da YWAM?

Terminado o período de orientação, saímos para os dois meses de trabalho prático. Dividimos o grupo em vinte e cinco equipes de mais ou menos seis pessoas, sendo que cada equipe era formada só de moças ou só de rapazes. Em seguida, fomos ao cais levar nosso primeiro grupo, que era constituído de quatro rapazes, para pegarem o barco do correio, que os conduziria a uma das ilhas. O sol era escaldante. quando saímos do furgão. Primeiro colocamos as malas na lancha, que balançava de leve ao movimento das ondas no ancoradouro. Depois acomodamos as caixas de literatura, um fogareiro e os sacos de dormir.

Por fim. um por um me apertava a mão, com um ar muito sério de maturidade, e depois atravessava a prancha e se acomodava entre os imensos cachos de banana.

— Quanto tempo demora para chegar à ilha? perguntei ao capitão.

Ele limpou as mãos em sua farda já não muito limpa.

— Não sei, senhor; umas vinte e quatro horas, se o mar estiver bom.

Daí a pouco, lá se iam eles. Os rapazes sentados sobre as bananas sorriam e acenavam as mãos. Acenei para eles também.

E havia mais vinte e quatro grupos para enviarmos: a Andros, para onde iria a equipe de Don Stephens; para Long Island, aonde iria uma equipe de dezessete jovens liderados por Jimmy Rogers; a Eleutera, para onde estava designado o grupo de Jannie; a Grand Bahama, onde iria trabalhar outra equipe, esta liderada pela namorada de Don. Teríamos um mês e meio para falar de

Jesus aos habitantes das trinta ilhas, seguidos de duas semanas de trabalho em Nassau.

Depois que o último grupo partiu, eu e Darlene saímos em visita aos diversos pontos de trabalho, pretendendo visitar o maior número possível, tanto nas Bahamas, como na República Dominicana. Num certo lugar, logo que chegamos e desembarcamos no porto, fomos recebidos pelas seis moças da equipe, todas muito alegres. Elas nos ajudaram a carregar as malas e sacos de dormir até o lugar onde estavam "morando", uma velha escola de madeira, cujas janelas tinham que ser escoradas com tabuinhas para ficarem abertas. Acima do quadro-negro, havia um retrato, bastante empoeirado, da Rainha Elizabeth, que nos olhava muito séria.

— Como vocês estão-se saindo, meninas? indagou Darlene.

— Otimamente, replicaram elas.

Já tinham visitado quase todas as casas da ilhota e estavam bastante empolgadas com os jovens que assistiam aos cultos de ar livre, em frente à venda local.

— É o único lugar da ilha onde há um gerador, para termos iluminação.

No ponto onde paramos depois, as experiências eram semelhantes. Aliás, os jovens eram excelentes evangelistas. E à medida em que eu e Darlene íamos de uma ilha para outra, nossa euforia aumentava como uma bolha de sabão. Eu queria gravar bem todos os detalhes, principalmente para o relatório que desejava dar aos líderes de nosso trabalho em Spritigfield

- Numa das cidades, o dono de um bar tomou a decisão de seguir a Cristo, e colocou seu negócio à venda.

- Um velhinho que tinha um braço ressequido foi curado, o braço se distendeu. A moça que estava orando por ele, uma jovem de dezoito anos, ficou tão surpresa, que desmaiou.

- Uma senhora que estava quase cega, foi curada e começou a ler, depois de muitos anos.

- Outro homem, que tinha um problema nas costas, e não conseguia curvar-se estava fazendo flexões e encostando as mãos nos dedos dos pés, rindo de satisfação.

- Uma equipe de rapazes contratou um pescador [velhinho e enrugado para conduzi-los a uma outra ilha num barco bem pequeno, apesar de estar ventando muito e o mar achar-se bastante agitado. Mas os rapazes oraram e as ondas se acalmaram imediatamente. Quando chegaram em terra, o pescador, muito admirado, saiu correndo à frente deles, chamando o povo para ver e ouvir aqueles "jovens de Deus".

Eu e Darlene também fizemos visitas de casa em casa com os jovens. Numa das visitas que fiz com um rapaz, fomos a uma casa humilde. Sentei-me numa cadeira meio oscilante, e fiquei a observar o moço que orava pela dona da casa. As paredes da casa tinham frestas tão grandes, que por elas enxergava-se a rua. Mas a mulher aceitou a Jesus como seu Salvador, que era nosso objetivo principal. Mas o que mais me alegrou foi ver o brilho de satisfação nos olhos daquele jovem ao entregar à mulher uma Bíblia — a primeira Bíblia que ela

possuía — e prometer que iria orar por ela e pela sua família. Quando saímos daquele casebre, de imensas frestas na parede, tive a certeza de que nem aquela mulher nem o jovem jamais seriam os mesmos.

As seis semanas escoaram-se rapidamente, e afinal os jovens embarcaram nas lanchas do correio para retornarem a Nassau, e passarem os últimos quinze dias trabalhando na capital.

Estávamos alojados num velho hangar da Real Força Aérea britânica, nos arredores da cidade. A construção, situada ao longo das pistas de cimento, já bem rachadas, estava em péssimas condições. A pista havia sido utilizada durante a Segunda Grande Guerra. A esquerda da ampla entrada ficavam os quartos das moças, e à direita, os dos rapazes. Eu e Dar nos acomodamos no cômodo pequeno, que também servia de depósito. Enfileiramos os fogareiros, e, logo no dia seguinte, Jannie e Deyon se levantaram às cinco da manhã — o mesmo acontecendo todos os outros dias — para organizarem o preparo das refeições.

Nos últimos dias que passamos em Nassau, fizemos uma revisão dos registros feitos pelos jovens. Cerca de seis mil pessoas tinham manifestado interesse em seguir a Cristo. Como resultado daquele trabalho, duas igrejas tinham sido fundadas nas ilhas. Mas os melhores relatórios não eram os que vinham em forma de estatística, mas de experiências. Foi o caso de dois jovens, por exemplo, que certo dia começaram a conversar com um homem que estava-se dirigindo para um bar e que, durante a conversa, mantivera a mão no bolso o tempo todo. Ele escutou-os atentamente e em dado momento se quebrou, e com lágrimas nos olhos, entregou o coração a Jesus. Em seguida mostrou aos moços o que estavam em seu bolso — um revólver. Estava-se dirigindo para o bar com o objetivo de matar sua mulher. Então os dois entraram ali com ele, conversaram com sua esposa e ela também se converteu a Cristo. A partir dali, o casal passou a frequentar uma das igrejas da cidade.

Nosso plano era realizar grandes concentrações evangelísticas que seriam divulgadas em toda a cidade, pouco antes de viajarmos de volta para a Flórida. Começamos a realizar as reuniões, ao mesmo tempo em que continuávamos a fazer visitas de casa em casa. Mas a cada dia que passava, comecei a duvidar de que iríamos até o fim do verão. Olhava preocupado para a linha do horizonte, onde nuvens carregadas começavam a formar-se. A meteorologia rejeitava a presença de depressões tropicais, que poderiam trazer mau tempo. E pouco depois começou. Todas as noites (depois que nosso culto terminava), parecia que o céu se abria e torrentes vinham abaixo. Os jovens eram levados de volta para o hangar na carroceria de um caminhão. iam ensopados, mas muito felizes, cantando sempre, a plenos pulmões, isto quando não estavam espirrando. Eu estava consciente dos perigos em potencial, embora os jovens se mostrassem totalmente despreocupados. Corri os olhos em torno de nosso velho e dilapidado hangar, e vi goteiras em vários lugares.

Que começo esses jovens estavam tendo na obra de evangelismo. Era como um pesadelo, e estava piorando a cada momento. No dia 22 de agosto, fiquei sabendo que o primeiro furacão da temporada — Cleo — estava-se formando

no Atlântico. Corri ao departamento de meteorologia e conversei com o encarregado lá.

— Senhor, respondeu ele, se houvesse um jeito de retirar minha família daqui ainda em tempo, eu a tiraria.

A tempestade já atingira as Índias Ocidentais Francesas, o Haiti e a República Dominicana, onde, soubemos depois, nossos dezesseis jovens estavam a salvo (fizemos uma reunião para dar graças a Deus por isso). No momento, o furacão varria Cuba e estava-se dirigindo para Nassau.

Corri ao hangar para remover todos de lá — transferimos o grupo para o Templo Evangelístico, uma estrutura sólida, de concreto e não muito alta. As moças dormiam nas salas do subsolo, em colchões de ar; os rapazes se acomodaram entre os bancos do santuário, na parte de cima. Eu e Dar ocupamos um pequeno escritório.

E ficamos a esperar.

Lá fora, o vento uivava, e a chuva batia nas janelas de vidro, hermeticamente fechadas. Reunimo-nos no salão, e começamos a orar, não tanto por nós, que estávamos resguardados, mas pelas pessoas que havíamos conhecido nos casebres e barracos das favelas de Nassau, e nos pobres barracões dos povoados das ilhas. Eu, por exemplo, não conseguia deixar de pensar na casinhola com as grandes frestas na parede.

Naquela noite, enquanto a chuva castigava a ilha, senti que muitos de nós talvez não enfatizássemos corretamente um aspecto muito importante do evangelho. Jesus disse que havia duas coisas a se observar. Uma delas era amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento — e evangelizar é ensinar isso aos homens. O outro mandamento era amar ao próximo como a nós mesmos — cuidar das pessoas, em tudo que estivesse ao nosso alcance. Esses eram os dois lados de um mesmo evangelho: amar a Deus e amar ao próximo. E os dois deviam ser praticamente indistintos, deviam ser tão ligados, entre si, que quase não se conseguisse fazer distinção entre eles.

Meu coração batia fortemente, igualando o ritmo do vento e da chuva. Estava, sentindo tomar forma para mim todo um novo conceito de missões: associar o evangelismo com o socorro aos necessitados.

No dia seguinte, a Rua Bay, a principal de Nassau, estava alagada com quase meio metro de água. Mas o centro do furacão não nos atingira. Eu e Dar estávamos no nosso "quartinho", no escritório, quando um dos jovens veio dar-nos uma notícia.

— Loren, acabei de ouvir no rádio que o furacão Cleo já matou pelo menos 138 pessoas, feriu centenas de outras, e deixou milhares de desabrigados.

Olhei para Darlene e senti que ela também estava pensando nas favelas e nas pessoas que tínhamos conhecido naquelas ilhas.

— Vamos orar, sugeri.

Então nós três, eu, ela e o jovem voluntário, oramos pelas pessoas que haviam perdido o pouco que tinham, por aqueles que estavam sem lar, e pelos que haviam perdido seus familiares.

— Eu gostaria que a gente pudesse fazer alguma coisa, comentei. Se pudéssemos levar alimentos, roupa e material de construção — poderíamos até levar | os rapazes para ajudar na reconstrução das casas. Mas para transportar tantas pessoas e tantas toneladas de suprimentos precisaríamos de um navio.

E enquanto eu dizia isso, uma idéia começou a tomar corpo em minha mente. Seria uma coisa maravilhosa — um navio para ir a todos os lugares onde houvesse algum trabalho a ser feito. Um navio cheio de jovens que pudessem auxiliar as pessoas em suas necessidades materiais e também apresentar-lhes Jesus como a suprema solução de seus problemas. Mas ainda era um sonho. Pelo menos, naquela ocasião, não havia muita coisa que pudéssemos fazer, já que estávamos de saída. Sentia-me grandemente frustrado.

Terminado tudo, ajudamos a arrumar a igreja e fizemos as malas para voltarmos para casa. Mas, eu sabia que uma semente havia sido plantada em meu espírito. Nós, os crentes, precisamos fazer o que Cristo fez, e ajudar as pessoas naquilo em que elas sentem que estão sofrendo. Na maioria das vezes, não assumimos essa atitude, que é também uma expressão do amor de Deus para com os homens.

É, o furacão Cleo tinha plantado uma idéia em meu espírito. E eu me perguntava quanto tempo ainda levaria para ela começar a germinar.

Os dois meses do nosso "Verão de Serviço Cristão" estavam terminados. Afinal levamos os jovens ao aeroporto para embarcarem para Miami. Tínhamos passado por muitos apertos, mas todos estavam muito bem. E eles tinham realizado um excelente trabalho. Por fim, já estava na hora de nós também voltarmos para casa. E ao nos dirigirmos para o aeroporto, sentíamos um grande cansaço, mas sabíamos, tínhamos certeza, de que tudo aquilo fora idealizado por Deus.

As ondas de jovens começavam a movimentar-se. Tínhamos quase atingido nosso alvo de pregar o evangelho a todas as pessoas das trinta ilhas, e a centenas de outras em Nassau. Estava ansioso para dar meu relatório aos líderes em Springfield.

## CAPÍTULO NOVE

### ***O Segredo da Liberação***

Demos partida no furgão, saindo da casa de papai, onde estivéramos morando, e seguimos para o leste, em direção a Springfield. Estávamos no final de novembro, e talvez não tivéssemos bom tempo naquela viagem para Missouri, mas não poderia ser pior do que o que havíamos experimentado com o furacão Cleo. E ao partirmos da casa de meus pais naquela manhã, eu e Darlene tínhamos sentimentos desencontrados. Estávamos tristes pela notícia que havíamos recebido a respeito de Tia Sandra; soubéramos, havia alguns dias, que ela estava com câncer. Imediatamente lhe telefonamos, para dizer que estávamos orando por ela. Como eu estava satisfeito de haver resolvido entrar em contato com as irmãs de papai, oito anos antes, quando fazia aquela viagem com nosso quarteto.

Mas também nos sentíamos alegres pela perspectiva da conversa que teríamos com o superintendente geral das Assembléias de Deus, Thomas Zimmerman. Eu já imaginava o entusiasmo dele, quando lhe expuséssemos o que estávamos descobrindo, isto é, que a Igreja poderia enviar jovens para um trabalho missionário eficiente. Nosso sonho estava praticamente se realizando. Havíamos aberto as portas da YWAM à participação de todas as denominações, mas desejávamos permanecer dentro da estrutura das Assembléias de Deus.

Tínhamos viajado direto até nosso destino. Darlene estava muito cansada, e preferiu ficar descansando no quatinho do hotel onde nos instaláramos, e que ficava próximo da escola de Jannie, pois desejávamos ter uma conversa com ela e Jimmy depois.

— Meu bem, disse Darlene, teremos tempo de sobra para conversar com o pessoal lá da sede.

Por isso eu estava sozinho, quando atravessei o saguão de mármore e apertei o botão do elevador para ir ao 3.º andar. Ali, saí dele, pisando no recinto acarpetado dos escritórios dos executivos de nossa igreja. Aqueles homens eram pessoas que na juventude haviam tido ministérios sacrificiais, em seu pastorado. Uma dessas igrejas, por exemplo, reunia-se numa oficina de um ferreiro, na época em que meus pais eram jovens. Então eles iriam receber bem a idéia de um trabalho pioneiro como o nosso. Era provável que já tivessem recebido notícias de nossa atividade nas Bahamas. E já tinham conhecimento da grande obra que aqueles jovens haviam realizado. A secretária introduziu-me ao gabinete do superintendente.

— Olá, Irmão Thomas...

Em nossa denominação sempre empregamos a palavra irmão, como um tratamento respeitoso, com o objetivo de ressaltar o fato de que todos somos irmãos, na família de Deus. O irmão Thomas me apertou a mão com cordialidade e em seguida sentou-se e me fitou, de seu lugar, do outro lado da escrivaninha. Ele realmente já ouvira falar de nossa experiência nas Bahamas. Mas, se eu estava esperando um imediato apoio e um cheque em branco para fazer um trabalho interdenominacional e ainda querendo manter minha condição de pastor de nossa denominação, estava muito enganado. O problema, segundo compreendi pela conversa que tivemos ali sentados, calmamente, era que trabalhos novos, como o nosso, tinham que ser arrebanhados para debaixo do grande guarda-chuva denominacional — e eu não deveria operar fora dele, como uma organização autônoma.

As Assembleias de Deus tinham um lugar para mim, mas é lógico que então eu teria que “jogar para o outro time”. E no fim, ele me ofereceu um cargo. Era um bom emprego, ali, na sede, com tudo que isso implicava: um ótimo salário, uma boa equipe de profissionais e um bom orçamento.

— Você poderia continuar a trabalhar dentro desse plano, Loren, mas teria que levar um número menor, de mais fácil controle, digamos dez ou vinte jovens por ano.

Senti meu coração baquear ao ouvir esta proposta tão simpática – ela era bastante sensata e oferecia tanta segurança. Só que estava muito longe do que,

segundo eu cria. Deus me mandara fazer: enviar ondas de jovens, de todas as denominações, para fazerem o trabalho de .evangelismo. Tentei explicar o que eu achava que Deus estava me falando sobre o que deveria ser feito. Era um trabalho maior, com mais de vinte jovens por ano, não ficando restrito a apenas uma denominação.

— Senhor Thomas, disse-lhe, está surgindo uma nova geração. E ela é diferente de tudo que já vimos...

Parei hesitante, pois percebia que minhas pala-vras eram tolas. O irmão Thomas assegurou-me de que já havia trabalhado com jovens durante várias décadas, e sabia como eles eram. Então ele se pôs a explicar as reservas que tinha com relação ao meu plano de trabalho, e pude entender sua situação. Se eu também estivesse na posição dele, com a responsabilidade de dirigir uma grande organização gostaria de trabalhar com pessoas que se submetessem a certas normas - pessoas dispostas a jogar de acordo com as regras, para o bem de todos. Mas ali estava eu, seguindo o compasso de um outro bumbo, em descompasso com os outros. E foi mais ou menos isso que ele me expôs. Ele sentia muito, mas eu teria que abandonar o time — renunciar a minha posição — se não quisesse atuar de acordo com as normas dele.

"És tu mesmo, Senhor?" indaguei prontamente pensando comigo mesmo. E creio que ouvi a resposta de que era realmente o Senhor quem estava dando esta orientação. E logo compreendi o que teria que fazer. Se tinha a certeza daquela missão que Deus estava-me dando, então eu tinha que obedecer e aceitar as conseqüências. O irmão Thomas concordou, mas ele também não tinha outra alternativa.

Apertei a mão do irmão Thomas, agradeci-lhe, e saí dali andando devagar, pesadamente. Dirigi-me ao elevador, atravessei o saguão de piso de mármore, e saí pela porta, e enquanto o fazia, senti que era para sempre. Por dentro, estava terrivelmente agitado, um pouco confuso sobre o que me acontecera.

As horas seguintes, passadas naquele quarto de hotel, foram de muita seriedade. Jimmy e Jannie tinham ido para lá. E enquanto conversávamos sobre o que se passara, ficamos conscientes do peso da decisão que eu tomara.

— As pessoas vão achar que fui expulso, falei.

— E normalmente, quando um pregador perde suas credenciais de pastor, é porque se envolveu com mulheres, ou é surpreendido com a mão no dinheiro da igreja, ou tem uma doutrina estranha, lembrou Jannie.

— O que mais temo é quando for contar a meus pais, disse Dar.

Meu coração apertou-se ainda mais. Olhei para Jim ali sentado, com o cotovelo no joelho e o queixo apoiado na mão. Senti que ele também estava pensando em seus pais.

Permanecemos um longo tempo parados, em silêncio. Eu estava passando e repassando o que havia acontecido. Tinha os músculos do queixo tensos, contraídos. Tinha o propósito de não me rebelar, mas uma semente de ressentimento estava-se alojando em mim.

Voltamos à Califórnia e demos a notícia. Eu não era mais pastor das Assembléias de Deus. A situação foi muito penosa para Darlene e para mim

também; foi muito penosa para nossas famílias. Mas eu sabia que tinha feito o que era certo. Desde que pregara meu primeiro sermão, aos treze anos, uma mensagem sobre provação, passara por esses desafios à minha fé. Rejeitara uma possibilidade de enriquecimento, ao recusar o oferecimento de Tia Sandra, desistira de ter um bom nome em minha denominação, e resolvera entregar-me a uma missão arriscada e aparentemente presunçosa de enviar ondas de jovens como missionários.

Depois que Jesus foi provado no deserto, seu ministério teve início. Ali estava eu olhando para o futuro. Parecia que estávamos colocados numa plataforma de lançamentos, esperando o momento da partida.

Cerca de oito meses após nossa experiência nas Bahamas, ocorreu um fato que teve um sabor muito estranho, entre doce e amargo. Tia Sandra estava desenganada.

Fiz uma viagem para lá, especialmente para visitá-la, após a operação. Quando ela me recebeu no aeroporto de Providence, nem parecia que estava com um terrível câncer no seio. Seu rosto ainda era belo, embora mais pálido e mais magro; o cabelo, muito bem penteado; as unhas imaculadamente manicura-das. Usava um conjunto amarelo e não se notava a mutilação que sofrerá com a amputação do seio.

— Loren, querido! disse ela beijando-me no rosto. Pegou-me pelo braço e conduziu-me à sua limousine lá fora. Enquanto rodávamos pelas ruas da cidade, todas rebentando brotos novos de um verde primaveril, coloquei-a a par dos últimos acontecimentos, e lhe falei de nossas esperanças para o futuro.

— E como está a senhora, Tia Sandra? Ela recostou-se no banco.

— Comecei a freqüentar uma igreja, Loren. Gostaria que você fosse comigo lá amanhã, se tivermos tempo.

Claro que eu tinha. No dia seguinte, eu e Tia Sandra fomos à igreja, uma igreja batista, construída de tijolos em estilo colonial, com colunas na frente. As imensas portas estavam destrancadas e entramos no recinto, fresco e silencioso. Pelas longas vidraças entrava um clarão que iluminava os bancos vazios. Tia Sandra apontou para a bancada do coro, lá no alto.

— Estou cantando no coro, Loren. Quando penso que estou fazendo alguma coisa para a igreja, isso me anima muito.

Notei que ela não dissera que estava cantando para Deus. Reconheci que chegara o momento de fazer uma coisa muito importante. Minha tia estava para morrer, e tentava fazer o que é certo. Tinha de dizer-lhe como poderia receber o perdão de seus pecados — como vir a Jesus Cristo.

Sentamo-nos num dos bancos traseiros, e fui direto ao ponto.

— Tia Sandra, não quer entregar sua vida a Jesus Cristo?

— Quero, Loren, respondeu, os olhos enchendo-se de lágrimas.

Então fiz uma oração simples, e ela repetia as frases, entregando a vida a Deus, pondo-se aos cuidados dele.

"Senhor Jesus, recebo-te como meu Salvador e Senhor. Entra em minha vida agora, e perdoa meus pecados."



Quando voltei para casa, senti que era a última vez que eu a via neste mundo.

Não foi muito fácil retomar o ritmo do trabalho na YWAM. Isso era causado em parte pelo fato de eu pensar muitas vezes em minha tia; mas em parte, também, tinha que confessar, porque estava-me sentindo meio fora de prumo, depois de minha entrevista em Springfield. Achávamo-nos totalmente por nossa conta, sem o apoio de uma denominação.

Era janeiro, mas no hemisfério sul era verão, e o sol escaldava quando, voando num pequeno hidroavião, nos dirigíamos para nosso destino, um rústico acampamento em uma das ilhas próximas à costa da Nova Zelândia. Pensei nos seis anos que haviam-se passado desde que fundáramos a YWAM. Primeiro, tínhamos enviado vinte e dois voluntários, estudantes de cursos bíblicos, nos anos iniciais; depois tínhamos tido um vislumbre mais tangível da realização de meu sonho, quando havíamos levado 146 pessoas às ilhas Bahamas e República Dominicana. E a cada ano que se passava, outros voluntários saíam a evangelizar durante as férias. E as ondas de jovens iam aumentando gradualmente, na medida em que mandávamos voluntários para outros lugares, como as Índias Ocidentais, Samoa e Havaí, México e América Central. E no entanto ainda parecia que faltava alguma coisa. — Por que temos tão poucos obreiros? havia eu perguntado a Darlene, pouco antes de sairmos para esta viagem.

Haviam-se passado quatro anos e meio desde que nos casáramos, e em todas as férias tínhamos centenas de voluntários, mas apenas oito obreiros de tempo integral, além de mim e Darlene. Eu desejava muito ver uma movimentação que eu só conseguia definir como uma liberação — uma prova tangível de que Deus estava realmente operando neste nosso sonho.

Nosso avião já circulava sobre o brilhante oceano, e descia para pousar numa pedregosa enseada da ilha Great Barrier. O acampamento ali localizado, aninhado em torno das águas da baía, e ao sopé de íngremes colinas cheias de pinheiros, consistia numa velha construção, uma grande barraca para reuniões, que estava remendada em vários lugares, e algumas barracas menores para alojamento. E nesse acampamento evangélico tencionávamos recrutar jovens para um trabalho no Pacífico Sul.

O avião deslizou sobre as ondas provocando esguichos de água que por uns instantes toldaram minha visão. Jannie e Jimmy, que estavam casados havia cinco meses, tinham vindo antes de nós, e nos aguardavam ali. Eles vieram receber-me na praia de pedregulhos. Com eles estava um casal de meia-idade, com quem me senti imediatamente à vontade. Jim Dawson era um educado homem de negócios, vestido com roupas próprias de um acampamento, de short e sandálias. Joy, sua esposa, tinha uma conversa calorosa, borbulhante, que ia-se derramando, enquanto nos dirigíamos para as acomodações que me haviam reservado: os "apostos de luxo", numa fileira de cabanas de pescadores, onde nos acomodamos durante as duas semanas que passamos ali.

Havia cerca de 150 acampantes, e nós lhes falamos sobre a nova idéia de enviar jovens em expedições missionárias. Depois de passarmos duas semanas

em Great Barrier, iríamos para Auckland, cidade da Nova Zelândia, e ficaríamos ali uma semana fazendo visitas de casa em casa. Depois disso, nossa esperança era que alguns deles viessem conosco realizar um trabalho nas ilhas do Pacífico Sul.

Eu fora ali como preletor, mas acabei aprendendo muitas coisas novas naquela remota ilha. A primeira foi algo que aprendi dos próprios jovens neozelandeses. Eles tinham uma forma de receber orientação de Deus, que me deixou um pouco intrigado “recebiam” na mente uma referência, capítulo e versículo, sem saber o que ela dizia; depois então iam analisar se aquele texto era realmente uma orientação especial de Deus.

— A gente fica admirado com o número de vezes que Deus utiliza este método para nos falar, disseram.

O segredo de tudo, ensinavam, era permanecer totalmente submisso ao Espírito de Cristo. Assim, sempre que ele quisesse falar-nos, ele poderia utilizar qualquer método que preferisse, inclusive esse, que tem um quê de misterioso.

E quando me convidaram para orar juntamente com os líderes do acampamento, tive outras surpresas. Éramos cinco pessoas, entre as quais se incluíam o diretor do acampamento, Jim e Joy Dawson. Quatro de nós iríamos pregar, inclusive Joy, mas iríamos orar para saber a ordem em que iríamos usar da palavra. Achei que iríamos ter uns momentos de oração e em seguida conversar sobre a questão. Mas não. Um deles me explicou — já que era a primeira vez que me encontrava ali — que neste tipo de busca de orientação divina, pedíamos a Deus que disesse a mesma coisa a todos, Procurei disfarçar o assombro que senti.

Okei, pensei, vamos ver o que acontece. Quem deve pregar hoje, Senhor?

Inclinei a cabeça, como os outros, e pedi a orientação de Deus. Devo confessar que me passaram pela cabeça algumas idéias que não eram lá muito espirituais. E se todos receberem uma orientação, e eu Jbr o cênico a não receber nada? E se eu receber uma idéia meio estranha? Mas aqueles homens ali eram crentes experimentados, e todos estavam esperando que Deus falasse a cada um separadamente, dando-nos a mesma orientação. Então resolvi que eu também iria confiar em Deus. Recostei-me na cadeira, mas interiormente achava-me tenso, sentado na beira dela, esperando para ver o que iria acontecer.

Então aquela voz já conhecida me disse um nome — um dos quatro que estavam ali naquele grupo.

— Todos já estão prontos? indagou o diretor do acampamento.

Um a um, cada pessoa disse o nome que lhe viera à mente. E cada um recebeu a mesma orientação. Cinco pessoas, e no entanto todas tinham ouvido a mesma resposta. Uma leve brisa soprou pela janela, intensificando o arrepio de vibração que eu sentira.

E todos os dias, buscávamos a orientação de Deus da mesma forma. Sentia-me fascinado. Os outros quatro líderes oravam dessa maneira havia vários anos. Mas eu tinha a sensação de que todos fazíamos parte de um mesmo grupo. Sentia-me integrado ali.

Mas certo dia, nosso método de oração não deu certo. Estávamos orando do lado de fora para tomar um pouco de sol, ao mesmo tempo que resolvíamos a questão. Porém, quando oramos, alguns acharam que era eu quem deveria pregar, e outros acharam que deveria ser Joy Dawson.

Eu estava curioso para saber o que dera errado. Estava claro que alguém não recebera a orientação certa, pensei.

— Parece que temos de voltar a buscar o Senhor, disse Joy calmamente.

Em seguida ela explicou que isso já havia acontecido outras vezes com ela e seu marido, e que nesse caso precisamos perguntar a Deus se não existe um outro aspecto que não foi bem entendido. Então inclinamos a cabeça de novo para uma segunda consulta, e pedimos a Deus que sanasse a dúvida. Aí cada um de nós recebeu o esclarecimento necessário — não era para ser um ou outro, mas os dois. Primeiro Joy, e depois eu. (Aquilo era realmente assombroso, pensei comigo mesmo. Era como os Três Reis Magos. Cada um deles viu a estrela separadamente e a seguiu — cada um recebeu a orientação de Deus individualmente — e seguindo-a acabaram reunindo-se para chegar até Jesus.

Chegara o dia de partirmos para o trabalho de casa em casa, que iríamos realizar em Auckland. Tínhamos que preparar muita coisa para a semana seguinte. Comecei a sentir-me como que "acelerado", como me sentia por ocasião das provas, quando fazia o curso da universidade. E reconheci que tinha muito pouco tempo para o trabalho que iria realizar.

Eu ainda estava aguardando a liberação da obra. Talvez eu fosse aprender alguma coisa em Auckland — alguns princípios espirituais com relação à orientação divina, que eu ainda não conhecia, para que Deus liberasse "as ondas".

"Senhor", orava eu, enquanto nossa balsa de passageiros saía de Great Barrier para a longa viagem até Auckland, "estou querendo aprender a ouvir. Mostra-me, Senhor, o passo que devo dar a seguir, e que tu tens em mente para mim.

Uma hora depois, de pé junto à amurada do barco, recebendo no rosto os respingos frios da água, lembrei-me mais uma vez da passagem que tinha abordado em meu primeiro sermão. Jesus tinha passado algum tempo no deserto jejuando e orando, antes de iniciar – isto é, antes de se “soltar” – o seu ministério terreno. E nesse fato da vida de Jesus havia um princípio que enxerguei claramente. Mas tentei afastá-lo de minha mente. Será que Deus queria que eu jejuasse por uns tempos e orasse? Abri uma portinhola para deixar entrar essa idéia. "Senhor, queres que eu faça um período de jejum?"

Imediatamente a resposta entrou como um jorro em minha mente. "Quero; e quero que se isole das pessoas durante sete dias, a começar do momento. em que chegar lá."

Eu estava muito espantado. Havia tanta coisa a ser feita! "Será que estou entendendo direito, Senhor?" perguntei de novo. Se eu me isolasse das pessoas, isso implicaria em que eu deixaria de desempenhar minhas responsabilidades, que Jim e Jannie fariam sozinhos o trabalho de preparação de tudo para nosso esforço evangelístico. E havíamos viajado milhares de quilômetros para isso.

“És tu mesmo, Senhor?” E a única resposta que recebi foi: “O casal Dawson vai convidá-lo para hospedar-se com eles. Aceite.”

Bom, aquele convite era muito improvável, pois o casal sabia que eu tinha planos de ficar em outro lugar. Mas, se o convite fosse feito, eu poderia sentir mais claramente a mão de Deus nisso tudo. Aí eu sabia que ele queria que eu jejuasse e orasse, mesmo que isso implicasse em que eu iria ser “desleal” com Jim e Jannie, deixando com eles a maior carga do trabalho.

Não falei nada disso com ninguém; apenas fiquei a esperar para ver o que iria acontecer. O céu e o mar escureceram com o anoitecer.

Então, no momento em que as luzes da cidade de Auckland começavam a brilhar no horizonte, Jim Dawson aproximou-se de mim, ali na amurada. Fiquei de fôlego suspenso, quando ele começou a conversar comigo. Ele parecia um tanto hesitante.

— Ah, Loren, é... sei que você está pensando em hospedar-se com outros amigos, mas eu e Joy, bom, cremos que Deus nos falou uma coisa. Gostaria de passar estes dias conosco?

## CAPÍTULO DEZ

### ***Buscar a Deus de Coração Puro***

Dei uma olhada para o sobrado da família de Jim com seu estilo escandinavo e sua maravilhosa vista do porto.

Jim conduziu-me ao quarto de hóspedes. Era bastante simples, mas confortável e isolado, já que tinha uma saída própria para a rua. Lembrei-me da ordem de Deus, de que eu devia “isolar-me das pessoas”. Liguei para Jimmy e Jannie para dar-lhes a desagradável notícia de que eu não poderia auxiliá-los.

— Bem, Loren, você deve fazer o que é certo, replicou Jimmy com seu falar arrastado, típico de Oklahoma.

Mas eu imaginava o que ele estava pensando. O que significa isso, que não iremos vê-lo por sete dias? Você vai jejuar, enquanto nós fazemos o trabalho todo? Mas ele não falou nada disso. Era uma pessoa muito leal. E isso tornava tudo ainda mais difícil.

Assim que desliguei o telefone, ajoelhei-me ao lado da cama. Sim; era isso mesmo que eu deveria fazer. Orar. De algum modo — que eu ainda não vislumbrava bem — esse período de isolamento ia ser importante para o nosso trabalho.

Eu sempre ouvira falar em santidade. Bom, santidade talvez fosse outra palavra para definir o ato de se dar prioridade às coisas certas. Para mim, aquela semana que iria passar a sós com Deus deveria ter prioridade. Não pude deixar de pensar se aquela semana não estaria relacionada também com a questão da orientação divina.

Nos dois primeiros dias não aconteceu nada de excepcional. As vezes eu me ajoelhava para orar; outras, eu caminhava pelo quarto; outras vezes, me sentava ou me deitava no assoalho. Também aproveitava o tempo para ler a Bíblia. Mas, na maior parte do tempo, ficava aguardando a voz de Deus. Às

vezes, ele dizia uma ou duas palavras; outras vezes, ficávamos em silêncio, na companhia um do outro.

Só no terceiro dia de jejum é que tive a grande experiência. E a única palavra que posso empregar para descrever o que se passou comigo é cirurgia. Foi uma cirurgia da alma.

Eu estava deitado de bruços sobre o tapete, esperando em Deus. De repente senti um afiado bisturi na consciência.

"Lembra-se de Springfield?"

E imediatamente, com rapidez espantosa, vieram-me à lembrança minhas atitudes. Eram atitudes de crítica e de ressentimento para com os líderes de minha denominação, que não tinham enxergado o plano da YWAM da mesma forma que eu o vi, principalmente o irmão Thomas Zimmerman. Havia-me passado dois anos, desde que fora a Springfield de volta das ilhas Bahamas, e nesse tempo eu estivera abrigando ressentimento e, em meu coração, começava a negar minhas raízes.

De repente, percebi quanto tempo havia perdido tentando defender a mim mesmo e as minhas idéias. Fora um tempo que desperdiçara em vez de estar fazendo a obra que tinha de ser feita: falar de Jesus às pessoas.

Supliquei a misericórdia de Deus chorando. Dali em diante iria referir-me aos meus antigos líderes sempre com palavras de louvor, dando graças a Deus por eles e pela minha herança denominacional. Deixaria que Deus fizesse a defesa de minha visão, se é que ela provinha dele. E ainda deitado naquele tapete, senti que o Senhor ouvira minha oração e me perdoara.

E o bisturi continuou a aprofundar-se. E cortou mais, durante todo o dia, hora a hora. Subitamente vi meu orgulho à minha frente, imenso; vi quantas vezes eu agira para ter o reconhecimento dos homens, e não o de Deus. Voltaram-me à mente as palavras que mãe me dissera no meu quarto transformado em escritório: "Meu filho, se você se tornar orgulhoso, Deus não poderá usá-lo." Em seguida, Deus pôs o dedo nos pecados da mente, nas fantasias sexuais. E cada pecado que me vinha à lembrança, pecados de pensamento, atitude ou ato, eu os confessava, pedindo a Deus que me perdoasse e me ajudasse a abandoná-lo.

Quando reconheci que a cirurgia da alma terminara, senti que ainda havia outra coisa a ser feita. Arranjei papel de carta e uma caneta e pus-me a escrever as diversas cartas que sabia teria que escrever, para acertar tudo com as pessoas. "Prezado Irmão Thomas..." Foi bastante doloroso, mas quando me deitei naquela noite, tinha uma nova sensação de pureza. Na mesa do quarto estava uma pilha de cartas. E a primeira da pilha era endereçada a Springfield, Missouri.

No final da semana, quando comecei a quebrar o jejum lentamente, compreendi que eu — e talvez a YWAM também — passáramos por um ponto crítico, comum a todos que desejam ouvir a voz de Deus. Ouvimos a voz de Deus com mais clareza quando o buscamos com o coração puro. Na verdade, aquele processo de confissão de pecados iria continuar, mas eu já tivera um bom começo.

Naquele momento eu me indagava o que resultaria de tudo aquilo!

A primeira coisa que aconteceu não foi realmente muito boa. Durante os dias em que estivera jejuando, Jim Rogers me poupava de notícias, mas exatamente no sétimo dia ele ligou para me relatar um fato. Antes de ir para a Nova Zelândia, havíamos despachado para lá 100.000 livretes para serem distribuídos nos lares e nas ruas. Eles haviam chegado durante a semana em que eu estava fazendo o jejum, e haviam sido guardados no subsolo de uma fábrica. Mas tinha chovido muito, e a água inundara o subsolo, e todos os Hvretes estavam molhados.

— Loren, será que você poderia vir aqui agora? disse ele, e deu-me o endereço.

Meia hora depois, eu seguia para a fábrica e lá chegando desci ao porão. Jimmy veio ao meu encontro e apenas abriu os braços, desconsolado. Jannie e mais três dos nossos voluntários estavam tirando os livretes ensopados das caixas molhadas e empilhando-os numa mesa grande.

— Acho que conseguiremos dar um jeito neles, Loren, disse Jannie.

Ela me chamou para ver uma grande prensa industrial. Eles colocavam os livretes sob ela e os comprimiam para tirar a água. Em seguida, penduraram-nos em varais de roupa, um a um, para secar. Que triste começo para nosso famoso esforço evangélico de Auckland!

Entretanto, apesar de tudo, não estávamos desalentados- Passamos a semana toda secando os livretes em varais. No sábado pela manhã, dirigimo-nos a um prédio, num dos setores mal afamados do centro da cidade.

— Você não gostaria de ver a cara de mamãe se ela nos visse aqui, mana? indaguei rindo para Jannie.

Havíamos parado em frente ao Pink Pusycat Club. O café-bar evangélico no qual instaláramos nosso núcleo de trabalho ficava no subsolo de um prédio ao lado do Pusycat. Retiramos do veículo as caixas com os livretes quase secos, e os levamos para baixo, para o salão do café-bar, pintado em preto e vermelho, onde se serviam sanduíches por preços bem acessíveis e se distribuía café gratuito. O bar atendia às pessoas dos arredores.

E os voluntários foram chegando, em grupos de quatro ou cinco, e afinal tínhamos cerca de trinta jovens no salão. Olhei para aqueles rapazes, quase todos ainda adolescentes, vestidos em calças apertadas, e as moças com suas minissaias e sapato de bico quadrado. Meu olhar foi atraído para um jovem de rosto largo, com traços de polinésio, e um sorriso despreocupado. (Por que será que ele parecia destacar-se no meio dos outros?) Será que de entre esses trinta jovens iriam sair futuros missionários? Será que algum dia alguns desses jovens se encontrariam em lugares como as Filipinas, a África ou até mesmo países da cortina de ferro?

Respirei profundamente e comecei a falar-lhes, explicando as razões de estarmos ali, em Auckland, expondo-lhes nosso plano de ação. Iríamos fazer um trabalho em Ponsomby, um gueto polinésio, onde residiam milhares de pessoas de origem maori, de samoanos, tonganos e oriundos da ilha de Cook. Pegando um mapa, demarcamos uma grande área dentro da qual estavam centenas de

famílias. E mais uma vez, o jovem polinésio de rosto largo pareceu destacar-se no grupo. Fazia perguntas inteligentes e pertinentes.

— Não poderiam ter escolhido um lugar melhor, comentou.

— Espero que você esteja certo- Como se chama?

— Kalafi Moala.

Percebi que eu estava tentando gravar aquele nome.

E Kalafi Moala tinha razão com respeito a Pon-somby. Era uma área bem difícil. Depois de um dia desanimador, de rejeições e recusas, reunimo-nos de novo no café-bar para ouvirmos os relatórios.

— Mais um pouco, e pegaria um resfriado com o vento que levei na cara das portas batidas, comentou Jannie.

No dia seguinte, saí acompanhado de Kalafi. E enquanto caminhávamos entre aquelas antigas mansões vitorianas, cujos jardins estavam cheios de mato e de latas de cerveja, fui colhendo informações sobre o jovem. Tinha dezoito anos e era o mais velho de uma família de nove filhos. Sua terra era Tonga, uma monarquia polinésia — um pequenino arquipélago a cerca de três mil quilômetros dali, entre Fiji e Samoa.

Como a maioria dos tonganos, ele aprendera desde pequeno a ir à igreja, mas não tinha um relacionamento real com Deus. Ao que parecia, fora um líder nato nos seus anos de estudante, na mais prestigiada escola de Tonga. Mas fora também um valentão beerrão e barulhento.

E ele continuou a contar, e disse que certo dia, quando voltava para casa bêbado, de madrugada, de repente ele enxergou sua realidade, e como sua vida estava-se tornando uma desolação. Ajoelhou-se ao lado da cama e começou a chorar. Chorou umas três horas, pedindo a Deus que entrasse em sua vida e o transformasse. Quando se ergueu dos joelhos, às oito horas, era um homem novo. Depois contou-me que, antes de se formar, ele e os colegas se reuniam regularmente para orar e ler a Bíblia. E muitos dos alunos da escola se converteram.

No primeiro dia em que fomos a Ponsomby, não tínhamos obtido quase nenhum fruto. Mas dessa vez foi diferente. Quando Kalafi, que era polinésio, falava às pessoas, também oriundas dessas ilhas, ele conseguia alguma coisa. As pessoas o ouviam, e o ouviam principalmente quando ele não "pregava", mas apenas dava seu testemunho e falava de como o poder de Deus o transformara. E à medida que as horas passavam, comecei a desejar, interiormente, que esse jovem Kalafi viesse a fazer parte da grande liberação da obra que estava pedindo a Deus em oração.

E não tive que esperar muito. Quase no fim da nossa semana de atividade, certa noite, no café-bar, Kalafi disse que desejava conversar comigo. Fomos para um canto do salão, e procurando superar o ruído da música do lugar, ele foi direto ao assunto.

— Loren, acho que precisamos levar um grupo da YWAM a Tonga.

Em seguida explicou que em julho, dali a cinco meses, se daria a coroação do novo rei, Taufa'hau Tupou IV. Milhares de tonganos estariam se deslocando para Nuku'alofa, a capital do país.

— Acho que seria a ocasião ideal para vocês irem lá, falou.

E depois acrescentou.

— E eu poderei trabalhar com vocês em tempo integral. Já resolvi que vou desistir de meus planos — e eram planos muito bons. Vou regressar a Tonga e começar os preparativos para a ida do grupo.

Olhei para Kalafi já me sentindo entusiasmado. Sabia de seu excelente potencial profissional, e estava admirado pelo que ele iria sacrificar com aquela decisão. E era exatamente de coisas assim que precisávamos para crescer: de jovens, moços e moças, que ouvissem a voz de Deus, eles mesmos, e se dispusessem a obedecer e sair a trabalho.

— É, vamos fazer isso!

Estava acertado. E naquela mesma noite, com as paredes a vibrar com a música barulhenta e exuberante, oramos por Tonga.

Quando retornei à casa de Jim Dawson, já bem tarde naquela noite, pensava que talvez Kalafi fosse nosso primeiro membro que iria ocupar-se do mundo não-ocidental. Lembrei-me também de que ele me fora "dado" após meu período de purificação, oração e jejum.

Minhas seis semanas na Nova Zelândia tinham chegado ao fim. Quando subi os degraus do avião que me levaria para o Havá — onde me encontraria com Darlene — tínhamos planejado encontrar-nos lá para uma segunda lua-de-mel — fiquei a refletir no quanto me sucedera neste curto espaço de tempo. Tínhamos realizado um excelente trabalho num gueto, E o derramamento das bênçãos já começara. Além de Kalafi, havia pelo menos mais sete pessoas que eu via como prováveis líderes de nosso trabalho ali. Então ocorreu-me uma coisa: oito pessoas. Em um mês e meio, o número de obreiros de tempo integral da YWAM havia dobrado.

Mas, mesmo assim, ainda estávamos acrescentando números ao nosso grupo, de apenas um a um. Contudo, eu tinha esperanças de que um dia pudessemos aumentar não por adição, mas por multiplicação. Pela multiplicação, nosso crescimento seria muito mais rápido do que por adição. Pensei em Kalafi novamente. Se ele recebesse um treinamento adequado, ele poderia, por sua vez, preparar e mandar ao campo missionário outros jovens — principalmente jovens do terceiro mundo.

O avião subiu, atravessou as nuvens e estabilizou-se numa altitude de trinta mil pés. Refletindo mais, senti que aquelas últimas semanas tinham sido de muito aprendizado para mim. Aprendera princípios sobre orientação divina, de pessoas que conheciam outros métodos para se discernir a voz de Deus. Depois eu também pusera em prática esses princípios. Na verdade, isso tudo não era muito diferente da criação que havíamos recebido em nossos lares. Tanto eu como Darlene tínhamos tido uma infância tão rica, tão cheia de ensinamentos e exemplos de nossos pais e avós que, de certo modo, gozávamos de uma vantagem até injusta. Não seria maravilhoso se pudessemos ter uma escola, planejada dentro dos moldes de uma família, onde os alunos pudessem ter acesso a esse tipo de informação, com oportunidades para testá-las por si mesmos?



Que idéia excelente! Aliás, era uma idéia vinda de Deus. E se assim o fosse, talvez eu pudesse ver operando na prática o princípio dos Reis Magos, pelo qual duas ou mais pessoas avistam a mesma estrela-guia, ao mesmo tempo. Se a idéia de abrir-se uma escola para ensinar aos jovens os modos pelos quais Deus opera realmente estivesse vindo dele, então não seria errado esperar que ele diria o mesmo a mais de uma pessoa. É lógico que eu gostaria de falar dela a Darlene, mas, por outro lado, seria melhor guardar segredo acerca do meu próximo objetivo para a YWAM.

Meu avião chegou antes do de minha esposa. Assim que saí do ambiente da cabine, com ar condicionado, senti o conhecido perpassar da brisa quente e o perfume das plantas floridas. Sentia-me muito feliz por havermos resolvido passar aqueles dias juntos, a sós no Havaí, antes de nos lançarmos novamente ao trabalho no continente. Parecia que havia nesse lugar alguma coisa que combinava muito comigo; o que seria? Olhei ao meu redor, para aqueles rostos, uma mistura de orientais, polinésios e ocidentais. O Havaí era realmente o ponto de ligação entre o Oriente e o Ocidente.

Antes de Darlene chegar, só tive tempo de alugar um jipe, que estava pintado em listras rosa e branco. Se íamos ter uma segunda lua-de-mel, era melhor ter uma boa lua-de-mel.

Darlene desceu do avião muito bonita, com um lindo vestido azul e o cabelo louro muito bem arrumado. Tomei-a nos braços, dando-lhe um abraço apertado. Colocamos nossas malas no jipe cor-de-rosa, e saímos correndo para o pequeno apartamento onde nos hospedaríamos. O vento num instante desmanchou o penteado dela.

Sem mais demora, eu a pus a par de tudo que sucedera em Nova Zelândia: o encontro com Jim e Joy, e Kalafi, e falei sobre a terrível, e ao mesmo tempo maravilhosa, cirurgia da alma que eu experimentara na casa de Jim, e principalmente tudo que eu aprendera sobre orientação divina. Embora pareça incrível, Darlene contou-me que também estivera jejuando e orando exatamente nos mesmos dias que eu, e também passara por uma cirurgia da alma. Era maravilhoso ver como Deus estava-nos orientando, os dois, juntos, embora estivéssemos distantes um do outro por milhares de quilômetros.

Certo dia, estávamos passeando pela ilha, e paramos em Blowhoie, um pouco além de Diamond Head. Paramos o jipe, saímos e pusemo-nos a caminhar sobre as pedras de lava vulcânica. Lá embaixo, ondas gigantescas batiam nas imensas rochas, quebravam-se e voltavam. Às vezes, uma onda maior rolava para a praia, entrava por baixo de rochedos que possuíam orifícios, e a força era tanta, que a água espumante esguichava pelos orifícios formando uma nuvem de gotículas. Sentamo-nos numa pedra e ficamos a apreciar o espetáculo. A enorme força da água me deixava abismado. E mais uma vez retrairei mentalmente as ondas de jovens, e lembrei que eles também precisariam aprender a ser bons canais para transmitir ao mundo o poder de Deus.

Havia mais uma coisa que eu desejava falar a Darlenef uma coisa muito especial, e aquele lugar parecia o cenário perfeito para isso, com as ondas se quebrando aos nossos pés.

— Sabe de uma coisa, Dar, principiei, tenho uma idéia na mente, uma idéia de um projeto grandioso...

E falei sobre nossa escola.

— É uma idéia excelente, disse ela. Ultimamente temos recebido tanta coisa, de tantas pessoas maravilhosas. Eu gostaria muito que outros jovens tivessem essa mesma oportunidade.

Um tapete de nuvens tropicais ia-se formando nos picos das montanhas às nossas costas, enquanto conversávamos animadamente sobre as idéias que nos ocorriam. Os jovens iriam aprender a amar a Deus de todo o coração, mente, alma e corpo. E poderiam aprender isso com homens e mulheres que já estavam praticando o que iam ensinar. Seria um corpo docente flutuante, e os instrutores, cada um por sua vez, viriam diretamente do campo para lecionar.

— E poderia ser organizada nos moldes de uma família, todos aprendendo juntos, alunos e mestres, sugeriu Dar, lembrando como tínhamos conseguido nos aproximar bastante dos jovens que haviam ficado conosco no hangar de Nassau.

Os jovens não estariam aprendendo apenas na sala de aula, mas também através da experiência. Iriam aprender fazendo — iriam para países estrangeiros, iriam conhecer outras pessoas, as condições em que elas viviam, ministrando-lhes o evangelho.

E as idéias começaram a suceder-se umas às outras. E ficamos a repassar os detalhes de nossa escola, até que notei que o sol já estava bem baixo, no horizonte, tai qual uma enorme esfera cor de laranja.

Mas antes de abandonarmos o nosso cantinho ali naquele rochedo, falei a Dar a respeito de um outro princípio sobre a orientação divina; o de mantê-la em segredo até que Deus nos desse permissão para contá-la aos outros. Talvez essa viesse a ser uma das situações em que ele nos mostraria, através de outras pessoas, que essa idéia acerca da escola tinha provindo mesmo dele.

Estávamos esperando ansiosamente o Natal que passaríamos com meus pais, em seu novo apartamento, em Alhambra, Califórnia. Jim e Jannie viriam da Nova Zelândia, onde tinham ficado depois que eu viera de lá, havia dez meses. Papai estaria, como sempre, exercendo suas atividades de missionário e superintendente de igrejas. Iríamos também rever Phyllis e ser marido Len, e seus dois filhos, já que moravam a algumas quadras da casa de meus pais. E naturalmente mamãe estaria lá para temperar a conversa com seu condimento especial.

Entramos pela porta adentro, e fomos encontrando o aroma de peru assado. Mamãe veio da cozinha, o rosto avermelhado pelo calor do fogão, e nos abraçou calorosamente. Depois papai também nos envolveu

com seus braços grandes e foi seguido pelos outros, em fila.

Imediatamente me pus a interrogar Jim e Jannie a respeito do trabalho nos últimos meses, lá no sul. Estava ansioso para saber notícias de Kalafi e do

trabalho em Tonga. Eles tinham tanta coisa para contar, que os dois quase brigavam para narrar tudo.

Disseram que assim que chegaram a Tonga com trinta e cinco estrangeiros, Kalafi arregimentou mais vinte tonganos para trabalhar com eles.

Tinham vindo pessoas de todas as ilhas para a capital, para assistir à coroação. Então os jovens da YWAM haviam distribuído milhares de folhetos. E parecia que todas as pessoas ali queriam um, e ninguém o jogava fora. (Recordei-me de como o povo em Ponsomby recusava nossos livretes.) E centenas de tonganos se renderam a Jesus.

— E Kalafi? indaguei.

— Fez um trabalho excelente, explicou Jimmy. Então pensei comigo mesmo: deu certo; a obra está-se multiplicando agora, sem que eu esteja lá. Se ao menos Kalafi pudesse vir para a nossa escola!

Já estava quase na hora de nosso almoço de Natal, e mamãe estava toda atarefada com as panelas na cozinha. Dar passou perto de mim e dirigiu-me um olhar bastante significativo. Compreendi que ela pensava no embrulho especial que colocara debaixo da árvore.

Após o almoço, reunimo-nos na sala para abrir os presentes. Daí a pouco o assoalho estava cheio de papel amassado e fitas. Restava apenas um grande pacote no qual havia uma etiqueta com os dizeres: "Para mamãe, de Loren e Darlene. Para ser aberto no fim." Quando ele foi entregue a mamãe, olhei para Dar e os olhos dela brilhavam de um modo especial.

Mamãe abriu a caixa e, com expressão de espanto, tirou de dentro dela uma pequenina meia, na qual havia um bilhete que leu em silêncio. Ela abriu a boca e arregalou os olhos e olhou direto para nós.

— Puxa! É verdade mesmo? exclamou mamãe, fitando-nos com um sorriso maroto.

— O que é? O que está escrito aí? gritaram os outros quase ao mesmo tempo.

Finalmente, procurando fazer-se ouvir acima do murmúrio geral, mamãe leu em voz alta: "Esta meiazinha é para a senhora ir enchendo até o ano que vem. Em julho a senhora vai ganhar o terceiro neto."

Após cinco anos de casamento, eu e Dar achávamos que estava na hora de termos nossos filhos. Imediatamente todos se puseram a rir, dando-nos tapinhas nas costas e os parabéns. Papai ficou sentado em sua grande poltrona reclinável, sorrindo.

— Que bom que vocês dois finalmente conseguiram fazer uma pausa entre seus vãos, para encomendar um filho!

Em outubro daquele ano, 1967, vários meses depois que regressara da Nova Zelândia, apanhei uma forte gripe. Nada de extraordinário, mas o que aconteceu depois o foi. Enquanto estava na cama, com muitas dores e febre alta, ocorreu-me uma idéia: "Você terá uma escola. E ela deverá chamar-se Escola de Evangelismo," Comecei a pensar se aquilo vinha de Deus. E a idéia foi tomando corpo e me lembrei das coisas que eu e Dar havíamos conversado no Havai. De

repente, outro pensamento me passou pela mente: "Sua escola deverá ser na Suíça"

Suíça! "És tu mesmo. Senhor?" perguntei mentalmente. É certo que ainda me lembrava da visita que fizera àquele belo país dos Alpes. Achara-o fascinante. Mas por que lá? Não tínhamos feito nenhum trabalho na Europa. Já tínhamos mandado jovens da YWAM à África, ao Caribe, ao Pacífico Sul, à América Latina e à Ásia. Mas à Europa?

Falei a Darlene a respeito da idéia, e resolvemos fazer uma viagem de sondagem, lá por abril ou maio do ano seguinte. Iríamos levantar um empréstimo, dando como garantia nossa casa de La Puente, para adquirirmos as passagens. Mas eu ainda estava na dúvida, se aquela idéia de instalar a escola na Suíça era mesmo de Deus. Queria que ele me garantisse que aquela mensagem proviera dele mesmo.

E ele me deu a confirmação de um modo muito marcante.

Dois dias antes da data de nosso embarque, recebi um convite inesperado. Papai e um amigo dele, um professor de seminário de nome Willard Cantelon, tinham combinado um encontro num restaurante. Mas depois Willard ligou para papai e disse-lhe que me levasse ao encontro.

— É muito importante que ele também vá, disse.

Assim, quando eu e papai chegamos ao restaurante Foxey's naquele dia, já encontramos Willard a esperar-nos numa das repartições ali, em forma de ferradura. Achava-se muito bem vestido, com um paletó esporte, e o chapéu cuidadosamente ao lado, no assento. Cumprimentei-o com um aperto de mão, curioso por saber por que ele insistira para que eu fosse também.

E mesmo depois, relembando o que ele dissera, eu quase não queria acreditar.

— Loren, tenho uma mensagem para você, disse Willard. Deus tem colocado em minha mente a idéia de que alguém deve fundar uma escola na Suíça. E a noite passada ele me revelou que você é quem deve abrir a escola.

Consegui superar meu espanto e resmunguei qualquer coisa. Willard continuou a dar informações e disse que o corpo discente seria constituído de pessoas de todos os países, e os professores não seriam fixos, mas mestres que iriam lá apenas ministrar o ensino.

— Eu não serei um desses professores, Loren. Sou apenas um veículo para transmitir-lhe esta mensagem.

E enquanto ele falava, eu ia ficando cada vez mais empolgado. Vendo aplicado na prática este espantoso exemplo do princípio dos Reis Magos, afinal tinha certeza absoluta de que estávamos agindo corretamente ao viajar para a Suíça.

Desembarcamos em Genebra em abril. Apreciamos, deslumbrados, aquela vista maravilhosa dos vales verdes, circundando o lago Genebra, e depois pegamos um trem rápido para Lausanne. Tínhamos uma sensação de grande expectativa ao atravessarmos velozmente aqueles campos tranquilos, com seus chalés que mais pareciam gravuras de livros de histórias e seus celeiros limpíssimos.

— Acha que algum dia poderia acostumar-se aqui? perguntei a Dar.

— Estou adorando! replicou. Poderia morar aqui o resto da vida.

Andamos pelas ruas de Lausanne caminhando devagar, por causa de Darlene, apreciando as flores, o brilho das águas do lago, as torres gêmeas da catedral, e a silhueta azulada dos Alpes, ao longe. E durante todo o tempo nos admirávamos de que Deus nos tivesse levado ali para abrirmos nossa escola. Fizemos os preparativos para ocuparmos uma casa em uma cidadezinha nos arredores de Lausanne e depois voltamos para os Estados Unidos, para aguardar o nascimento do bebê.

Já estava perto da data marcada para o nascimento da criança, e devo confessar que a Suíça não estava muito presente em minha mente.

Era o dia 3 de julho, de 1968. Eu estava na Filadélfia e Darlene estava na Califórnia, na casa dos pais dela, esperando o momento. O bebê deveria nascer dali a três semanas, mas quando acordei tive a sensação de que deveria telefonar para minha esposa. A voz dela vibrava no telefone.

— O que você acha de tonar-se pai hoje?

— Hoje? Tem certeza?

Todas as outras preocupações foram esquecidas.

— Tenho. Já entrei em trabalho de parto, explicou ela. Meu palpite é que o nenê vai nascer lá pelas oito ou nove horas da noite.

— Eu vou para aí, repliquei quase gritando, e bati o telefone.

Mas era fácil falar; o difícil era ir. Naquela véspera de 4 de julho, tudo estava muito agitado, mas afinal consegui um lugar num voo. Contudo, o avião ficou retido no aeroporto de Filadélfia três horas, esperando receber permissão para decolar. Cheguei ao hospital de Redwood City às onze da noite, com uma profunda frustração e senso de culpa, por não ter podido chegar mais cedo.

Logo avistei os pais de Darlene na sala de espera.

— Cheguei tarde demais?

Não, garantiram-me. Mas Darlene estava tendo um parto muito difícil. O bebê estava virado — ia nascer de traseiro.

Corri para a sala de preparação. Ela estava muito pálida, e parecendo muito fraca, alternando esforços para dar à luz a criança com momentos em que se deixava cair de novo na cama, sobre os lençóis molhados de suor.

— Resolvi esperar sua chegada, falou quase sem força, com um leve sorriso, e logo depois fez uma careta de dor.

Agarrei a mão dela, e sentei-me ao seu lado para esperar e orar.

Chegou o momento de a levarem para a sala de parto. E finalmente, às três horas da madrugada do dia 4 de julho, o médico entrou na sala de espera, retirando a máscara e as luvas, e apertou-me a mão.

— Parabéns! Nasceu uma linda menina. Foi um parto muito difícil, mas sua esposa é uma mulher de muita fibra.

Demos à criança o nome de Karen Joy. Agora, sim, éramos uma família de verdade.

## ***A Multiplicação das Orientações***

Passaram-se dois anos desde que vislumbrara pela primeira vez o plano de Deus de se abrirem escolas de curta duração, como parte do plano de se enviarem jovens para campos missionários. Muitos dos jovens com quem entrávamos em contato não tinham a vantagem que eu e meu pai tivéramos de ter sido criados numa família crente, que era uma verdadeira escola bíblica em miniatura. Em nossa casa, tínhamos aprendido muita coisa sobre Deus, como ele age, como ele purifica, como ele nos dá tudo, como ele nos guia e orienta. Sentia que Deus desejava que todos os jovens da YWAM tivessem esse mesmo tipo de experiência, e principalmente aqueles que deveriam trabalhar em tempo integral. E ele nos mostrou isso, dando-nos uma orientação especial, com o princípio dos Reis Magos. Ele queria uma escola que tivesse os moldes de uma família, e ela seria localizada na Suíça.

Era difícil acreditar que se passara apenas um ano, desde que tínhamos ido à Suíça, procurando um lugar para nossa escola. Este ano fora cheio de tentativas e passos em falso. O prédio que tínhamos encontrado naquela primeira viagem acabou sendo inoperável. Mas na semana anterior alguém descobrira um velho hotel, que estava fechado. Essa pessoa achou que ele talvez fosse perfeito para nós, e por isso eu e Darlene fomos até lá para examiná-lo, levando conosco nossa filha Karen, já com um ano e dois meses. E lá estava ele — um grande hotel velho, de cinco andares, feito de estuque acinzentado e com suas venezianas de cor verde. Estava situado na encosta de uma colina, ao lado de um denso bosque de pinheiros. Demos a volta em torno dele, e voltamos ao imenso gramado fronteiro, com o caramanchão de sicômoro que provavelmente tinha sido antes um barzinho ao ar livre. Na fachada, junto ao telhado, havia uma placa já gasta pelo tempo com os dizeres pintados “Hotel Golf”.

— Deve haver um campo de golfe por aqui, comentei.

Ficamos alguns instantes ali no gramado, apreciando a vista dos pastos ali perto e o gado com grandes cincerros.

— Escute, Loren, dá para ouvir os cincerros.

E naturalmente contemplávamos também os majestosos Alpes, que se erguiam ao longe, no horizonte.

Fomos encontrar a proprietária num outro prédio anexo, de dois andares, ao lado do edifício do hotel. Para alívio nosso, ele falava inglês. É, ela estava interessada em alugar o hotel, e, sim, podíamos ir vê-lo naquele instante. Entregou-nos algumas chaves.

— Se precisar de alguma coisa, mounsier, é só falar. O hotel já está fechado há vários anos, mas está tudo aí dentro.

Girei a chave, empurrei a porta emperrada e entrei, com a sensação de que muitas vezes estaríamos subindo aquela escadinha. Sentimos o característico cheiro de mofo e umidade. Finas teias de aranha pendiam da entrada. O saguão estava mobiliado com poltronas e divas em brocado marrom, que antes deviam

ter sido belíssimos. Darlene não parecia notar o triste estado de tudo aquilo; já estava fazendo planos.

— Poderíamos mandar reformar os estofados, e teríamos aqui um belo aposento, Loren. Já estou vendo os jovens relaxando aqui entre uma aula e outra.

— E olha aqui! disse ela pondo Karen no chão, para engatinhar sobre um desbotado tapete oriental. Uma série de portas de folha dupla abria-se para o refeitório principal.

— Esta sala daria uma ótima sala de aula.

Subimos pela ampla escadaria, explorando os cinco andares e todos os trinta e dois quartos. Mas, quando Darlene descobriu o "nosso" quarto, senti que ela já se mudara para a casa. Ficava num canto do segundo andar, e tinha seu próprio banheiro, com uma enorme banheira, ao estilo europeu. As janelas davam para o pasto de onde nos vinha a suave brisa e a música dos cinceros.

— Então acha que aqui pode ser seu lar, por uns tempos, indaguei sorrindo.

— Ah, claro!

Caminhei pelo hotel de novo, imaginando o que poderia ser feito. O objetivo de nossa escola não seria encher a mente dos alunos de conhecimentos, mas transformar vidas, aumentar sua fé em Deus, ensinar-lhes acerca do caráter dele, e de como o nosso pode assemelhar-se ao dele. Ali estaríamos totalmente comprometidos com o Senhor, e da mesma forma uns com os outros. Ali iríamos aprender sobre as duas facetas do evangelho, que eu vislumbrara pela primeira vez em Nassau, por ocasião do furacão Cleo. Ali, naquele prédio de cheiro desagradável (quase como um está-bulo, pensei sorrindo comigo mesmo) surgiria uma escola onde centenas de jovens iriam conhecer a Deus mais profundamente e aprender como poderiam levar outros a conhecê-lo também.

Entrei no refeitório. Os jovens passariam três meses naquela sala de aula e, depois, alunos e funcionários sairiam a campo, para um treinamento de seis meses no serviço prático. Todos juntos iríamos confiar em Deus, para suprimento de nossas necessidades. Todos juntos iríamos aplicar na prática aquilo que tínhamos aprendido na sala de aula, e falaríamos de Deus às pessoas.

— E quando esses jovens voltarem, disse à meia-voz, terão cada um sua própria visão. Assim a obra se multiplicará.

— Meu bem, interveio Dar, a senhoria quer conversar sobre os termos do aluguel.

— Ótimo, então vamos orar primeiro. Paramos ali no meio do refeitório, tendo Karen entre nós, e oramos. Acreditávamos que Deus nos havia conduzido àquele lugar, e por isso lhe pedimos que fizesse surgir ali tudo que estávamos planejando para a escola. E enquanto orávamos, veio-me à mente Kalafi Moala. Eu queria tanto que ele pudesse freqüentar esta nossa escola. Sentia-me intranquilo pelo fato de ele não haver recebido a mesma formação que eu e Dar havíamos recebido, ou não tivesse estudado numa escola bíblica. Kalafi deveria estar ali conosco. Ele se casara com uma jovem de sua terra, de nome Tapu. Jimmy e Jannie a conheceram e disseram que era muito bonita.

— E ela é de uma das famílias nobres de Tonga, acrescentou Jannie. Os dois formam um belo casal.

Mas, mesmo assim, eu me sentia intranquilo. Ele estava com uma grande responsabilidade em seu novo trabalho missionário, na Nova Guiné, e era ainda tão jovem!

Contudo, minha atenção no momento estava toda voltada para aquela escola ali na Suíça, e para o que ia-se realizar nela. Alugamos o hotel, e continuamos com a execução dos planos para recebermos trinta e seis jovens de cinco países, sem perceber, porém, que estávamos para iniciar o aprendizado de outra lição sobre a orientação divina.

Desde aquela primeira experiência, na casa de Jim e Joy, quando eu passara por uma profunda cirurgia da alma, aprendera que, quem quisesse crescer neste aspecto da vida cristã precisaria estar sempre de coração aberto para Deus e para os homens. Eu vira como o poder de Deus é derramado após um período de purificação espiritual, e me lembrei de que todas as grandes operações do Espírito Santo, que eu estudara, tinham sido precedidas de confissão de pecado. Eu passara pela minha experiência de purificação e fora liberto — por isso o diabo não poderia mais apresentar contra mim meus ressentimentos e pecados secretos. Eu já sabia por que é preciso haver esse tipo de confissão.

Eu não pretendia forçar os jovens da YWAM a adotarem essa conduta, mas achava que, algum dia, eles também passariam por esse tipo de experiência. Então, não foi surpresa para mim o que aconteceu com meu amigo Don Stephens, quando estávamos começando o trabalho ali.

A escola foi aberta no dia 27 de dezembro, seis meses depois que eu e Dar tínhamos visto o Hotel Golf pela primeira vez. No dia seguinte, as aulas iriam iniciar-se, com nosso primeiro professor visitante. Don Stephens e sua esposa também estavam conosco. Ele e Deyon haviam-se casado pouco depois daquela nossa experiência inicial nas Bahamas. Naquela noite pedi a Don que falasse ao grupo. Então ele se pôs à frente, mais corpulento do que na época em que estivéramos nas Bahamas, e testemunhou de como Deus o chamara para o trabalho de missões. Fora numa pequena igreja nas montanhas, narrou. Estava ajoelhado na frente da congregação quando tivera a forte impressão de que deveria dedicar-se ao trabalho missionário no estrangeiro em tempo integral.

Alguns dias depois, quando estávamos dando ensinamentos sobre o valor de uma consciência limpa, notei que Don estava-se remexendo inquieto no assento. Afinal, ele se levantou.

Quero dizer uma coisa. Naquela noite, quando eu lhes contei como Deus havia-me chamado para a obra missionária, eu exagerei... não, eu menti. Ele me chamou sim, do modo como contei... mas só até certo ponto. Mas aí fiquei muito empolgado e acrescentei algumas coisas que não eram verdades. Eu menti. Peço desculpas.

E sentou-se rapidamente.



E logo a sinceridade de Don foi sendo imitada por todos os que estavam ali naquele salão, pois outros começaram a confessar também. Foi maravilhoso ver aquilo. Naturalmente, não foram todos que resolveram fazer suas confissões ali, em voz alta, e isso não está errado. Cada um poderia ter feito sua confissão a Deus, somente. Aliás, esta é a única forma de confissão que opera a salvação. Mas a confissão feita ao homem traz humildade e unidade, e prepara o arrependido para receber de Deus a cura de sua mente, emoções e corpo. A confissão faz bem à alma. Estávamos presenciando um fato: a confissão feita perante um grupo compreensivo e leal traz certas vantagens especiais. Notei que, à medida que confessávamos uns aos outros, começamos a nos sentir mais próximos uns dos outros, como uma família de verdade. Naquele momento, consegui imaginar-me disposto a morrer por Don, uma pessoa que tinha se humilhado a si mesmo, e pelos outros também<sup>5</sup>.

Mais tarde, quando os alunos se recolheram a seus quartos, muitos escreveram cartas para os pais, pastores, professores e antigos namorados ou namoradas, a fim de acertar alguma coisa que tivesse ficado errada entre eles.

Lembrei-me daquela pilha de cartas que eu havia escrito, no meu quartinho do subsolo na casa de Jim e Joy. Lembrei-me também de como, após aquela ocasião em que fizera minhas confissões, o trabalho da YWAM começou a crescer num ritmo acelerado.

Será que iria acontecer o mesmo com Don?

Era o fim do verão de 1970, e eu, Dar e Karen estávamos dando um passeio pelo bosque perto do hotel, conversando sobre a escola. Olhei para Dar, que estava um pouco mais gorda, devido à segunda gravidez, e pensei que naquele dia iríamos ficar sabendo se nossa experiência da escola realmente dera certo. Nossos trinta e seis alunos haviam regressado de sua viagem de trabalho prático a vários países da Europa, tendo ido até o Afeganistão, e logo estaríamos ouvindo os relatórios. E mesmo enquanto caminhávamos entre aqueles pinheiros, estávamos ansiosos para ouvir o relato dos jovens — embora eu e Dar tivéssemos visitado, nas semanas anteriores, uns dez dos locais onde estavam evangelizando.

Eu desejava muito ouvi-los relatar as experiências do trabalho realizado nos diversos campos, mas estava ainda mais ansioso para saber dos planos que tinham para o futuro. Aquele seria um grande dia para nós, pois veríamos os frutos da orientação divina que eu e Darlene havíamos recebido juntos, havia três anos e meio, e que fora confirmada por Willard Cantelon, que recebera exatamente a mesma mensagem. E a verificação da validade de uma orientação obedece o mesmo critério rígido da verificação de uma profecia: ela se realizou?

---

<sup>5</sup> Toda pessoa tem o direito de confessar publicamente seus erros, ao receber a convicção do Espírito Santo. (Tiago 5.16, 1 João 1.1, e o exemplo de Davi em 2 Samuel, caps. 11 e 12.) Neste livro, duas pessoas expuseram, voluntária e publicamente sua confissão de pecados, para que a graça de Deus fosse demonstrada, e outros pudessem ser abençoados.

Será que daquele grupo de jovens iriam surgir novos ministérios sob o "guarda-chuva" da YWAM? É o que logo iríamos saber, assim que os alunos se reunissem no gramado à frente do hotel.

E naquela tarde nós nos sentamos ali, formando um grande círculo, debaixo do caramanchão de sicômoros, e tendo os Alpes como pano de fundo. Dar estava tentando conter nossa filha de dois anos, que parecia magneticamente atraída para um bebê de dois meses, o filhinho de Don e Deyon. Jimmy e Jannie também estavam presentes, tendo acabado de regressar do Afeganistão, aonde tinham ido liderando um pequeno grupo de jovens. Olhei para os dois e fiquei a imaginar quanto tempo ainda levaria para que suas orações fossem respondidas, e eles tivessem seu primeiro filho, já que estavam casados havia seis anos. E ali sentados embaixo da agradável sombra das árvores, os jovens começaram a relatar suas experiências na Alemanha, Espanha, França, Grã-Bretanha, Iugoslávia, Bulgária e Afeganistão. E depois eu apresentei o relatório daqueles que não tinham podido estar conosco ali — àquela altura, já contávamos com cerca de quarenta membros efetivos, incluindo Kalafi e Tapu, bem como seu grupo que operava na Nova Guiné.

Afinal, chegou o momento que eu estava esperando — a hora de ouvir aqueles jovens falarem sobre seus planos. E não fiquei desapontado. Uma a uma, aquelas pessoas diziam que criam que Deus queria que ficassem trabalhando com a Y WAM, em ministérios autônomos, e ao mesmo tempo relacionados com nossa obra, trabalhando em áreas onde houvesse necessidades especiais. Será que aquilo estava mesmo acontecendo? Sim, estava. Estávamos realmente iniciando o processo de multiplicação, com que eu tanto sonhara... jovens que vinham passar algum tempo conosco, jovens que permaneceriam em nossa escola e depois sairiam por conta própria para a França, Alemanha, Espanha... Jannie e Jimmy iriam para a Escandinávia.

Olhei para onde estavam Don e Deyon, sentados silenciosamente no fim do círculo, pois eram os únicos que ainda não haviam falado nada. Os olhos dela brilhavam intensamente, seu sorriso amplo estava ainda mais aberto.

- Don? perguntei. E quanto a vocês?

Don sentou-se apertado na cadeira e disse que tinha estado temeroso de que eu o chamasse na parte da manhã, pois até a hora do almoço ainda não sabia o que ele e Deyon iriam fazer. Havia semanas que estavam orando, mas parecia que não recebiam uma resposta clara.

— Eu já tinha quase desistido. Parecia que nada ateuva em nós aquele fogo interior; não estávamos recebendo orientação nenhuma. Mas na hora do almoço, peguei a última revista Time em cima da cama, abri-a, e fiquei a olhar as fotografias da reportagem sobre Munique, na Alemanha, e do estádio que estão construindo para os jogos olímpicos daqui a dois anos, em 1972. Nessa hora, lembrei-me também dos milhares de jovens comunistas que vi em Berlin Oriental, faz pouco tempo, marchando e dizendo lemas ideológicos. Era uma imagem muito estranha, pois nenhum daqueles moços tinham um brilho de verdadeiro entusiasmo nos olhos. Pareciam mais uns mortos marchando.

Olhou para o lugar onde eu estava e deu um suspiro fundo, batendo de leve com a palma da mão no peito.

— Loren, disse então, creio que devemos realizar uma marcha de crentes em Munique, durante os jogos olímpicos. Acho que seria uma grande oportunidade para termos contato com jovens da Cortina de Ferro, e de fora dela também, para falar-lhes sobre Jesus Cristo. Levando em conta que teremos os atletas e os turistas que irão para assistir, teremos ali um mundo em miniatura.

Alguma coisa mexeu dentro de mim, e reconheci que ele tinha razão. E não era só eu. De todos os lados do círculo vinham exclamações de aprovação e entusiasmo. Isso era a idéia de multiplicação operando da melhor forma possível. A YWAM era o elemento catalisador que iria dar ao mundo pessoas como Don. Deus transmitira uma idéia importante a outra pessoa de nossa escolinha, que não eu. Lembrei-me de como Don havia se levantando naquela outra ocasião e se humilhado perante o grupo, confessando o pecado, e fiquei feliz por ter sido o escolhido por Deus; eu confiava nele.

— Quantos jovens você acha que devemos enviar para lá? indaguei.

Ele baixou os olhos um instante, e depois replicou.

— Duzentos.

O número me pareceu pequeno, mas só esses já seriam um fato extraordinário, principalmente levando-se em conta a escassez de acomodações que certamente ocorreria durante as Olimpíadas.

E assim foi nossa reunião de encerramento. Eu me senti grandemente empolgado por ela. Mais tarde, tivemos uma reunião de oração, na qual nos despedimos dos que partiam — para doze destinos diversos — com as bênçãos de Deus.

Por fim partiram também Don e Deyon com seu bebezinho. Colocaram toda a bagagem no seu furgão e partiram, para uma viagem a Munique, onde iriam fazer as sondagens prévias.

Tive a sensação de que estávamos no limiar de um grande evento.

## CAPÍTULO DOZE

### ***O Perigo do Sucesso***

Gostaria muito de ter sabido disso antes — bem antes, para evitar o sofrimento. Gostaria de ter conhecido esse que é um dos principais princípios que regem a orientação divina. O Senhor nos conduz a vitórias, mas a sucesso em si é um dos mais perigosos obstáculos para se discernir a voz de Deus.

"Não tínhamos a menor idéia disso quando mergulhamos nos trabalhos que se achavam diante de nós.

Era um dia frio e cortante, e haviam-se passado dois anos, desde que Don Stephens enxergara pela primeira vez o sonho de levarmos jovens voluntários aos jogos olímpicos de Munique. Eu descia apressadamente por uma calçada cinzenta em Copenhague, pensando numa imensa impressora Heidelberg, indagando-me onde iríamos colocá-la. Pesava duas toneladas, e desejávamos usá-la para imprimir cerca de um milhão de peças de literatura evangélica para

distribuir entre as pessoas que iriam a Munique assistir às Olimpíadas, que seriam dali a seis meses. Tínhamos ganhado a impressora, bem como dinheiro para adquirir papel e tinta. O único problema é que não tínhamos um lugar para instalá-la. E dentro de duas semanas ela teria que estar funcionando, produzindo nossa literatura.

- Afastei-me do meio-fio, desviando-me de um Volvo, e encolhi-me ainda mais no sobretudo, aflito para voltar ao calor do apartamento de Jimmy e Jannie, que era nossa base de operações.

É lógico que procurar um lugar para instalar uma impressora era apenas uma faceta de nosso problema. Estávamos com centenas de jovens prontos para ir para Munique. Don havia reconhecido que tinha sido excessivamente modesto ao falar que deveríamos contar com duzentos jovens. Após fazermos um trabalho de recrutamento nos Estados Unidos e Canadá, África do Sul e Europa, estávamos com quase mil voluntários. E ainda não tínhamos lugar para alojá-los.

Don já fora a Munique diversas vezes à procura de acomodações. Na primeira viagem, realizada há quase dois anos, ficou sabendo que todos os prédios maiores em Munique e seus arredores, até à distância de duas horas de carro da cidade, estavam reservados.

— Mas pelo menos temos que arranjar uma garagem ou coisa parecida para começar a rodar a impressora, fora a última decisão tomada, na procura de soluções para os problemas mais imediatos.

Mas eu não estava muito preocupado com o lugar para instalarmos a máquina ou alojarmos os jovens. No fim, alguma coisa ia aparecer, como sempre acontecia. Pensei nos dois anos anteriores, e em como tudo acontecera com tanta facilidade. Havíamos encontrado a fórmula certa, e ela estava operando. "Esta tudo aí".. pensei comigo mesmo, "para qualquer crente descobrir. É só receber a mensagem de Deus, para se saber o que ele deseja fazer, expressar essa mensagem em voz alta, e depois ficar observando as coisas acontecerem.

Um ano antes, mais ou menos um mês antes do nascimento do nosso filho David, Deus nos falara para comprarmos o Hotel Golf. Até aquela ocasião, a YWAM só possuía umas máquinas de escrever, uma pequena impressora de segunda mão (que já era um grande progresso em comparação com o mimeógrafo que tínhamos na época em que Bob e Lorraine trabalhavam conosco imprimindo nossas circulares), e uma pequena frota de carros e furgões usados. Mas Deus dissera: "Compre!", e então expressamos isso em voz alta. Eu tomara a decisão, em minha mente e espírito de nunca duvidar que teríamos o dinheiro necessário, na hora certa

E a cada semana que passava, recebíamos um pouco mais, para a compra do Hotel. E todos fizemos nossa parte também, pois os jovens também contribuíram sacrificialmente para a aquisição do prédio, Dar e eu sentimos que Deus queria que vendêssemos nossa casinha de La Puente e empregássemos, o dinheiro nisso. E foi o que fizemos. No último dia de prazo para o pagamento, ainda nos faltavam \$10.000 dólares. Fui ao correio mais uma

vez para verificar nossa correspondência, antes de Ir fazer o pagamento. E lá, em nossa caixa postal, havia doações de várias pessoas que tinham fé em nossa obra. Quase não acreditei quando contei o dinheiro: somava exatamente \$10.060 dólares. Apenas por curiosidade, voltei à caixa postal quatro dias seguidos, após havermos pago a soma total, mas não encontrei nada — nem um centavo.

Então eu sabia que o problema das acomodações em Munique também se resolveria. E acharíamos um local adequado para instalar a impressora também. "Mas será melhor achar logo", pensei, ao lembrar que as Olimpíadas se realizariam dali a seis meses. E foi o que aconteceu. Alguns dias depois o telefone tocou. Era Don.

— Acho que encontrei o lugar para instalarmos a impressora, e para alojarmos mil jovens!

— É mesmo? Ótimo! E o que é? Um armazém? Um acampamento?

— Bem, não. É um castelo!

Quando ele disse a palavra "castelo" ouvi aquele estalido interior. Era absurdo. Mas assim que ele começou a descrever a propriedade, que estava à venda, compreendi que era para nós. Quando ele desligou, pus-me a orar-perguntando a Deus se devíamos comprar o castelo e comecei a ter idéias de que o prédio não seria usado apenas nas Olimpíadas, mas deveria tornar-se uma base permanente da YWAM na Alemanha. E a cada hora aquele "Sim" tranqüilo e calmo se tornava mais forte em meu interior.

Passado alguns dias, fui encontrar-me com Don em Munique, e juntos fomos ver o castelo. Deixamos a cidade e viajamos por uma hora, atravessando planícies de áreas cultivadas, em direção ao povoado de Hurlach. A certa altura, entramos por uma estradinha rural, e lá estava ele, à nossa frente, na linha do horizonte, como um gigante. O nosso castelo! Tinha duas torres com cúpulas em formato de cebola. Entramos vagarosamente pelos imensos portões, rodamos pela entrada circular, e paramos diante da pesada porta, decorada com entalhes. Saímos do carro e ficamos a girar o pescoço para olhar para o alto do castelo com seus seis andares, e para as construções próximas, mais baixas.

— É imenso! murmurei para Don. Tocamos a sineta e instantes depois o encarregado da casa nos conduzia pelos aposentos dela. Desde a masmorra até o sótão, estava praticamente novo. Fora construído no século XVI, mas o atual proprietário — um grupo que prestava serviço social a crianças — havia modernizado o prédio, tendo gasto provavelmente o dobro do preço pedido. Havia acomodações para trezentas pessoas, quartos de dormir e banheiros. Mas com um sótão tão espaçoso e dois acres de terra ao redor, calculei que poderíamos alojar ali, temporariamente, bem mais de trezentas.

— Dizíamos que precisávamos de uma garagem e aí está ela, disse Don rindo. Veio acompanhada de um castelo!

Caminhamos rapidamente para uma construção adjacente para ver a garagem — comportaria bem a nossa Heidelberg.

— E ali atrás, falei, podemos armar a barraca para as reuniões de treinamento dos jovens.

Voltamos a Munique acompanhados de um intérprete. Reunimo-nos com os proprietários e apresentamos a proposta de compra, de acordo com a orientação que eu cria que Deus me havia dado. Concordávamos em dar uma entrada dentro de uma semana, e depois faríamos outro pagamento no final de agosto — que seria já bem no meio das Olimpíadas. Saímos dali com as chaves do castelo. Fora tudo tão fácil. Dentro de uma semana, recebemos o dinheiro da entrada, proveniente de diversos crentes europeus. Nossa fé estava em maré alta. Alguns dias depois, nossa impressora foi instalada no castelo em Hurlach, e nossos impressores se puseram logo a imprimir a mensagem do evangelho em alemão, inglês e francês.

A princípio parecia que aquela idéia não provinha de Deus.

Aconteceu pouco depois de Don haver-se mudado para o castelo em março de 1972, quatro meses antes do início das Olimpíadas. Eu estava fazendo uma viagem pelo Pacífico, conclamando jovens para participarem de nosso esforço evangélico em Munique. E viajando de um país para outro, preocupado com isso, estava totalmente desprevenido para o que Deus ia me dizer, em parte porque o que disse não tinha nada a ver com as Olimpíadas. Mas ele já estava nos preparando para eventos que ainda iriam ocorrer bem no futuro.

Estava num vôo de Seul para Hong-Kong, e a comissária de cabine acabara de retirar a bandeja do almoço. Voávamos para o sul, sobrevoando o mar Amarelo. Ergui o tapume que encobre a janelinha do avião e vi, à distância, meio envolta em brumas, uma faixa de terra que achei que deveria ser a China continental. Devíamos estar passando perto de Shangai, calculei; está ali em algum ponto dessa paisagem indistinta.

De repente a voz de Deus quebrou o fio de meus pensamentos. "Está na hora de começar a procurar o navio".

Fiquei espantado. "És tu mesmo. Senhor?", a pergunta brotou automaticamente. Desde que tínhamos vivido a experiência das Bahamas, com o furacão Cleo, eu havia compreendido que nossa missão teria duas facetas: amar a Deus e auxiliar as pessoas. E um navio seria um instrumento perfeito para a realização ambas. Mas a idéia me deixava aturdido. Imaginava o imenso trabalho que implicava na posse de um navio: arranjar uma tripulação capaz, tomar providências para atender às exigências internacionais para a navegação, levantar os fundos suficientes para manter um navio-socorro em funcionamento e bem provisionado.

"Senhor, se és tu mesmo que estás dizendo que já é hora de começarmos, por favor, dá-me a certeza disso, pois precisaremos de muito dinheiro para assumirmos uma missão desse porte."

E eu não tinha a menor idéia de como o preço seria elevado.

Algumas semanas depois, eu estava na Nova Zelândia, onde falei a um grupo de jovens sobre nosso projeto de Munique. Gostava de voltar sempre a esse lindo país, com suas colinas verdes, pontilhadas de ovelhas. Ali, eu aprendera tanta coisa sobre Deus, conhecera Kalafi Moala, Jim e Joy Dawson, e tantas outras pessoas que haviam se tornado muito importantes para mim. Já contávamos com um bom núcleo de líderes do trabalho no país. Falei a essas

peças sobre a experiência que tivera nas Bahamas, e depois no avião, quando sobrevoava Shangai. Será que Deus estava-nos orientando para adquirir um navio?

Reuni-me com mais cinco pessoas para orar. "Senhor, precisamos de tua bênção. Tu sabes como será difícil conseguir as pessoas certas para esse projeto..." dizia alguém orando. De repente ouviu-se uma batida na porta. Ligeiramente aborrecido com a interrupção, fui ver quem era. Ali estava um homem de uns trinta anos, com a pele curtida, como a de alguém que trabalha exposto ao tempo.

— O que deseja, senhor? indaguei, dando uma olhada para trás, por sobre os ombros, para meus amigos que aguardavam.

O homem deve ter percebido que estava interrompendo alguma coisa, pois ao responder foi direto ao ponto.

— Por que Deus chama para ser missionário um homem que não tem nenhum preparo para isso?

Era uma pergunta meio estranha, mas senti como que uma sacudidela no espírito, que me dizia que devia escutá-lo atentamente.

— Não quer entrar? perguntei e abri mais a porta. O que o senhor quer dizer com isso?

— Quero dizer, falou ele entrando na sala meio desajeitado, que entendo das coisas do mar. Sempre fui um engenheiro chefe e capitão, e agora Deus está-me chamando para ser missionário. Essas coisas não combinam. Combinam?

Naturalmente ficamos muitíssimo admirados pela forma direta como Deus estava atendendo às nossas petições. Aquele marinheiro, como nos revelou logo depois, queria começar a trabalhar imediatamente, mas não poderíamos atendê-lo. Entretanto, seu aparecimento num momento em que estávamos pedindo a orientação de Deus causou uma grande comoção entre nós. A primeira coisa em nossa lista de trabalhos era Munique, mas entendemos que Deus já estava nos dando ordem para o futuro

Voltei para casa ansioso para relatar a dar os últimos fatos acontecidos, e saber das notícias mais recentes sobre os preparativos para Munique. Não teria tempo para passar em Nova Guiné e ver Kalafi, Tapu e suas duas filhinhas. Eles já estavam com vinte e cinco membros efetivos, e provavelmente realizando uma grande obra.

Eu, Darlene e nossos dois filhos, agora com quatro e um ano e meio de idade, saímos da rodovia que vinha de Munique e nos enveredamos pela estradinha que cortava a planície, com sua terra cultivada, em direção ao castelo. Daí a uma semana, centenas de jovens de todos os continentes estariam chegando àquele povoado. A cidadezinha tranqüila, com suas casinhas típicas, e sua velha igreja católica e sua meia dúzia de lojas, estava para viver três semanas de muita agitação. Já se viam alguns jovens caminhando pelo povoado com suas mochilas nas costas.

— Você já pensou, Dar, disse eu virando o carro em direção ao castelo, que Hurlach tem uma população de apenas mil habitantes e que nós vamos dobrar esse número, em apenas uma semana?

— É mesmo, disse ela rindo; e você já pensou, Loren, que há dez anos atrás você me disse que seu sonho na vida era ver mil jovens fazendo trabalho de evangelismo? Aí estão eles!

Era uma observação muito agradável, mas que não satisfazia mais. Nossos planos já haviam ultrapassado em muito esse sonho. Nosso plano era de um ministério duplo, que já estava em fase embrionária.

Rodei pela entrada circular e parei diante da imensa porta entalhada. Don já devia estar nos esperando, pois logo veio correndo para nos receber, seguido de Deyon e da sua bonequinha loura de dois anos.

— Venham aqui atrás do castelo, gente. Tenho uma surpresa para vocês.

Fomos, e lá atrás do prédio, meio apertada entre o castelo e a cerca dos fundos, estava uma enorme lona de circo, com suas listas coloridas. E Don me contou como já estava quase desistindo de encontrar uma boa barraca, pois parecia que todas as barracas grandes da Europa haviam sido alugadas. Mas aí um espetáculo de dança foi cancelado.

— ...e agora nós temos nossa barraca para as reuniões, explicou ele.

## CAPÍTULO TREZE

### ***Munique, o Mundo em Miniatura***

E durante toda aquela semana os jovens foram chegando, procedentes de cinquenta e dois países e representando cinquenta denominações. Jimmy e Jannie vieram num trailer Volkswagen. E Jim e Joy Dawson vieram também; Jim com seu porte sempre elegante, e Joy, com sua franqueza direta, seria uma das preletoras de nossa barraca.

O plano para as três semanas era bem simples. Todos os dias quinhentos dos jovens, sob a liderança de Don Stephens, estariam nas ruas de Munique, enquanto os outros quinhentos ficariam no castelo, sob minha orientação, recebendo ensinamentos, com estudos bíblicos e reuniões de oração. No dia seguinte, os dois grupos trocariam de atividade. Os que iam para a cidade, tinham que levantar-se às cinco da madrugada, pegar o trem para Munique levando lanches em saquinhos, e só regressando à meia-noite. Tínhamos planos de realizar marchas pela cidade, e no fim dos jogos um grande festival de música evangélica.

Mas desde o primeiro dia do trabalho recebemos a pior forma de resistência que se pode imaginar — a indiferença.

Sentíamos-nos como "penetras" numa festa para a qual não tínhamos sido convidados. A atmosfera de Munique era a de um festejo tipo carnavalesco, fc, era muito difícil tentar quebrar o ritmo de uma festividade para falar de coisas sérias. O esporte era como um gigantesco ídolo - e o mundo todo estava prostrado aos pés dele. A competição atlética era a solução para a desejada paz e fraternidade universais. As autoridades alemãs, desejosas de ter uma olimpíada sem contratempos, para mostrar ao mundo sua eficiência, nos proibiram de realizar marchas pela cidade, e só, permitiram que realizássemos o festival fora de Munique.



Então tivemos de fazer algumas improvisações. Dividimos o grupo em equipes menores, e algumas entravam nas escolas ou parques, onde se congregavam jovens comunistas e usuários de drogas, e realizávamos reuniões improvisadas pela cidade e nos estádios, piscinas, etc, e outros lugares onde se processava a atividade olímpica. Nossos jovens penetraram também na vila olímpica e conversaram com atletas da cortina de ferro. Quando encontravam alguém mais interessado, conduziam-no para um café-bar que havíamos montado nas dependências de uma grande loja, e ali lhe falávamos de Jesus.

Estávamos conseguindo alguns resultados, mas o trabalho estava bastante difícil. Já estávamos trabalhando havia duas semanas, e nosso grande problema, nessa atmosfera de festa e competição, ainda era a indiferença, o dar de ombros.

Mas tudo isso mudou, quando o ídolo adorado caiu e quebrou, quando se desfez a ilusão de que a fraternidade mundial seria alcançada através dos esportes.

Era o dia 5 de setembro, terça-feira, pela manhã, e eu estava falando na reunião de nosso circo de lona, quando notei uma agitação no fundo do salão. As pessoas conversavam em sussurros, dando notícias de algo que acontecera, e o rosto dos que ouviam ia-se tornando carregado de preocupação. Por fim, um dos jovens encaminhou-se pelo corredor central apressadamente e me entregou um bilhete.

Li-o quase sem acreditar. Alguns terroristas árabes haviam invadido a vila olímpica, e tinham matado dois atletas israelenses e ainda mantinham nove como reféns. Comuniquei o fato ao nosso grupo, e Jogo começamos a orar.

Suspendemos as aulas que iríamos ter e dividimo-nos em pequenos grupos para orar, pedindo a Deus que, de algum modo, algum bem adviesse da tragédia.

Soubemos depois que os outros quinhentos jovens, que se encontravam na cidade, com Don, faziam o mesmo, onde quer que se encontrassem. Formando pequenos círculos, eles se ajoelhavam para orar na rua mesmo, alguns a poucos metros do setor onde os terroristas estavam com os reféns, e que fora todo cercado pela polícia. Outros jovens da YWAM ajoelhavam-se nas calçadas, no centro de Munique, outros em nosso café-bar. E, nesse ínterim, todos estávamos de fôlego suspenso, como o resto do mundo.

Mas pouco depois, com uma explosão de violência, o drama teve um fim trágico ou repentino com a morte dos nove israelenses, bem como de cinco dos árabes e um alemão.

Da noite para o dia, o festival de Munique se transformou num funeral. As pessoas caminhavam sem rumo pelas ruas, como que perdidas. De repente, nossos jovens começaram a ser bem aceitos, pois estávamos em Munique como mensageiros da esperança. Chorávamos com os que choravam, assegurando-lhes que Jesus Cristo era a solução para tragédias como essa. Então os corações se abriram. No dia do ataque terrorista, uma jovem israelense da YWAM conduziu um árabe muçulmano a crer no seu Messias. Eu e Dar não conseguimos mais permanecer fora da cidade. Resolvemos ir para Munique

com o resto dos jovens. Nós dois nos reunimos com um grupo dos nossos rapazes e fomos para um dos estádios, e ali nos congregamos um setor de entretenimento, onde ficamos a cantar hinos, e a falar de Deus às pessoas. Um a um os ouvintes foram chegando, sentando-se naquele auditório, e em silêncio ouviam nossas mensagens. No final, uma bela jovem alemã de mais ou menos vinte anos veio falar conosco.

— Vocês são desse povo de Jesus? indagou.

— Somos, respondemos eu e Dar ao mesmo tempo.

A moça tinha no semblante uma expressão de grande anseio.

— Eu não sou, mas quero ser.

Conduzimo-la para o nosso café bar e a apresentamos a Don, que falava alemão fluentemente. Conversando com cia, Don veio a saber que a moça estava viajando quase que sem rumo pela Europa, tentando encontrar um sentido para a vida. E ela o encontrou naquela noite. Abrindo os braços comovida, ela disse:

— Agora conheço Jesus. Agora pertenço ao povo de Jesus também.

Após a tragédia dos atletas israelenses, as autoridades da cidade mudaram de idéia a nosso respeito.

— A presença de vocês, os crentes, aqui, disse um policial a Don certo dia, foi a única coisa boa que aconteceu nessas três semanas.

Então não só permitiram que fizéssemos a marcha, como até nos deram milhares de flores das praças da cidade (éramos mais de mil participantes) para distribuímos na caminhada, em solidariedade pelas mortes ocorridas. Imprimimos 10.000 jornais em nossa impressora Heidelberg, instalada na garagem do castelo.

E os jornais eram praticamente arrancados de nossas mãos.

Eles traziam na frente o retrato de um jovem árabe e uma jovem israelense, ambos da YWAM, de braços dados, proclamando que a única solução para o problema da fraternidade universal era a pessoa de Jesus Cristo.

As três semanas das Olimpíadas estavam encerradas, e haviam terminado com uma tragédia que Munique nunca mais iria esquecer. E as três semanas de atividade estavam terminadas para nós também.

Elas nos haviam proporcionado a experiência de participarmos do sofrimento das pessoas, mas sentimos que também eram o marco de um novo começo. Com a colaboração de ofertas generosas, conseguimos acabar de pagar o castelo, e sentimos que tínhamos afinal uma base permanente na Alemanha. Antes de desmontarmos a barraca listrada fizemos uma reunião final onde levantamos uma oferta. Ao passarmos as cestas, nossos jovens poderiam ou colocar sua oferta ou retirar dinheiro, dependendo dos planos que tivessem para depois, de acordo com a orientação divina para eles. Muitos dos nossos voluntários precisavam de dinheiro para as passagens de avião, já que tinham resolvido continuar trabalhando com a YWAM e iriam para um de nossos vinte centros, espalhados pelo mundo todo. Outros haviam resolvido entrar para uma de nossas três escolas que haviam surgido após a primeira, de Lausanne. Em quase todos os casos, teriam novas despesas: as longas ligações internacionais

para seus pais, a fim de discutirem com eles os novos planos, já que fazíamos questão de que eles mantivessem a comunicação com os pais e a igreja.

Para mim, o fim das Olimpíadas significou que eu podia focalizar minha atenção em outra coisa. E o projeto a respeito do qual eu ia precisar da orientação divina era o navio. Eu tinha uma idéia de como ele deveria ser: cerca de 500 pés de comprimento, com capacidade para alojar centenas de pessoas, uma verdadeira escola flutuante, e um amplo armazém de carga, para transportar víveres e outras coisas para as pessoas que estivessem passando necessidade. Teríamos a bordo equipes médicas e centenas de jovens que desembarcariam em cada porto, levando a mensagem das Boas-Novas. O navio seria pintado de branco, para simbolizar a pureza de Deus.

Duas pessoas já haviam-me falado sobre um na-vio-barcaça chamado Maori, que estava à venda em Nova Zelândia. Quando a terceira me falou a mesma coisa, comecei a ficar interessado. E em abril de 1973, um ano e um mês depois que Deus havia-me falado para procurar o navio, parti para aquele país, para dar uma olhada no Maori. Já contávamos com um capitão e outros experientes membros da tripulação. Na época, essas pessoas se encontravam em nossa escola de Lausanne, fazendo o curso preparatório.

Chegando a Wellington, o avião sobrevoou o porto da cidade para começar a descer. Era uma cidade cheia de morros, edificada em volta de uma baía, que lembrava muito San Francisco.

Em dado momento avistei o navio. Só podia ser o Maori. Era exatamete como me haviam descrito: um navio pintado em negro, com cerca de 450 pés de comprimento, tombadilhos em branco, e uma chaminé pintada em laranja e azul, ancorado placidamente no pé das colinas de Wellington. "Estou olhando para nosso futuro", pensei sentindo uma grande certeza.

Quando subi a prancha de acesso ao Maori, estava acompanhado de um representante da companhia proprietária do navio e um dos diretores da YWAM na Nova Zelândia. Era realmente um barco excelente. Tinha três tombadilhos superiores e dois inferiores, acomodações para 920 pessoas, e um imenso tombadi-lho para carros, onde caberiam 120 veículos ou muitas toneladas de carga. Havia um restaurante, uma sala de estar e uma pequena enfermaria. Sem pensar duas vezes, senti que aquele era o navio que estiváramos esperando. Afastamo-nos dali, deixando o Maori ancorado em seu lugar.

#### CAPÍTULO QUATORZE

### ***Um Homem no Meio das Sombras***

Eu não estava realmente muito interessado em dinheiro. Eu e Darlene e nossos dois filhos, Karen, de cinco anos, e David, de dois, ainda morávamos num anexo do hotel de Lausanne, que tinha quatro cômodos. Entretanto, eu estava muito interessado na faceta da orientação divina que dizia respeito ao dinheiro. Parecia que estávamos sendo orientados no sentido de comprar o Maori. Quatro meses depois de minha visita ao navio, enviei para lá nosso assessor administrativo, Wally Wenge, para fazer o negócio com a companhia.

Concordamos em dar uma entrada de \$72.000 dólares, a 4 de setembro de 1973, e o restante em trinta dias.

Imediatamente recebemos diversos incentivos. Um empresário inglês ligou-me para dizer que Deus estava-lhe ordenando que fizesse alguma coisa pela YWAM. E a quantia que ele nos enviou era mais do que suficiente para darmos a entrada. Recebi um telefonema de Wally Wenge dizendo-me que a imprensa da Nova Zelândia estava publicando artigos sobre o fato de alguns jovens missionários declararem que Deus queria que comprassem o Maori. O que se passava é que o navio operara por muito tempo nas águas da Nova Zelândia e se tornara uma espécie de marco nacional. E o povo se mostrava interessado pelo nosso projeto. Daí a pouco, o país todo estava informado sobre nosso negócio.

Sentíamos uma enorme confiança. E essa confiança parecia plenamente justificada devido ao sucesso que tínhamos experimentado anteriormente. E fizemos outras declarações à imprensa, afirmando que Deus não apenas fala a seu povo, mas também fornece todas as provisões necessárias. Os jornais adoraram tudo isso. Um deles estampou a seguinte manchete: Jovem Afirma: "Deus nos Dará Este Navio!". E então anunciamos que o navio zarparia para a Califórnia dali a um mês, quando vencia a segunda parcela do pagamento. E ele chegaria lá dois meses depois, em meados de outubro. Eu estava na crista da onda. E por que não? Todos os dias recebíamos mais derramamentos; outro voluntário para o trabalho ou mais dinheiro, ou uma oferta especial. Certa companhia ofereceu-nos de graça a tinta necessária para pintarmos o Maori todo de branco; o decorador do Queen Elizabeth II ofereceu seus serviços de graça; alguns agricultores nos ofereceram cereais e carne para darmos aos necessitados. E o mais importante oferecimento foi o de um executivo de Manila que prometeu dar-nos o dinheiro para pagarmos a outra parcela do preço. A única dificuldade seria a permissão para o dinheiro sair das Filipinas.

E as coisas iam acontecendo rapidamente. Achava-me numa roda-viva para cuidar de tudo que estava surgindo.

Certo dia, senti que precisava diminuir o ritmo. Aliás, estava precisando passar uma semana a sós com Deus, jejuando e orando.

E nessa semana tudo mudou.

Eu estava sentado, orando silenciosamente, com a Bíblia aberta em Hebreus. De repente, pareceu-me que as palavras dos versos 26 e 27 do capítulo 12 queriam saltar fora da página: "Ainda uma vez por todas farei abalar não só a terra, mas também o céu... para que as coisas que não são abaladas permaneçam."

Tive a sensação de haver levado um murro na boca do estômago. "Ah, não! Espero que isso não tenha relação com o navio."

No dia seguinte, liguei para o nosso escritório da Califórnia, um pouco ansioso. Jim Dawson era o nosso administrador ali, já que ele e sua esposa Joy trabalhavam conosco em tempo integral.

— O que recebemos hoje para o navio? indaguei.

— Nada, Loren. Muito estranho.

— O homem de Manila já conseguiu remeter o dinheiro de lá?

Não havia nenhuma notícia das Filipinas. Bem estranho. Todos achávamos que tudo ia ser pura rotina. Sentia-me confuso. As palavras daquele texto de Hebreus tinham-me atingido com toda força. Talvez estivessem mesmo relacionados com o navio.

E no restante da semana de oração, fiquei em luta com essa aparente advertência, mas nada estava muito claro. Talvez as coisas se esclarecessem mais na reunião que teríamos em Osaka, no Japão, na semana seguinte, e da qual participariam 93 dos líderes da YWAM. Já tínhamos tido boas experiências de recebimento de orientações de Deus em reuniões assim.

E duas semanas antes da data marcada para fazermos o pagamento final do navio, despedi-me de minha esposa, e parti para Osaka, com uma parada em Seul, Coréia, que depois veio a tornar-se muito importante.

Durante a viagem, eu ia pensando em como as reuniões anuais da liderança da YWAM tinham-se tornado vitais para nós. Nos treze anos de existência da organização, tínhamo-nos desenvolvido muito e já éramos 200 missionários, provenientes de quinze países, cada um dirigindo uma base de operações autônoma e com financiamento próprio. Estávamos ligados uns aos outros pela amizade e pela mesma visão e chamada. Tendo uma obra assim descentralizada, a YWAM dependia de reuniões do tipo da que iríamos realizar em Osaka. Nosso relacionamento uns com os outros era o vínculo que nos mantinha unidos. E isso me deixava numa posição muito difícil, se é que aquela palavra "abalar" tivesse realmente de ser aplicada ao navio. Eu ficava tenso à idéia de ter de enfrentar os amigos (Don Stephens, Jim e Joy Dawson, minha irmã Jannie e seu marido Jim, Kalafi e sua esposa Tapu, estariam presentes, bem como centenas de outros amigos) para dizer-lhes que o navio estava ameaçado.

E à medida que atravessava milhas e milhas aéreas, ia pensando que talvez a advertência que recebera em Hebreus não se referisse ao nosso navio. Aos poucos minha confiança foi retornando. Quando cheguei a Seul, telefonei para meu assessor, Wally Wenge, na Nova Zelândia. Ele estava com uma atitude muito positiva e me assegurou que os 110 voluntários e a tripulação do navio, constituída de pessoas de dez nações, estavam trabalhando ativamente no barco, limpando-o e polindo tudo, da proa à popa. Ótimo!

Tenho certeza de que essa forte sensação de confiança foi a razão de eu ter ficado arrasado pelo estranho evento que se seguiu.

No dia seguinte bem cedo pus-me a orar, estendido sobre o catre quase rente ao chão. Daí a três dias estaria voando para Osaka para a conferência. A data para o pagamento do navio seria dali a dez dias.

Procurei silenciar minha mente aos poucos, e cada vez mais centralizar o pensamento em Jesus, rendendo-me a ele, louvando-o, disposto a ouvir o que seu Espírito quisesse colocar em minha mente.

De repente, comeci a enxergar um quadro mental, ligeiramente parecido com a visão das ondas, que eu tivera dezessete anos antes. Só que desta vez a cena era terrível...

Vi a mim mesmo diante de nossos líderes da YWAM, e lhes anunciava com grande exuberância: "Já temos o navio. Deus nos deu o dinheiro para o MaorL" E todos gritavam de alegria, levantando os braços. Depois, subitamente, vi uma figura envolta em sombras, de pé, à minha esquerda, sem que tivesse sido notada por nenhum de nós. Olhei mais atentamente para o seu rosto e percebi que estava sofrendo muito. Então compreendi tudo: aquele era Jesus! Nós o estávamos ignorando totalmente. Estávamos felizes por causa de um navio, totalmente esquecidos do Senhor.

Afundi o rosto na cama, querendo afastar aquela visão, sem contudo o conseguir. "O Deus, perdoa-me! Tenho ficado com os olhos voltados para o navio que tu está-nos dando, e os retirei de ti. Eu... nós... não o merecemos. Não queremos roubar tua glória para dedicá-la a um objeto de metal."

Chorei muito tempo, clamando a Deus, e afinal senti que ele me ouvira e me perdoara. Mas eu sabia que não era só a minha atitude que precisava ser modificada. E portanto a mensagem que eu iria dar aos líderes da YWAM na segunda-feira em Osaka seria bastante séria. Precisávamos acertar tudo muito bem com Deus, antes de começarmos a pensar em qualquer outra coisa.

Esforcei-me para sorrir assim que desembarquei no aeroporto de Osaka. A cidade era a sede do ministério de Kalafi, e foram ele e sua esposa que me receberam no aeroporto. Ele não havia mudado muito, a não ser pelo fato de estar um pouco mais encorpado.

— Você está parecendo mais um rei tongano, disse-lhe, procurando esconder a tristeza que sentia.

A esposa de Kalafi era mais baixa que ele, muito bonita, e tinha cabelos pretos, anelados, e um sorriso tímido. Logo me conduziram para seu furgão, falando-me sobre o rústico hotel que haviam reservado para nossa conferência.

— Não é nada luxuoso, sabe Loren, explicou Kalafi.

Enquanto rodávamos para lá, íamos conversando sobre o trabalho deles ali. Seria minha imaginação ou Kalafi estava um pouco menos despreocupado de que quando o conhecera? Talvez fosse a idade... Quando eu o conhecera, havia seis anos, ele era um esbelto jovem de dezoito anos. Mas ele ia respondendo às minhas perguntas, falando entusiasticamente sobre seu trabalho com os estudantes universitários. Dissipei minhas primeiras impressões.

Kalafi parou o carro em frente de um hotelzinho de aparência espartana, em Otsu City, nos arredores de Osaka. Assim que entramos no saguão, meus amigos da YWAM vieram receber-me. Parecia que a disposição de cada pessoa ali era de muita alegria, e então guardei comigo o amargo segredo.

Uma eficiente senhora japonesa deu-me um par de chinelos de plástico, uma toalha e lençóis, e então subi a escada para ir ao quarto. Atirei as toalhas e lençóis na cama e me deitei. Não estava muito ansioso pela nossa primeira reunião, à tarde.

No segundo andar havia um salão de conferências, com três fileiras de cadeiras em semicírculo, onde nos reuniríamos. Acomodamo-nos nos lugares. Olhei para o aposento desprovido de outros acessórios e pensei: "Pelo menos não teremos nada para desviar nossa atenção."

Levantei-me e todos os olhares se fixaram em mim, com certeza na expectativa das últimas notícias boas acerca do navio.

Mas, em vez de dar essas notícias, falei-lhes sobre a visão que eu tivera, de Jesus no meio das sombras, com o rosto triste, enquanto adorávamos um objeto de metal.

Na verdade, a história era muito simples. Deus realmente nos falara para comprarmos um navio, e por várias vezes ele confirmara a ordem, usando todos os métodos que conhecíamos para o discernimento de sua mensagem. Ele nos falara pelo princípio dos Reis Magos; falara por versos das Escrituras que pareciam saltar da página; enviara dinheiro e pessoas capacitadas, e nos dera aquela convicção íntima — mas havíamos errado na forma como havíamos seguido sua orientação. Havíamos desviado nossos olhos do Doador para os fixarmos no presente dado por ele.

A reação do grupo foi imediata e quase unânime. E foi a mesma reação que eu tivera deitado naquele catre em Seul. Alguns caíram de joelhos e outros se prostraram. Uma pessoa começou a chorar. E daí a instantes estávamos todos chorando, mulheres e homens.

E naqueles seis dias de reunião, nós nos reunimos não para nos regozijar pela aquisição de um navio, mas para confessar situações em que havíamos deixado de dar a Deus o primeiro lugar em nossa vida, ou tínhamos roubado sua glória para nós. E as confissões continuavam a cada dia. Kalafi foi um dos que falaram. Ele se ergueu, com o semblante preocupado, e contou sucintamente que estavam tendo problemas no relacionamento conjugal. Kalafi e Tapu tendo problemas? indaguei a mim mesmo espantado. Kalafi não entrou em detalhes, e com tudo aquilo que estava sendo posto a descoberto ali, não tive oportunidade de conversar com ele a sós, para saber se poderia auxiliá-los em alguma coisa.

E todos os dias fomos para aquele salão austero, sem adornos, esperando que o pesado sentimento de culpa se dissipasse. E a cada dia encontrávamos novas áreas de nossa vida onde havia necessidade de purificação. Parecia que a atmosfera do aposento estava tomada por uma dolorosa consciência da tremenda santidade de Deus. Começamos a sentir grandes falhas no grupo. A maior delas era o orgulho. Foi com grande horror que percebemos que estávamos começando a achar que nossa missão era o instrumento “predileto” de Deus: que éramos o grupo mais espiritual que havíamos aprendido mais princípios de fé do que os outros; e que tínhamos um canal especial de bênçãos. enxergamos o fundo de nosso coração, e foi uma visão repulsiva. Pela primeira vez na vida tive um vislumbre de como será a sensação quando estivermos diante de Deus para sermos julgados.

Nada havia que pudéssemos fazer a não ser apelar para a misericórdia dele. No sétimo dia de reuniões, estávamos cantando em voz suave, quando de repente sentimos pairar sobre nós uma profunda quietude e calma. Por um instinto especial do Espírito, compreendemos que ele havia entrado naquele salão simples do segundo andar de um hotel de Osaka. E removeu todo senso de culpa. Sentimo-nos purificados, perdoados.

Depois de alguns momentos de louvor, achei que ele iria falar alguma coisa sobre o navio, mas isso não aconteceu. Eu não sabia o que fazer. Só tinha esperanças de que nosso arrependimento ocorrera a tempo e que, se observássemos as prioridades certas, e mantivéssemos os olhos sempre nele, em vez de fixá-los num mero instrumento, ele iria sanar o problema e dar-nos o navio.

Mas tal não se deu. Chegou o dia do pagamento final do Maori. Liguei para Wally na Nova Zelândia, e disse-lhe o que estava acontecendo. Naturalmente ele ficou tão espantado quanto nós. Pedi-lhe para tentar conseguir com a companhia de navios uma extensão para o prazo do pagamento. Ele me telefonou depois para comunicar que eles nos haviam concedido mais um mês, mas a tripulação teria que sair do navio e interromper os trabalhos de remodelação. Metade do pessoal iria voltar para sua casa, mas uns sessenta iriam ficar ali, sendo hospedados por crentes de Wellington.

— Que tal levantarmos um empréstimo, Loren? arriscou Wally. Três pessoas ofereceram-se para emprestar-nos o dinheiro para o navio.

Mas ele mesmo não falava com muita convicção, e ambos sabíamos que na ocasião não seria certo aceitarmos um empréstimo.

Nós "manquejávamos" quando saímos de Osaka, e nos despedimos uns dos outros, voltando cada um para seu lugar de trabalho, em diversos pontos do mundo. Fui para a Califórnia, onde Darlene, que fora da Suíça para lá, me aguardava. Ela ficou tão pasmada com os últimos acontecimentos como todos nós. Tínhamos pensado em estar lá para receber o Maori quando ali aportasse.

Então, de volta aos Estados Unidos, eu e Darlene começamos longos períodos de oração. "És tu mesmo que estás fazendo tudo isso, Senhor?" perguntei várias e várias vezes. Por que Deus não tinha restaurado nosso ministério do navio? Talvez ele ainda acertasse as coisas nas três semanas que faltavam para a nova data do vencimento do pagamento, que seria no dia 2 de novembro. "Ajuda-nos, Senhor; ajuda-nos a compreender o que o Senhor está fazendo.

E essa oração foi respondida. A revelação veio através de uma das pessoas que haviam estado na conferência de Osaka, Joy Dawson. Ela nos telefonou alguns dias depois.

— Loren, disse ela, eu estava lendo a história de Lázaro. E li o trecho que diz que Jesus não foi curar seu amigo. Ele esperou que Lázaro morresse, e depois ressuscitou-o. E neste caso, a ressurreição dele trouxe mais glória para Deus, do que sua cura.

Senti os músculos do peito tensos.

— Loren, creio que Deus está falando a mesma coisa com a YWAM agora. Ele está-nos dando uma escolha. Podemos ter a "cura" dessa situação do navio. Mas, se esperarmos pela ressurreição, a glória será maior. O mais difícil nisso tudo é que, se o navio "morrer", um lado nosso vai morrer Também... a nossa "reputação". Mas, quanto a mim, e a pequena parcela que represento na YWAM prefiro esta alternativa.



Imediatamente tive a certeza de que o que Joy estava falando era verdade, e isso afastou de minha mente todas as outras coisas. Eu sabia qual era a decisão que eu deveria tomar naquele momento. Depois que desliguei o telefone, fui orar sozinho, mas a convicção foi-se tornando cada vez mais forte para mim. Deus estava nos dando uma oportunidade de glorificarmos seu nome ainda mais, se deixássemos nosso sonho morrer para que ele pudesse ressuscitá-lo.

Naturalmente, a primeira coisa que teria que morrer eram os planos feitos para o Maori; morrer mesmo. E tínhamos que "morrer" com eles. Lembrando-me de tudo que tinha sido publicado a nosso respeito nos jornais da Nova Zelândia, principalmente quando declaramos taxativamente que Deus iria dar-nos o navio, achei que teria que aclarar algumas coisas com o povo daquele país. Talvez algumas pessoas sofressem um abalo em sua fé. Era bem possível que viessem a duvidar de que ele realmente fala a seu povo, e lhe dá o que ele precisa.

Então escrevi uma carta a um jornal da Nova Zelândia, narrando como Deus nos orientara para comprarmos um navio, mas nós tínhamos agido erradamente, dando maior honra ao navio do que a Deus. A carta foi publicada. A reação foi imediata e bastante negativa, principalmente da parte de certos crentes, que entendiam que havíamos feito afirmações muito presunçosas. O que eu poderia responder? Eu só sabia que um mês antes, desde que eu lera em Hebreus que Deus iria abalar o que poderia ser abalado, não havia entrado nem um dólar para o navio, e (ao contrário do que acontecera nos seis meses anteriores) não recebêramos nada do que havíamos pedido a Deus, nem um só obreiro a mais, nem outra obra fora iniciada. Nada. E o governo das Filipinas ainda se recusava a deixar que o dinheiro de nosso amigo saísse do país. E tudo isso acontecia sem que as pessoas implicadas soubessem o que estava-se passando conosco. O fluxo dos acontecimentos havia mudado de curso, e só Deus poderia ter efetuado essa mudança.

Os amáveis cavalheiros da companhia Union Steamship nos deram um novo prazo — uma semana. Aceitamos, porque não sabíamos como seria a "ressurreição" que Deus nos concederia. Mas o fim estava próximo. Era como ver um ente querido morrendo de uma doença incurável.

Para piorar a situação, ainda estávamos com os noventa jovens que tinham vindo para Los Angeles, para ingressarem na escola que funcionaria no navio. Depois de dar alguns telefonemas, apresentei-lhes a alternativa de irem para o Havaí, e se reunirem conosco ali, para os estudos.

Devo confessar que estava com o coração pesado, quando saí de Los Angeles de avião, com minha família, semanas depois, em direção ao Havaí. Ali chegando, quando deixava o aeroporto, rodando pela avenida Pali, fiquei a pensar em como nossa visita, dessa vez, era diferente. É verdade que o brilho do sol era o mesmo; as águas luminosas em torno de Diamond Head ainda eram as mesmas. As árvores, com suas flores amarelas, rosas e brancas, também não estavam diferentes. Não; a diferença estava dentro de mim. Nas outras vezes em que viera ao Havaí, estivera com sentimentos de alegre expectativa — de pôr em prática uma experiência nova, de encontrar-me com minha esposa após

um longo período de separação, de planejar uma escola nova, que seria diferente de todas as outras que conhecêramos até então.

Daquela vez estávamos indo ao Havaí para esperar.

Saímos da rodovia e entramos em um acampamento em Kaneohe, do outro lado da ilha, em relação a Honolulu. Ao lado do estacionamento, e de frente para a baía de Kaneohe, ficavam o refeitório, que era ao mesmo tempo sala de reuniões, e a cozinha. Era no estacionamento que estava o telefone público, mas não um telefone de cabine. Era um aparelho de rua, dentro de um "orelhão" de plástico, afixado a um poste baixo. Era o único que havia no acampamento. Sabia que teria que ir muitas vezes àquele "orelhão", durante o período de espera, lutando para sair do "pântano" em que atoláramos por causa do problema do Maori.

Eu, Dar e as crianças dirigimo-nos para os alojamentos, pequenas casinhas de madeira, em que a parte superior das paredes — cerca de um terço delas — era de tela. Não havia armários nem água encanada; os banheiros ficavam em outra dependência. Era apenas um acampamento.

Mas foi neste cenário rústico que vivemos a mais espantosa experiência de orientação divina que tivemos até o presente momento.

## CAPÍTULO QUINZE

### ***Três Passos no Recebimento da Orientação Divina***

Nos primeiros momentos dessa nova etapa da revelação do plano de Deus para nós, não recebemos o menor indício de orientação divina. Parecia-me que estávamos apenas aguardando. O navio estava morto. Nossa "reputação" estava bastante comprometida. Mas o que nos deixava mais inquietos era a falta de orientações claras.

— Mas não estamos obedecendo a Deus, Loren? indagou Darlene, enquanto eu ia de um lado a outro, tirando as coisas do carro.

Sim; eu cria que estávamos obedecendo a Deus.

— Então vamos ficar atentos a ele. Deus nos mostrará o que está fazendo.

Dar pôs-se a ajeitar as coisas na pequena casa-nhola de Kaneohe, procurando dar a ela um aspecto de lar para nós. Ali mal cabiam dois beliches. Ela colocou um varal na parede improvisando ali um armário de roupas; colocou minha maleta num determinado ponto do assoalho, e esse ficou sendo meu gabinete. E naturalmente ajeitou as tigelas e copinhos das crianças, bem como as fotografias de seus avós, tios e primos. Na verdade, essa nossa moradia não era muito diferente da casa-barraca de meus pais em Somerton, Arizona, onde os móveis eram caixotes.

Praticamente os 92 jovens se apresentaram. Fiquei espantado com a capacidade de flexibilidade deles. Jim e Jan Rogers vieram também. Reunimo-nos todos no refeitório do acampamento e expliquei o que estava acontecendo. Então todos oramos, pedindo a orientação de Deus, e aguardando com ansiedade sua resposta. Fui muitas vezes ao "orelhão" de plástico do estacionamento, para conversar com Wally Wenge, na Nova Zelândia, a respeito do Maori. A companhia de barcos estava sempre adiando a data por mais vinte

e quatro horas. Então começaram as chuvas e ventos de novembro, açoitando nossas casinhas de parede telada. Pouco depois estávamos cercados por um mar de lama no acampamento. E quando perguntávamos a Deus se era aquilo mesmo que ele queria, dizia que sim, e que a espera não seria para sempre. Passaram-se mais alguns dias, e não recebi nenhuma orientação.

A revelação começou numa noite maravilhosa. Eu resolvera passar a noite em oração e pedira a três membros do pessoal da escola — Jimmy, Jannie e Reona Peterson — para orarem comigo. Dar achou melhor ficar com as crianças. Nós quatro dirigimo-nos para uma construção anexa, um cômodo de madeira, mais ou menos às 10 horas da noite, acendemos a luz e entramos. Ajoelhamo-nos no assoalho rústico junto a cadeiras dobráveis. Observamos os três passos para recebimento de orientação que eu aprendera com Joy Dawson, na Nova Zelândia. Primeiro, clamamos pela autoridade de Cristo para silenciar o inimigo. Em segundo lugar, pedimos ao Senhor que afastasse de nossa mente qualquer presunção ou idéia preconcebida. E terceiro, ficamos a esperar, com a certeza de que ele nos falaria do modo que quisesse e no momento determinado por ele.

Uma brisa fresca começou a soprar, vindo da baía, e as lagartixas nas paredes soltavam seus silvos. Continuamos a esperar que Deus falasse á nossa mente.

Passamos uns bons momentos em oração, visando principalmente o ministério do navio, e depois pusemo-nos a esperar de novo. Os longos ponteiros negros do relógio da parede indicavam 11 horas. Reona disse que lhe ocorrera uma referência bíblica. Lucas 4.4. Lembrei-me da primeira vez que vira esse tipo de orientação divina em funcionamento, na primeira visita que fizera à Nova Zelândia. As pessoas reunidas como que "ouviam" um texto bíblico na mente, sem saber o que o verso dizia. O segredo de tudo isso, disseram-nos, era estai: completamente rendido a Jesus. Não era uma espécie de brincadeira, em que se pegava no ar uma referência bíblica, não; estávamos ali esperando, atentos, fixando a mente apenas em Jesus. Então, se ele dissesse que devíamos ler determinado versículo, nós o líamos, reconhecendo que Deus podia usar os métodos que bem desejasse para orientar seu povo. E então, naquela noite de oração, olhamos o texto que Reona "ouvira", e vimos que era um verso que nos estimulava a continuar a ouvir a voz de Deus. Era o texto de Lucas em que Jesus afirma que o homem vive pelas palavras que vêm da boca de Deus.

Procuramos permanecer em silêncio outra vez. Os ponteiros do relógio já estavam marcando 1:30, mas eu ainda estava alerta, motivado por uma forte sensação de expectativa. Eu sabia que Deus iria falar a qualquer momento. Houve outro longo período de silêncio e de busca. Fiquei surpreso ao ver que o relógio já marcava 3:30. Minha irmã adormecera mesmo ajoelhada ao lado da cadeira.

Então, em dado momento, nós três começamos a receber mensagens de Deus. Em minha mente surgiram claramente duas coisas. A primeira foi a palavra "kona". Eu sabia que era o nome de um lugar na ilha Grande, embora

nunca tivesse estado lá. A segunda era a imagem de um farol na ilha Grande, com raios de luz iluminando a Ásia, através do Pacífico.

Não compreendi a visão. A petição que estava em minha cabeça era a ressurreição do ministério do navio. E no entanto Deus estava-me falando sobre Kona e sobre um farol. Quebrando o silêncio falei a Jimmy e Reona sobre a impressão recebida (Jannie ainda estava dormindo). Em seguida sugeri que voltássemos a buscar o Senhor para uma segunda "rodada". "Senhor", orei. "ajuda-nos a compreender o que estás dizendo."

Outras idéias nos ocorreram. Uma delas era a de uma escola, não semelhante às nossas escolas de evangelismo, mas uma escola com um propósito bem mais amplo. Reona ouviu Deus falar-lhe também sobre um sítio. Que coisa estranha! Mas o maior de todos os quebra-cabeças foi a imagem de um grande navio branco, numa baía.

Os ponteiros do relógio já indicavam 5:30. Minha mente estava girando velozmente com todas aquelas novas informações. Um farol. Uma escola maior. A ilha Grande — Kona. Um sítio. Um navio branco em uma baía.

Jimmy acordou Jannie e todos nos erguemos meio entorpecidos. Agradei aos outros por terem ficado orando comigo, e depois desci o caminhozinho de lama, às escuras, até nossa casinhola. Estendi-me no beliche, e caí num sono profundo, exausto, mas feliz.

Parecia que haviam-se passando apenas alguns minutos quando senti Dar sacudindo-me pelo ombro suavemente, dizendo-me que estava na hora de acordar. Em rápidas palavras contei-lhe da incrível noite de oração que tínhamos passado, e em seguida desci para o refeitório, para a aula da manhã. Os alunos já estavam sentados às mesas longas, que tinham sido limpadas após o café matutino. Noventa rostos voltaram-se para mim. A maioria era de jovens, as moças com cabelos longos e lisos, partidos no meio, vestindo calças jeans ou saias longas. Os rapazes todos usavam jeans, alguns de cabelo comprido e barba, outros com o rosto bem escanhado.

— Um grupo nosso, comecei, passou a noite buscando o Senhor. E foi uma reunião muito interessante. Mas não sei ao certo se Deus quer que relate a vocês o que ele nos falou. Então vamos esperar e ver se ele vai dizer o mesmo a nós aqui.

Demos outra vez os mesmos passos necessários para se ouvir o Senhor: declarar autoridade sobre o inimigo, apagar todas as idéias preconcebidas, e depois ouvir a voz de Jesus.

E então ficamos a esperar.

Os gritos das crianças que brincavam no playground chegavam até nós.

— Quem quer ser o primeiro? Meio acanhada, uma moça de rosto redondo, usando óculos sem aro, pôs-se a falar.

— Isso pode parecer engraçado, mas estou recebendo a impressão de uma enorme letra K.

Muito estranho, pensei.

— Mais alguém?

Imediatamente, um rapaz de barba loura falou:

— Recebi a palavra Kona!

Eu já começara a me sentir empolgado. Uma outra pessoa recebeu a palavra "vulcão". Os únicos vulcões ativos do Havaí eram na ilha Grande.

E aquela maravilhosa manhã prosseguia, e os jovens continuavam, aqui e ali, apresentando palavras reveladas por Deus.

— Estou vendo a imagem de uma construção grande — acho que é uma espécie de escola, disse um dos rapazes.

Outra pessoa mencionou um sítio, e outra viu uma casa branca no alto de uma colina.

Meu pulso acelerava-se com a alegria dessas revelações. Eles estavam repetindo tantas das imagens que havíamos recebido na noite anterior que, sinceramente, custava-me acreditar no que ouvia. Felizmente, havia ali 90 pessoas que poderiam atestar quanto à veracidade dos fatos.

Mas a parte que realmente me empolgou veio no fim. Uma jovem teve a visão de um navio. Disse que era branco e que se achava ancorado na baía de uma ilha.

Mas, afinal, o que estava acontecendo? Já tinham-se passado duas semanas desde que eu realizara aquela noite de oração. Tínhamos recebido uma maravilhosa visão do futuro, porém, eu tinha que encarar a realidade de frente... a morte de um navio, e sessenta dos membros da tripulação com a fé abalada. Então, no início de dezembro, fui à "Nova Zelândia. Wally Wenge foi receber-me no aeroporto de Wellington. Tinha o semblante abatido.

— Não teria sentido eu adiar a notícia, amigo. Agora o fato já foi oficializado — a companhia naval deu por encerradas as negociações. Perdemos o navio.

Não conversamos muito, enquanto Wally me levava ao porto, para vermos nosso sonho morto. O verão estava começando no Hemisfério Sul, e os raios de sol rebrilhavam nas águas da baía, uma cena belíssima que não se harmonizava com nosso estado de espírito. Eu e Wally paramos ali, diante do Maorí, com sua rampa de entrada recolhida, sonegando acesso a ele. De repente, percebi que estávamos em um profundo silêncio, como que diante de um caixão.

Depois fomos falar com os membros da tripulação que ainda restavam. Falei-lhes sobre Lázaro.

— Se estivermos certos na orientação que recebemos de Deus, o Maorí não vai "ser curado" para nós. Ele está morto. Mas o Senhor irá ressuscitar nosso sonho da maneira que ele preferir.

E olhando para aqueles rostos — de homens, mulheres e jovens que haviam dedicado tanto àquele ideal — pude avaliar o quanto estavam sentindo tudo aquilo. Alguns tinham vindo de muito longe para a Nova Zelândia, por causa deste sonho. Muitos tinham sacrificado boas colocações, salários, promoções no emprego. Eles haviam passado horas e horas limpando e polindo o Maorí, lavando os tombadilhos dele com amor. Eles eram os mais afetados.

Quando regressei ao Havaí, lembrei-me de outra pessoa que precisava ser informada do fim de nosso sonho. Estava chovendo novamente, e procurei encolher-me bem debaixo do guarda-chuva, quando me pus diante do telefone público do estacionamento. Dei à telefonista o número desejado: a residência

do senhor inglês que havia fornecido o dinheiro para darmos a entrada; a entrada que acabávamos de perder. Abaixei-me um pouco, sob o guarda-chuva, sentindo-me arrasado, enquanto no outro lado da linha o telefone chamava. Estava-me sentindo mais ou menos como me sentira na ocasião em que perdera o dinheiro que mamãe me dera para as compras, quando tinha dez anos.

Afinal ele atendeu, com seu sotaque britânico, as palavras bem picotadas, e eu me pus a falar. Expliquei tudo que acontecera, inclusive a visão de Jesus com o semblante triste, e as reuniões de Osaka, onde havíamos confessado pecados, e principalmente falei sobre nosso orgulho. Disse-lhe que nossa confissão havia aberto outra vez a porta das orientações, e que nos havia dado uma escolha: poderíamos sanar esta situação do Maori, ou então seguir uma rota mais árdua: confiar em que ele ressuscitaria nosso sonho da maneira que ele preferisse.

— O que você está querendo dizer, Loren? disse meu amigo. É que perderam o dinheiro da entrada?

— É... é isso mesmo.

Durante alguns instantes o único som que escutei naquele orelhão de plástico foram os ruídos dos estalos daquela ligação intercontinental. Afinal, meu amigo inglês voltou a falar.

— Considero isso um bom investimento de meu dinheiro, Loren. Deus utilizou-o para levar sua organização a humilhar-se diante dele. Agora creio que vocês vão seguir em frente com renovado poder. Meus parabéns!

Aí foi que me senti realmente esmagado. Que homem de Deus era aquele empresário britânico!

A madrugada estava apenas raiando em Kanehoe, mas eu já estava acordado. Havia-se passado um mês, desde que perdêramos o navio. Eu e Dar, Karen e David estávamos deitados em nossos beliches na casinhola do acampamento. As malas já estavam arrumadas, à porta da entrada. Iríamos retornar à Suíça.

Deitado ali, à luz do alvorecer, pus-me a recordar aqueles dois meses e meio de aulas. Pelos planos, devíamos tê-los passado no navio. Mas, em vez disso, tínhamos acomodado nossa escola em um acampamento cheio de lama. Estava admirado de como os jovens haviam-se adaptado bem àquela situação — não apenas às péssimas condições materiais, mas também às incertezas dela. E agora era hora de regressarmos à nossa casa, na Suíça.

Nossa casa. Era um pouco inquietante, mas alguma coisa me dizia que voltaríamos para o Havaí algum dia. Apesar de todo o vento, da chuva e da lama, sentia minhas raízes penetrando ali, principalmente depois daquela maravilhosa noite de oração, seguida depois pela reunião matutina em que os jovens receberam a mesma orientação divina, que, até o momento, ninguém entendia.

Nosso avião pousou no vale gelado, ao lado do Lago Genebra. Don Stephens veio receber-nos, seu cabelo castanho e escorrido quase todo encoberto por um gorro de cossaco. E ele nos levou ao nosso hotel de Lausanne. E a nossa querida casa, com seu bosque de pinheiros, nos pareceu bastante acolhedora. Ela estava pintada de bege; as velhas janelas, antes com a tinta verde descascando,

exibiam um belo tom mar-rom-chocolate. Ficamos uns instantes parados no estacionamento, nossa respiração saindo em pequenos jatos de vapor e lembrando de quando tínhamos visto a casa pela primeira vez, toda fechada com tábuas, quatro anos antes. Havíamos mudado para lá quase que só com nossos sonhos, e logo nos puséramos a remover as teias de aranha. Desde então, quase todos os nossos sonhos haviam-se realizado. Já tínhamos enviado milhares de missionários a sessenta países, e estabelecêramos bases de operação em trinta e cinco localidades.

Somente um sonho não se tornara realidade, um sonho muito importante: o navio.

Don estava retirando nossas malas de seu carro; então corri a ajudá-lo. Assim que entramos em nosso apartamento, no anexo do hotel, David colocou seu ursinho de pelúcia em sua cama, que ficava ao lado da de sua irmã. Estávamos em casa.

Só que, por alguma razão, não sentia isso.

Será que essa minha reação já era uma mensagem de Deus para nós? Nas semanas que se seguiram, enquanto entrávamos novamente na conhecida rotina do hotel, eu não conseguia fixar ali a mente. E certo dia, durante uma das aulas, tentei analisar a razão de minha insatisfação. Durante minha ausência, Don realizara um trabalho excelente. De todas as partes da Europa vinham relatos sobre a obra de evangelismo que os jovens haviam realizado sob a liderança dele, um evangelismo criativo e inovador.

Naquele momento, ele estava falando aos alunos, naquela sala de aula, sobre os planos que fizera para o verão. Num dado momento, vi-o olhar diretamente para mim, meio incerto. Entendi o que se passava em sua mente. Talvez ele devesse ter falado comigo primeiro? Mas o momento passou, e ele continuou falando. Contudo, eu compreendia que o processo da multiplicação havia-se realizado. Don era mesmo o líder dessa nossa base de operações. Chegara a hora de eu passar adiante, e viver novas aventuras. Estava vivendo um momento muito estranho, para uma pessoa que se interessa pela orientação divina. Embora estivesse claro que devia sair de um lugar, não tinha uma orientação específica para ir a outro. Uma coisa parecia clara: eu não deveria permanecer na Europa. E o navio estava irremediavelmente perdido. Irrecuperável.

Certo dia, quando estava sentado em minha cadeira de balanço, recebi um telefonema de Wally Wenge, na Nova Zelândia.

— Loren, aconteceu uma coisa que achei que você gostaria de saber... o Maori foi rebocado para fora da baía hoje. Foi vendido como sucata para uma empresa de Taiwan. Alguns dos membros do nosso pessoal j foram lá no porto para vê-lo partir...

Coloquei o fone no gancho, e fiquei a olhar para as montanhas envoltas em névoa, com a mesma sensação ! de impotência que sentira quando Tia Sandra, e depois Tia Arnette, tinham morrido de câncer. O tagarelar alegre de Karen e David no quarto próximo i chegava a meus ouvidos. Dar entrou com duas xícaras de chocolate quente. Falei-lhe sobre o telefonema de Wally.

— O Maori morreu, Darlene; morreu.

Ela não respondeu nada, ficou apenas olhando pelas janelas, para o nevoeiro lá fora, sentada em silêncio. Pensei em todos os desgostos que tivéramos naqueles quatro meses, desde que Deus dissera que iria abalar tudo que pudesse ser abalado.

— Nunca me senti tão... perdido, sem direção.

— Eu sei, querido, disse ela, perdemos nosso machado.

Lembrei-me imediatamente do princípio a que Darlene se referia. Duncan Campbell, que durante três anos dera aula em nossas escolas, foi quem nos falou sobre Eliseu e sua escola de profetas. Um dos alunos dele havia perdido o machado. Então o profeta instruiu-o a que fosse ao lugar onde o perdera. E ali no mesmo local, Deus lhe deu de novo o instrumento de que precisava. Muitas vezes, dissera Duncan, perdemos momentaneamente nosso machado, nosso instrumento mais cortante no ministério — a voz de Deus falando-nos com clareza. E a melhor coisa a fazer é voltar ao lugar onde o perdemos, ao lugar certo onde ouvimos a voz potente de Deus pela última vez.

Onde estávamos quando ouvimos a voz de Deus a nos falar? A resposta foi clara.

— Não há dúvida, Dar, falei. A última vez em que contávamos com nosso machado foi naquela noite de oração no Havaí.

E o que ele nos havia dito? Havíamos separado aquela noite de oração para conversar com Deus a respeito do Maori, mas em vez de orientar-nos sobre ele, o Senhor nos falara de um farol na ilha Grande, que iluminaria o Pacífico e a Ásia.

Eu e Darlene continuamos a conversar pela tarde a dentro — esquecidos do chocolate que estava a esfriar na mesinha ao nosso lado — lembrando as palavras que Deus misteriosamente revelara a grupos diversos. Ele falara sobre a costa de Kona, na ilha Grande, sobre uma casa grande numa colina, sobre um sítio, uma nova escola... e até sobre um navio branco, numa baía. Não havia dúvida de que era ali que estava o machado.

Estávamos muito intrigados com a idéia do farol iluminando o Pacífico e a Ásia. Durante algum tempo tínhamos estado preocupados com as grandes necessidades dessas regiões, a área menos evangelizada do mundo. Nela estão sessenta por cento da população da terra, e, no entanto, apenas um por cento do povo da Ásia professa um relacionamento pessoal com Cristo.

Naquele momento ambos sabíamos qual era a direção de nossa próxima investida. Iríamos expandir nossos horizontes. E o Havaí era, sem dúvida alguma, um ponto de passagem para a Ásia.

— Vamos mudar-nos para a ilha Grande e morar lá permanentemente! falei.

Darlene riu quando eu disse "permanentemente", pensando nos nossos nove anos de casamento em que vivêramos em barracas, escolas e acampamentos. A casa que nossos filhos conheciam era as malas, com os retratos dos parentes pregados na face interna da tampa. E eu ri com ela, sentindo-me subitamente aliviado por enxergarmos o caminho à nossa frente com mais clareza.



***Kalafi Volta a Unir-se a Nós***

Alguma coisa estava acontecendo! Eu sentia no ar. Haviam-se passado três anos desde que eu, Dar e as crianças nos despedíramos de nossa casa em Lausanne; três anos desde que Darlene deixara suas queridas flores silvestres que enchiam os campos em torno do hotel, e as trocara pelas flores brilhantes da ilha Grande, no Havai.

Girei o volante do furgão da YWAM e entrei pela estradinha de acesso que dava para os velhos prédios, meio escondidos entre o matagal e os arbustos do lugar. Na estrada principal, uma placa dizia: "Pacific Empress Hotel". No banco da frente, estávamos eu, Dar, Karen e David, bem espremidos. Nos outros bancos iam, apertados, dez dos nossos jovens. Atrás de nós, seguindo-nos de perto, vinham mais três veículos. Estávamos todos vestindo roupas velhas, para o serviço que tínhamos a fazer. Quando chegamos ao estacionamento, que era mais um buraco no chão, Darlene resumiu tudo com uma exclamação:

— Que horror!

E no entanto eu tinha certeza de que todos estávamos vendo ali outra coisa também. Deus estava operando. Olhei para a confusão de matos e cipós tropicais que sombreavam os prédios ali, que até oito anos antes tinham constituído o Hotel Pacific Empress. Naquela ocasião, eles tinham falido. Os quarenta e cinco acres de terra suavemente ondulantes que cercavam a propriedade eram antigamente o campo de golfe do hotel. Havíamos conseguido tudo naquela ótima localização com apenas uma pequena entrada.

— Mas pelo menos a vista é linda, comentou Dar.

E ela tinha razão. Para um lado estava o pico do Hualalei, um vulcão extinto, que nos proporcionava uma terra muito rica. Lá embaixo víamos o panorama da brilhante baía de Kona, com suas águas azuis. Eu já imaginava um imenso navio branco ancorado ali.

Pusemo-nos a trabalhar limpando o mato. Munido de um facão e uma enxada, ataquei uma área de mato que antes fora um jardim tropical, em torno da piscina. E vários outros voluntários, dentre as centenas de pessoas que compunham na ocasião nossa escola, espalharam-se pela propriedade para arrumar as coisas.

- Depois que peguei o ritmo de roçar, e ajoelhar-me para arrancar os pés de mato, pus-me a pensar nos incríveis fatos que haviam resultado daquela nossa noite de oração, havia quatro anos, no acampamento de Kanehoe.

Com exceção de apenas uma coisa, que ainda nos deixava intrigados, tudo que Deus nos mostrara ali já se realizara. Já estávamos na ilha Grande, ou, mais precisamente, em Kona, como predissera o rapaz da barba loura. E como tinha sido previsto naquela noite, já possuíamos um sítio de 55 acres. Um homem havia-me procurado e dito que Deus lhe dissera para dá-lo a nós. E a casa branca no alto de uma colina? A YWAM tinha a casa também, que abrigava alunos e pessoal de nossa nova escola de treinamento para o discipulado.

Ao que parecia, estávamos cumprindo o que nos fora determinado. Por que então eu e Darlene ainda estávamos inquietos? Isso não fazia sentido, disse

para mim mesmo, arrancando outro punhado de matinhos enraizados na lava. Contudo, nos últimos três anos passados na ilha Grande, ambos tínhamos sentido que havia mais alguma coisa para nós. Certo dia — mais ou menos um ano antes — veio-me à mente uma pergunta, e aí então entendi por que estava sentindo que faltava algo. A pergunta foi: "Loren, você já examinou sua vida presente, em relação ao seu chamado original?"

Esse era um princípio de orientação que eu vinha negligenciando. Precisamos examinar regularmente a nossa vida em relação às nossas ordens iniciais. Minha missão estava clara: pregar o duplo aspecto do evangelho. Em Jesus, o homem pode amar a Deus de todo o coração e ao próximo como a si mesmo.

E naquele instante de reexame eu me perguntava: até onde estávamos conseguindo levar este amor ao mundo todo?

Senti que não estávamos nos saindo muito bem nesse aspecto de amenizar o sofrimento do próximo. Desde aquela experiência das Bahamas, eu sonhava com um navio que pudesse realizar viagens de socorro, para que pudéssemos amar o próximo atendendo às suas necessidades. Nosso primeiro esforço neste sentido tivera que ser sacrificado no altar, pois estava roubando a glória de Jesus Cristo. Mas tínhamos recebido muitos incentivos para mantermos vivo nosso sonho. Um desses incentivos tinha uma importância muito grande para mim. Eu recebera de minha mãe um quadrinho, que estava guardado em uma de nossas caixas, só esperando eu ter uma parede para pregá-lo nela. Dizia o seguinte: "Não Abandone o Navio."

E o outro aspecto do evangelho, "gêmeo idêntico" desse: amar a Deus de todo o coração, mente e forças? Estávamos esforçando-nos bastante nesta área também. Os crentes estavam sempre pregando as Boas-Novas de Deus em "cenários" religiosos, isto é, em cultos nas igrejas. Mas o mundo estava utilizando muitos outros métodos para transmitir aos homens a sua mensagem: as artes, os meios de entretenimento, a família, a educação, os meios de comunicação, os negócios, o governo.

E foi então que, de repente, naquele dia, quando eu estava voltando às bases de minha chamada original — minha visão tomou um sentido mais amplo.

E se... — e meu coração se acelerou — e se preparássemos jovens, e em especial jovens asiáticos e do Pacífico sul, dando-lhes instrução nestas mesmas áreas estratégicas de comunicação social? Nosso objetivo seria mandar milhares de jovens para atuar nesses pontos estratégicos de formação da mentalidade da sociedade, para serem um fator multiplicador na obra de missões. Nessa fase de treinamento, iríamos dar muita ênfase ao relacionamento com Deus e uns com os outros, tanto quanto dávamos ao conhecimento intelectual. Iríamos ter um corpo docente flutuante, constituído de pessoas entendidas nestas questões, que se alternariam no ensino, todos vivendo um estilo de vida próprio de um povoado da Ásia ou das ilhas do Pacífico. Nosso enfoque principal seria aprender na prática.

E ali estávamos nós ocupando o terreno de nossa "Universidade".

— O Senhor tem muito senso de humor, meu Deus, disse em meio ao zunir de meu facão, enquanto atacava uma touceira de buganvílias. Só o Senhor mesmo poderia pegar um hotel velho e transformá-lo numa universidade.

Mas lembrei-me também de como as universidades de Harvard, Yale e Princeton tinham iniciado — tinham sido um sonho difícil, de homens que também desejavam ter como meta a pregação do evangelho. Parecia que esse processo era / contínuo. E a nossa UCÂP, Universidade Cristã da Ásia e Pacífico, estaria seguindo a mesma tradição, pelo menos neste aspecto — estávamos começando sem nada, a não ser uma forte convicção e um Deus que nos orienta.

Entretanto, no momento, estávamos com o tremendo desafio de limpar o terreno e consertar os prédios do velho hotel. David correu para mim falando animadamente de um trator que acabara de chegar.

— Venha ver, papai. O trator está puxando os espinheiros com uma corrente. Venha ver!

Com muita satisfação, larguei o facão e peguei a mão de David, e caminhei para o ponto onde o trator estava operando. Naquele breve instante, tive um vislumbre do futuro, e vi milhares de jovens, moços e moças, caminhando por aquele mesmo lugar, e depois saindo dali para diversas partes do mundo, como missionários, como comunicadores da graça de Deus.

Se os terrenos do hotel estavam em péssimo estado, os prédios estavam piores. Eu, Darlene e as crianças pusemo-nos a caminhar pelos aposentos do velho hotel, já em ruínas.

— Você já pensou que são 99 cômodos e 100 banheiros? comentei com Darlene.

— E todos eles, disse ela com um estremecimento, estão numa sujeira e bagunça...

Nossa família também tinha uma tarefa especial naquela tarde. Precisávamos arranjar ali um conjunto de cômodos que pudesse ser o nosso lar. Mas, sinceramente, não víamos nada que nos agradasse. Os quatro prédios que compunham o complexo estavam em péssimas condições. Muito do madeirame estava infestado de cupim, e alguns dos quartos rescendiam a urina, pois antes de nós o ocuparmos, fora habitado por ociosos. Ratos e baratas passeavam pelos cômodos com toda liberdade.

— Quando a pedi em casamento, Dar, disse-lhe que iríamos ter uma vida muito simples; mas isso, falei estendendo o braço e apontando um monte de entulho, em deterioração. Não sei nem como você vai fazer com que as crianças se sintam bem aqui.

Disse isso na brincadeira, remexendo o cabelo dela, mas realmente não sabia como ela iria fazer para arrumar tudo. Estávamos casados havia quatorze anos, e nem mesmo possuíamos um carro ou móveis que fossem nossos. Desde que fôramos para as ilhas havaianas, aquela era a décima oitava vez que nos mudávamos, eu, Dar e as crianças. Dezoito mudanças em três anos.

— Não se preocupe, Loren, replicou ela, depois que o limpamos vai ter um aspecto totalmente diferente.

Afinal, Darlene escolheu três cômodos no terceiro andar do hotel. Eram interligados, e via-se que tinham um carpete que noutros tempos fora azul. Quando entramos no banheiro, a impressão que tive foi de que nunca haviam lavado as instalações ali.

Todavia, nossos jovens estavam ansiosos para ajudar a arrumar tudo. Nas duas semanas que se seguiram, eles trabalharam com toda energia. As moças limpavam os banheiros — os cem vasos. Os rapazes se empenharam em lavar o carpete imundo. Dividimos os jovens em turnos, trabalhando o dia todo e a noite toda, e eles iam de cômodo em cômodo, com uma máquina para lavagem de carpetes que havíamos alugado.

Mas, finalmente, eu, Dar e as crianças mudamo-nos para nossos aposentos, no alto da colina, deixando os cômodos que havíamos ocupado no centro da cidadezinha de Kailua-Kona. Largamos nossas malas sobre o assoalho, com o carpete azul brilhando de limpo, e pusemo-nos a olhar para fora através da ampla janela, a vista correndo sobre as palmeiras e chegando às águas luminosas da baía. Dar já estava tirando das caixas os copos e as tigelas das crianças, bem como os retratos dos familiares.

Alguns dias depois que nos mudamos, estávamos sentados numa cadeira dobrável, em nossa varanda (ou lanai, como a chamamos aqui no Havaí), e eu conversava com o Dr. Howard Malmstadt, um professor de curso superior.

Um dos princípios que aplicamos na busca da orientação divina é constante confirmação, semelhante às consultas que fazemos às placas de sinalização que estamos sempre procurando, quando viajamos por uma estrada que não conhecemos bem. E quando estávamos ali sentados naquelas cadeiras de lona, divisei uma dessas "placas". Quando conheci Howard Malmstadt, ele era um influente cientista e professor da Universidade de Illinois, no campus de Urbana.

E naquele momento, sentados ali na lanai, disse-lhe que Deus estava-nos orientando no sentido de criarmos uma universidade. Seria uma espécie de "viveiro" espiritual, onde os jovens aprenderiam a conhecer a Deus para depois falar dele, difundir seu nome, nas camadas mais influentes da sociedade.

— Eu sei, replicou ele em voz tranqüila. Deus já me disse isso.

E Howard explicou então que, recentemente, fora convidado para ocupar a direção de uma universidade numa cidade do meio-oeste americano. Contudo, quando orava a Deus a respeito desse convite, um pensamento estranho veio à sua mente: não, ele deveria ir para o Havaí. "Mas por que o Havaí?" indagara ele. E Deus lhe respondera: "Porque vou dar uma universidade para a YWAM, e você irá participar desse projeto."

Embora recebêssemos orientações assim tão claras e animadoras, tínhamos menos ânimo em outras áreas. E a mais triste de todas era a que dizia respeito ao nosso querido Kalafi. Nos últimos dois anos, ele enfrentara os piores problemas possíveis.

Eu soubera do primeiro sinal de perigo em 1973 na nossa reunião de Osaka, havia quatro anos. Naquela ocasião ele nos falara que estava tendo problemas em seu relacionamento com a esposa. Um ano depois, na conferência seguinte,

eu e Dar nos reunimos com ele a sós. Fomos para um quarto tranqüilo, fechamos a porta, e ouvimos o que tinham para nos contar. Os "problemas conjugais" deles eram, na verdade, uma moça.

— Eu a beijei, Loren, explicou ele. Mas não passou disso. Confessei o fato para Tapu e para os outros líderes que trabalham comigo, e pensei que o caso estivesse encerrado.

Mas Tapu se sentira muito ofendida. Não conseguia esquecer aquela traição. E havia outros detalhes, que eu e Dar não quisemos ouvir. Então oramos com eles; eles choraram, expressaram arrependimento. A princípio pensamos que estava tudo encerrado e acabado, mas havia alguma coisa que não estava certa. Não sabia definir ao certo o que era, mas sentia que ainda havia ali uma fraqueza. Tentei fazer com que Kalafi e Tapu ficassem conosco no Havaí, para trabalhar em nossa escola, mas ele se recusou.

— Não, disse. Ofereceram-nos uma casa de graça na Califórnia. Acho que vamos ficar fora do ministério por uns tempos. Vamos refazer nosso casamento...

Aquilo não me soou muito bem, não parecia correto, por isso preferi não insistir.

Algumas semanas depois que eles chegaram à Califórnia, nossos receios se concretizaram. Recebemos uma comunicação dos pais de uma jovem com quem Kalafi estava saindo. Achavam que ele e a filha estavam tendo um caso. Fiquei sabendo que Tapu também estava saindo com outro homem. Fui até Los Angeles conversar com Kalafi. E embora eu tivesse lhe dado muitas oportunidades de se abrir comigo, ele não o fez. Pela sua conversa leve e despreocupada podia ter-se até a impressão de que tudo não passava de puro boato.

Quando voltei à ilha Grande, porém, os pais da moça me ligaram de novo. Compreendi que precisaria ter uma confrontação com meu amigo. Liguei para a casa dele.

— Kalafi, disse-lhe, minha voz ecoando através da ligação intercontinental, você precisa entender que o que está fazendo é muito sério. Volte atrás; ainda é tempo.

Como resposta ele só me deu um profundo silêncio.

Na semana seguinte, recebi uma carta dele. Abri-a apressadamente e li: "Respeito a Deus, Loren, mas não quero ser hipócrita. Tenho que viver minha vida. Por favor, não procure entrar em contato comigo de novo, pelo menos por enquanto."

Lágrimas ardiam em meus olhos. Mas eu não iria desistir. Lembrei-me de outra ocasião quando, com minha persistência, eu conseguira reatar um relacionamento interrompido — quando insisti em ficar ligando para Tia Arnette em Miami, até ela concordar em me receber.

Alguns meses depois de receber essa carta de Kalafi, encontrei-me com Joy Dawson, e reiniciamos nossas orações em favor dele. "O Senhor, dá-lhe outra oportunidade!" suplicávamos, sem constrangimento algum pelas lágrimas que escorriam por nosso rosto. Mais tarde ficamos sabendo que naquele exato

momento Kalafi estava num bar com outros homens. Ele havia mergulhado no pecado velozmente, e todas as noites era o primeiro que começava a beber, e o último a ser derrubado nas brigas que muitas vezes se seguiam. Ele passara até a andar armado. Naquela noite, ele estava no bar costumeiro, bebendo, quando uma moça veio sentar-se ao lado dele. Em meio à música barulhenta, ela começou a contar para ele que fora à frente, numa das reuniões da cruzada de Billy Graham. Kalafi olhou para ela espantado. Nenhum daqueles seus novos amigos sabia de seus antecedentes como crente. E a jovem falou-lhe que gostaria muito de ter permanecido firme em sua decisão de seguir a Cristo.

— Estou com tanto medo, Kalafi, disse por fim. Sei que vou morrer e vou para o inferno.

Ao ouvir isso, ele se pôs a berrar, com todas as forças, superando todo o rumor e balbúrdia daquele bar, uma frase espantosa: Larga do meu pé, Deus!

Eu e Darlene voltamos a Los Angeles. Resolvêramos procurar Kalafi em sua casa, com a remota chance de encontrá-lo ali. E chegamos na hora exata. Chegamos lá no momento em que ele ali fora para apanhar suas coisas; estava-se mudando de vez. Vi nele uma dureza que eu nem conhecia. E Tapu? indagamos. Ele continuou a arrumar as coisas. Ele só sabia que ela era cantora em uma boate de Inglewood. Não sabia onde ela estava morando, mas achava que era num apartamento de uma avenida longa, que cortava a cidade de norte a sul.

Fomos para Inglewood com a sensação de que estávamos sendo tolos. Como iríamos encontrar alguém naquele labirinto de apartamentos? "O Senhor, lu sabes onde Tapu está", orei, "conduze-nos até ela."

Não sei nem descrever o que aconteceu em seguida. Eu mesmo levei um longo tempo para acreditar. Estávamos rodando pela Avenida Imperial, pedindo a Deus que nos mostrasse qual a rua em que deveríamos entrar. Atravessamos a Av. Inglewood e chegamos até à Av. Hawthorne, e senti que deveria voltar à Av. Inglewood.

— É, disse Dar. É isso mesmo.

Virei para o sul, em direção à Av. Inglewood, rodando bem devagar, e descemos quatro quadras. Então ouvi a voz do Espírito Santo dizendo-me: Pare aqui.

— Vamos ver naquele ali, disse eu. Darlene concordou imediatamente.

Era um prédio de dois andares, pintado de uma cor verde desbotado, semelhante a dezenas de outros, dos dois lados da rua. Saímos do carro, e caminhamos pela calçada, passando por cima de bicicletas e brinquedos quebrados. Perguntamos a uma meninazinha e ela respondeu que sim, havia uma senhora que correspondia à descrição que eu fizera, e que morava num apartamento do segundo andar. Subimos as escadas e batemos à porta.

Tapu veio abrir a porta, fechando o roupão. Os olhos dela se arregalaram quando nos viu, e deu um passo atrás.

— Como foi que me encontraram? Entrem, mas não poderei conversar muito tempo. Tenho que sair agora.

Conversamos com ela, e suplicamos que reconsiderasse seus atos, mas foi inútil. Então tivemos que ir embora, depois de uma conversa de cinco minutos, ali, de pé, na sala.

Na semana seguinte, Joy Dawson sentiu que deveria escrever mais uma carta para Kalafi. Mais tarde, viemos a saber que ele a recebeu um dia antes de uma "festa" que ele ia dar, uma festa com drogas e tudo o mais. Kalafi pegou a carta de Joy na agência do correio, levou-a para o carro e abriu-a ali. De repente, Deus começou a falar-lhe. Ele o ouvia com seus ouvidos físicos mesmo, e começou a transpirar. "Kalafi", disse-lhe Deus ternamente, "a vida cristã é muito difícil. Só existe uma coisa que é mais difícil que ela — uma vida sem Cristo. O preço que você paga para me seguir é muito inferior ao que paga para não me seguir."

Imediatamente, ele foi a uma cabine telefônica e ligou para mim. Depois procurou Jim e Joy e orou com eles horas seguidas, encerrando assim uma separação de Deus que já durava cinco meses. Depois então veio ficar conosco no Havaí. Senti que ele precisava de um tempo para se recuperar. Com meu apoio, ele começou a estudar na Universidade do Havaí, que ficava do outro lado da ilha. Em suas horas de folga, ele trabalhava com paisagismo, e daí a pouco o negócio já havia se desenvolvido grandemente. O fato é que nunca fazia as coisas pela metade.

Certo dia, quando veio visitar-nos, disse-me que achava que nunca mais estaria no ministério cristão.

— Se Jesus me perdoar, já é o bastante, falou. Por enquanto, eu quero apenas ser, e não fazer nada.

Durante um ano e meio ficamos a observar o novo avanço de Kalafi, mas houve algumas quedas. Ele e a esposa tentaram unir-se novamente... mas não deu certo. Então resolveram desistir de novas tentativas e se divorciaram. Kalafi começou a beber um pouco. Quando lhe pedi explicações, disse-me que o deixasse em paz. Pouco depois, ficamos sabendo que havia-se casado de novo. Sua segunda esposa, Leda, não era crente.

E durante todo aquele tempo, ficamos como que a caminhar numa corda bamba, procurando discernir quando devíamos repreendê-lo, quando devíamos deixá-lo à vontade. Ele entrara para a YWAM antes de criarmos nossas escolas de treinamento; e conseqüentemente não aprendera a ter disciplina cristã, entrando diretamente para a liderança da missão. De certo modo, o que estava acontecendo constituía para ele um rápido curso intensivo, particular, sobre essas coisas.

— O único problema, disse eu para Dar certo dia, quando estávamos estendidos no assoalho de nossa sala, intercedendo por ele, é que não sei se ele será aprovado nesse curso.

Certo dia — um dia muito especial para nós — nove meses depois que soubéramos que Kalafi tinha-se casado de novo, recebemos um telefonema dele:

— Será que eu e Leda podemos fazer uma visita a vocês? indagou.

Se podiam! Nem precisava perguntar. Nada nos alegraria mais.

— Claro, claro, respondi. Sexta-feira?

Então eles vieram jantar conosco naquela noite. Leda estava grávida. Joy Dawson estivera dando umas aulas em nossa escola, e aquele era o último dia que passaria conosco. Depois do jantar, ela pôs-se a conversar com Kalafi num canto da sala, enquanto Dar conversava com Leda. E como uma flor se abre ao sol, Leda abriu seu coração para receber a Jesus. Ficamos tão felizes!

Olhei para o outro lado, onde Joy conversava com Kalafi. Percebi pela sua concentração, os ombros inclinados, a testa franzida, que ele estava considerando a idéia de fazer uma rendição total a Deus. Quando se retiraram, senti que o destino dele ainda pendia por um fio. Pelo que ele conhecia de Deus, não poderia nunca acomodar-se a uma vida de mediocridade.

Algumas semanas depois, ele ligou de novo e perguntou se poderia falar comigo particularmente.

Para minha satisfação e alívio, senti, ao vê-lo sentar-se com a cabeça inclinada e as mãos juntas, que estava disposto a tomar uma decisão de obedecer totalmente a Deus. Falou de todas as suas mágoas e culpas que estivera abrigando durante anos. Era a mesma velha história, lascívia e orgulho, que ele nunca conseguira confessar plenamente. Choramos os dois. Quando me pus de pé ao seu lado, para orar por ele, senti que a despeito de todas as lutas, ali estava um jovem que Deus queria usar.

Kalafi resolveu escrever para todas as igrejas onde trabalhara e todas as sedes da YWAM com as quais colaborara, confessando seus pecados com toda sinceridade, e pedindo perdão. Escreveu também para Tapu, pedindo perdão, e para a sua família, em Tonga.

Foi então que começou a tomar forma para nós uma outra maneira de orientação divina.

Seu negócio de paisagismo começou a fracassar.

Ele havia assumido dois serviços de grande porte. Mas, inexplicavelmente começaram a surgir atrasos e empecilhos. Um dos tratores se quebrou. Ele alugou outro, e daí a uma ou duas horas este também se quebrou. Depois que aconteceram cinco reveses desse tipo, ele começou a pensar no porquê de tudo aquilo. Foi então que um amigo o convidou para falar num estudo bíblico, que se realizava aos sábados à noite em sua igreja. A princípio, ele não queria ir, mas Leda incentivou-o.

— Eles não querem que você pregue, Kalafi. Só querem que você fale do que está-lhe acontecendo.

Então ele foi. E naquele sábado, ele se colocou à frente, no santuário daquela igreja, e contou como tentara afastar-se de Deus, como cometera adultério e seu casamento tinha fracassado, e como Deus dirigira tudo para que voltasse.

Enquanto falava, ele começou a chorar. Para seu espanto, um homem que se encontrava no primeiro banco caiu de joelhos ao lado do assento. Daí a pouco, outro fez a mesma coisa. Pessoas choravam por todos os lados. Vários dos presentes ali entregaram a vida a Jesus; outros, que estavam com o casamento rompido, foram restaurados.



Depois daquela noite maravilhosa, Kalafi compreendeu que Deus estava-lhe devolvendo seu ministério. Então ele e Leda passaram a visitar-nos regularmente nas sextas-feiras. E sempre que vinha, tinham muitas coisas a contar. Afinal, Kalafi compreendeu a mensagem dos tratores quebrados, e abandonou o negócio. Então ele e Leda passaram a viver do que Deus lhes fornecesse. Começaram a dirigir uma reunião de confraternização cristã, às sextas-feiras, na qual ganhavam pessoas para Cristo e ajudavam a restaurar pessoas com mentes e corpos enfermos.

Eu tinha tido muitas dúvidas quanto ao ministério de Kalafi por causa de seu divórcio e novo casamento. Mas ficou claro para mim que, embora Deus não tenha incluído o divórcio em seu plano para nós, isso não é um pecado imperdoável, já que ele restaurou o ministério de Kalafi. Se o critério paja se ter um ministério cristão fosse estar perfeitamente no centro da vontade de Deus, quantos de nós teríamos condições para isso? Mas, felizmente, mesmo quando fracassamos, Deus não retira seus dons e chamada.

Foi maravilhoso ver Kalafi voltar a dar fruto para Deus, ao mesmo tempo que víamos o campus de nossa futura universidade ir surgindo aos poucos, depois de removida a mata tropical.

Para ser sincero, com tanta coisa acontecendo, eu quase me esquecera do único elemento que faltava, para que se realizasse a visão que tivéramos naquela noite de oração em Kanehoe, havia cerca de quatro anos. Aquelas profecias também falavam de um navio ancorado no porto de Kona.

## CAPÍTULO DEZESSETE

### ***“Não Abandone o Navio!”***

Cerca de dois meses depois que eu e Dar nos mudamos para o hotel em Kona, fiz uma viagem, onde tive oportunidade de conversar com Don Stephens.

— Loren, disse ele, será que Deus não está "remexendo\* \* outra vez em nosso ideal a respeito do navio?

Minha reação foi imediata. "Ah, não!" resmunguei para mim mesmo, "outro navio?" Isso implicaria em que nos ocuparíamos de dois projetos de grande porte, ao mesmo tempo: a universidade e o navio.

Mas Don não escutou meus resmungos, e continuou a descrever um navio que vira em Veneza, na Itália.

— O nome dele é Victoria, disse, os olhos brilhando de entusiasmo. Já levei algumas pessoas do nosso staff da Europa para vê-lo, embora nem saiba direito por que o fiz. E um navio velho, bem grande, e não tem eletricidade... o gerador não está funcionando, é um enorme barco de passageiros, com onze mil toneladas de peso, parado, no mar. E sabe de uma coisa, Loren, continuou ele animado, poderíamos adquiri-lo por quase nada, devido ao seu mau estado. É lógico que teríamos que fazer muitos reparos, mas a gente poderia dar conta disso, não acha?

Tenho que confessar que não disse nada.

— Bom, concluiu Don meio desajeitado pela minha falta de reação, é que o Victoria tem uma característica muito especial...

E apenas para dizer alguma coisa, perguntei:

— De que cor é o navio, Don?

— Branco! replicou ele.

Senti meu coração dar um salto. Era a primeira vez que isso acontecia desde que começáramos a conversar. O navio que nos aparecera na visão, naquela noite de oração em Kaneohe, era branco.

Alguns meses depois, um homem veio à ilha Grande à minha procura. Indagando daqui e dali conseguiu descobrir onde morávamos. Ali estava ele em meu escritório no hotel, contemplando lá fora a vegetação tropical, agora bem aparada e arrumada.

— Meu nome é Paul Ainsworth. Sou de Toronto. Ele estava-se remexendo meio inquieto, na cadeira

de lona. Sorri, tentando deixá-lo mais à vontade.

— Para falar a verdade, senhor, continuou Paul, não sei ao certo por que estou aqui, a não ser que tive uma experiência muito estranha, e pode ser que o senhor também esteja envolvido nela. Sabe o que é? Bom... é que... eu tive uma visão.

Aí comecei a ficar interessado. E o Sr. Paul continuou ainda meio hesitante. Contou que alguns dias antes estava numa reunião de oração em Toronto. De repente, surgiu à sua frente um mapa do Pacífico Sul, e um imenso navio branco perpassava a visão. Parecia que a embarcação partia das ilhas havaianas em direção ao sul. Aí fiquei muito interessado.

— Eu lia claramente os nomes das ilhas, disse Paul. Uma pessoa que estava na reunião pegou um Atlas, e procurou o nome das ilhas, e ia seguindo direitinho a rota que eu descrevia na visão. Tudo estava certinho.

Àquela altura, eu já estava sentado na ponta da cadeira. E o que ele disse depois me fez arrepiar.

— E onde o navio passava, naquela rota do Pacífico, brotava um avivamento, explicou ele. Milhares e milhares de pessoas das ilhas receberam a Jesus, e depois elas próprias se tornaram pregadoras do evangelho. E essas pessoas foram pregar pelo sudoeste asiático, entraram pela Índia e até pela China. Milhões de pessoas conheceram o Senhor Jesus.

A visão tinha durado duas horas, explicou Paul Ainsworth, mas alguns dos detalhes que ele expôs não se encaixavam com nosso ministério.

Em seguida, ele havia perguntado a Deus: "O que queres que eu faça, Senhor?" E Deus lhe dissera: "Vá ao Havaí." Ele não conhecia ninguém ali, mas obediente a Deus fez os preparativos para a viagem. Antes de partir, seu amigo entregou-lhe um pedaço de papel e disse: "Esse homem aí talvez possa ajudá-lo. Ele mora no Havaí." Paul abriu o papel quando já estava no avião. Nele só estava escrito uma coisa: Loren Cunningham.

Eu quase não queria acreditar no que ele me contava. Mas Paul Ainsworth estava-me fitando atentamente, sem dúvida alguma esperando que eu dissesse algo que confirmasse tudo que dissera. Sentia-me a ponto de chorar, mas fui até onde estava o quadrinho que minha mãe me dera, peguei-o e mostrei-o a ele. Em seguida, tive a incomum satisfação de contar toda a nossa história àquele

homem obediente a Deus. Nós dois nos pusemos a rir de nervosismo, como eu já vira muitos polinésios rirem.

Tudo estava acontecendo muito depressa, e de maneira grandiosa, e aquela série de surpresas ainda não estava concluída. Após a visita de Paul Ainsworth, Darlene recebeu uma carta de uma velha amiga que orava muito pela YWAM, e ela dizia o seguinte: "Deus me revelou que você e Loren vão ter filhos gêmeos. E claro que isso não é literalmente. Acredito que sejam ministérios gêmeos. Um é o navio. O outro não tenho certeza do que é..."

De todas as partes nos vinham mensagens com a idéia de "gêmeos". Algumas delas não poderiam ser consideradas como orientação divina, mas era bom pensar nelas. Minha lembrança voltou a alguns meses antes quando Jimmy e Jannie, após onze anos de casamento, receberam os primeiros filhos; um dia de muita alegria para nós. No dia do nascimento da criança, ficamos todos surpresos ao saber que Jannie tinha ganhado gêmeos, dois meninos idênticos, nascidos com sete minutos de diferença um do outro, no dia 07/07/1977. Parecia que Deus estava-nos falando alguma coisa a respeito dos gêmeos.

Após uma tão admirável série de mensagens estimulantes, que lembravam muito os acontecimentos bíblicos, tivemos que por mãos à obra e iniciar as negociações para a compra do Victoria. Acredito que Deus teve que me dar esta avalanche de mensagens, porque ele sabia que, se não fosse assim, eu poderia desistir. Como iria ele liberar o dinheiro para realizarmos essa missão?

E três meses depois que eu e Don tivemos a primeira conversa sobre o Victoria, resolvemos começar as negociações com respeito a ele. Eu não podia deixar de rir pelo contraste que via entre nossas negociações, quando falávamos de entradas, pagamentos e escrituras, enquanto Darlene tinha de lavar as vasilhas numa pia de banheiro, em nossos aposentos no hotel.

Don enviou-me uma fotografia do navio bem como uma planta dele. Mas tenho que admitir que, depois de toda aquela experiência com o Maori, guardei o desenho numa gaveta.

Um mês depois, em abril de 1978, fui para Veneza a fim de encontrar-me ali com Don Stephens. Essa visita tinha dois objetivos- Quatrocentos dos nossos jovens missionários estavam reunidos nesta cidade para pregar o evangelho de Jesus nas ruas; estavam alojados num acampamento, nos arredores da cidade. Mas, naturalmente, meu maior interesse em Veneza era pelo fato de estar ancorado ali o Victoria.

Don foi-me apanhar no aeroporto, e enquanto rodávamos para o nosso destino, relatava-me o andamento das negociações. Os proprietários estavam examinando nossa proposta, que havíamos apresentado um mês antes, e tinham até entrado com pedido de aprovação governamental, para o caso de fecharem o negócio.

— A princípio não nos levaram muito a sério, explicou Don, enquanto serpeávamos em meio ao tráfego. E dou razão a eles. Éramos tão ignorantes nesta questão de navios, que tivemos de perguntar a eles quais eram as perguntas que faríamos. Ficamos também meio sem jeito de dar nosso endereço: aos cuidados de um acampamento.

Rodamos pela passarela que liga Veneza ao continente, e depois paramos no acostamento. Don indicou um ponto entre os muitos guindastes que pontilhavam o porto.

— Lá está ele!

Apesar de tudo, meu coração começou a bater mais forte. Lá estava ele, com a grande chaminé pintada em preto e laranja.

— E aquele símbolo impresso na chaminé, explicava Don, é o Leão de São Marcos, o evangelista, que é patrono de Veneza. Muito interessante, não é?

Não sei se Don compreendeu bem a minha relutância em ir ver o navio, mas o fato é que não estava com vontade de subir a ele naquele momento. O problema é que eu poderia ficar empolgado demais. Depois da experiência que tivemos com o Maori, não queria de modo algum exaltar excessivamente outro objeto de metal.

Contudo estava disposto a deixar que Deus operasse através de Don e dos outros homens. E para mim, tudo era uma questão de saber manter o equilíbrio entre a atitude de cautela espiritual que eu adquirira por causa do Maori, e a de estímulo que obtivera ao ouvir Paul Ainsworth falar de sua visão.

Então dei todo o apoio a Don, para que seguisse em frente com as negociações. Ele expôs seu ponto-de-vista de que encetávamos uma tarefa gigantesca, e eu só pude replicar o seguinte:

— Don, façamos o seguinte, vamos dividir a coisa toda em pequenas parcelas, para podermos manejá-la melhor. Deus espera que demos só um passo de cada vez.

Voltei para casa com uma mistura de empolgamento e apreensão. E ali, eu e Darlene ficamos sempre fazendo a mesma pergunta: "És tu mesmo, Senhor?" Anteriormente, já havíamos aprendido que, nos momentos decisivos, é muito bom perguntar a si mesmo: "Que parcela de sobrenatural há na orientação que estamos recebendo?" Não estávamos pedindo sinais, nem buscando coisas espetaculares, mas o fato é que estavam ocorrendo sinais e coincidências espetaculares um após outro, e parecia-nos imaturidade espiritual não dar atenção a eles. Deus provavelmente estava-nos dizendo: "Este é o caminho; andai nele."

Então Don prosseguiu com as negociações. Um mês depois, ele me ligou de Veneza todo entusiasmado. Os proprietários do navio tinham aceitado nossa oferta, e as autoridades do governo haviam concordado com a transação.

— Você precisava ter visto a gente, Loren, contou Don. Todo mundo queria ir ao centro para firmar o contrato. Fomos cinco, num minúsculo Renault, saindo de um acampamento para assinar um contrato para a compra de um navio.

Então já estávamos com contrato firmado. Arranjamos o dinheiro para a entrada nas finanças da própria YWAM. Mas nessa ocasião recebemos uma outra bênção além do dinheiro, uma bênção que constava do âmago de nosso ideal original para a missão Youth With a Mission.

Uma das provas mais certas para se testar a validade de um projeto é a seguinte: ele está levando as pessoas nele envolvidas a maior liberdade e

maturidade no Senhor? Se isso não acontecer, é provável que a ordem não partiu do Senhor; mas, se acontecer, então, na certa, veio de Deus. Nesse caso em particular, Don Stephens era a principal pessoa implicada. Ele já se mostrara apto em Munique, e no momento estava encarregado de uma missão bem mais difícil.

Enquanto isso, a idéia de nossa universidade estava-se tornando cada vez mais clara, como uma imagem que vai entrando em foco. O Dr. Howard Malmstadt, o professor universitário que viera nos procurar, tinha permanecido entre nós, como Deus determinara. Eu e ele passávamos horas e horas prostrados no carpete azul de nosso apartamento orando, fazendo planos, buscando outras idéias. Howard apresentou-me a um arquiteto, que me crivou de perguntas a respeito dos nossos planos para o tipo de vivência a ser desenvolvida na UCPA. Explicamos que tanto os alunos como o pessoal da direção e os professores visitantes viveriam em pequenas comunidades de cerca de 280 indivíduos cada, imitando povoados. A razão disso era que a maioria de nossos alunos seriam provenientes da Ásia e das ilhas do Pacífico, onde viviam em povoados assim. Falamos-lhe acerca das faculdades que estavam-se formando a partir de elementos influenciadores do pensamento, trabalhando em áreas que dão forma à sociedade e à cultura. Nosso campus tinha que ser projetado de modo a estimular a formação de um ambiente em que se aprendesse numa situação prática, dentro das faculdades. Nosso arquiteto sentiu-se empolgado com o desafio que lhe apresentávamos. Voltou para o continente e logo se pôs a trabalhar na preparação do projeto, oferecendo-o a nós como uma contribuição sua, um serviço feito por amor à obra.

Eu me preocupei muito com a dimensão dos dois compromissos que se achavam diante de nós. Uma das preocupações era com as finanças, mas esta não era a principal...

Em nossas experiências de relacionamento com Deus, nessa área de recebimento das suas orientações, havíamos descoberto um aspecto bastante perigoso. A obra do Senhor é tão grandiosa, tão maravilhosa, que muitas vezes existe o risco de se associar a ela a idéia de glória, em vez de se dar toda a glória ao Senhor. Já tínhamos cometido esse erro em relação ao Maori, e não queríamos cometê-lo novamente.

Mas estávamos descobrindo uma outra faceta de perigo. Quando Deus determina que assumamos determinado risco, ele também está-se arriscando. Se tivermos atitudes erradas, podemos terminar não apenas roubando-lhe a glória, mas também o primeiro lugar, que por direito lhe cabe.

E eu, quase sem o perceber, estava prestes a entrar nessa outra zona de perigo. Desde as Olimpíadas de Munique, tínhamos procurado estar presentes em todos os grandes eventos esportivos mundiais. Esses eventos constituíam miniaturas do mundo, que muitas vezes nos forneciam a oportunidade de atingirmos pessoas de países "fechados" para o evangelho. Um desses eventos era a Copa do Mundo, de futebol, a realizar-se na Argentina, em junho de 1978, com a duração de um mês, e que iria iniciar-se daí a dois meses. Tomei as

providências necessárias para ali comparecer, certo de que Deus desejava que fosse lá.

Mas, pouco antes do dia em que deveria viajar para a Argentina, um amigo telefonou-me do continente:

— Loren, tenho uma notícia sensacional para você. Estou sabendo de um corretor de imóveis que deseja doar muito dinheiro para a construção de uma universidade evangélica, falou ele todo animado. Ele gostaria de conversar cojm você. Está em Denver.

Essa ajuda poderia antecipar a realização de nosso projeto. Eu atrasaria um pouco minha chegada na Copa do Mundo, talvez, mas por outro lado...

— Vou dar um jeito e farei uma visita a ele a caminho da Argentina, respondi tentando manter a voz controlada.

Então, no dia em que eu deveria estar voando para Buenos Aires, fui para Denver. Com alguns adiamentos e atrasos, afinal, cheguei na Argentina quando já tinham sido jogados dois terços da competição. Reuni-me com as equipes, c tentei compensar o atraso com entusiasmo redobrado. Mas a reação dos jovens, educada e respeitosa, era semelhante à de um garoto que estivesse participando do jogo final de um campeonato, mas cujo pai só chegara ao campo nos quinze minutos finais, pois encontrava-se numa reunião importante. A disposição da liderança também era preocupante. Expliquei-lhes onde tinha estado, mas ninguém pareceu ficar muito entusiasmado. Era este o evento a que eu teria de comparecer, e embora ninguém tivesse dito nada diretamente, reconheci que tinha que repensar algumas coisas.

Naquela noite — bem tarde da noite — no quarto que me fora designado (estávamos alojados em uma escola, em número de setecentas pessoas), pus-me a pensar nos aspectos da orientação divina implicados naquela experiência.

Não tinha nenhuma dúvida de que a universidade era um sonho muito querido para Deus. Ela seria uma nova forma de se mandar ondas de jovens missionários para novos campos — os centros de comunicação, que moldam a mente de nossa sociedade. Mas o Maori também fora um instrumento muito caro ao coração de Deus. Eu ainda cria nisso. E no entanto ele deixara o navio morrer, porque estava-se tornando uma coisa gloriosa em si mesma.

Já com a universidade, o primeiro lugar que Deus exige de nós fora ameaçado de um modo ainda mais sério. Ele me ordenara que fôssemos para a Argentina. Eu recebera a orientação de modo bem claro, mas acabei desviando-me para sair atrás de dinheiro.

Foi a primeira vez que desejei que houvesse em minha casa um quadrinho com os dizeres: “A ordem do Guia tem o primeiro lugar em nosso relacionamento com ele”.

O objetivo principal da orientação divina é levar-nos a um relacionamento mais íntimo com Jesus. Todos os outros objetivos devem ser secundários em relação a este.

Temos que ser muito vigilantes quando Deus está-nos guiando com relação a algum instrumento, como por exemplo um navio ou uma universidade. Essas

coisas nada têm de errado em si mesmas; mas a tragédia ocorre quando estes instrumentos se tornam mais importantes que o Senhor.

## CAPITULO DEZOITO

### *"Será que Ninguém se Importa?"*

Sete meses depois que iniciamos as negociações para a compra do Victoria, certa noite Don Stephens ligou para mim e Dar. Desde que ocupáramos o pequeno apartamento do Hotel em Kona, havia um ano. Dar começara a transformar aqueles três cômodos num lar. Ela já conseguira colocar uma poltrona aqui, um quebra-luz ali, etc.

— Bom, Loren, disse a voz de Don que me chegava através do satélite de comunicação, o negócio está feito.

Ele parecia vibrar, mas, ao mesmo tempo, estava estranhamente calmo.

— O navio já é nosso? indaguei.

Do outro lado da sala, Dar virou-se para mim, atenta. Fazia já alguns meses que vínhamos recebendo ofertas regularmente, e essa regularidade nos animava, pois achávamos que era uma parte muito importante em todo o processo de orientação divina.

— O navio já é nosso. Ainda não está em condições de ser lançado ao mar, mas já é nosso. Os proprietários preferiram esperar que pagássemos o último centavo, para depois liberá-lo.

Em seguida, ele relatou que iriam realizar um jantar à luz de velas, em ação de graças, no próprio refeitório do navio. Depois iriam até o convés de ré para arriar a bandeira deles, e hastear ali a nossa.

— É lógico, continuou ele, que o trabalho está apenas começando, e os problemas também.

Foi então que entendi por que ele parecia vibrante e calmo ao mesmo tempo.

— Mais cedo ou mais tarde, temos que deixar o porto de Veneza, porque nossa tripulação não é sindicalizada. O navio terá que ser rebocado para algum outro lugar e levado a uma doca de querena para reparos. Provavelmente será à Grécia.

— Don, disse eu sentindo que precisava mudar o rumo da conversa um pouco, o que você acha do nome novo?

— Anastasis?

Esse era o nome de que mais tínhamos gostado.

— É, acho que está bom.

— Então será Anastasis mesmo, falei olhando para Dar, que ouvia apenas um lado da conversa, e satisfeito ao ver que ela sorria também, dando sua aprovação.

Anastasis em grego significa "ressurreição".

Um dos problemas de se viver sempre sob a liderança de Deusé saber manter tudo sempre na perspectiva certa. A medida em que uma orientação divina começa a se desdobrar, parece vir acompanhada de muito trabalho de rotina. Depois de algum tempo, desgasta-se a vibração da primeira revelação, e

a visão dos frutos daquela ordem ainda está no futuro. Entre as duas etapas encontra-se a fase do trabalho cansativo, que deixa o ânimo meio entorpecido. E é nesse intervalo que o princípio da perspectiva se torna muito importante.

Era o mês de junho, de 1979. Já se passara um ano desde que eu vira o "nosso" navio pela primeira vez. Quando o avião da Alitália começou a circular sobre os canais de Veneza, pus-me a girar a cabeça para um lado e para outro, para tentar avistá-lo. Iríamos reunir-nos, cerca de sessenta dos líderes da YWAM. Don desejava ter ali consigo o maior número possível de membros da missão, das diversas partes do mundo, para que pudéssemos confirmar nosso apoio ao projeto. E precisávamos também reacender aquele nosso velho sonho de ver uma embarcação a navegar pelos mares, em nome de Jesus.

Meus olhos fixaram-se nas águas brilhantes. Lá estava ele, ao clarão do sol veneziano — ainda com a velha pintura branca, mas a chaminé já exibia as cores verde e azul. Meia-hora depois, um habilidoso motorista de um táxi-aquático ia deslizando sobre as águas do porto, em direção ao navio. Ainda à distância divisei nosso logotipo "YWAM" recém-pintado na chaminé. Demos a volta pela popa para chegar à prancha de acesso. O nome antigo fora coberto por uma camada de tinta, e em seu lugar aparecia em letras negras a palavra Anastasis.

Assim que subi ao convés, Don e seus missionários voluntários — a maioria dos quais era bem jovem — me receberam calorosamente. Eu relutara em subir a bordo do navio, antes que tivéssemos a certeza de que não haveria mais retorno, ainda decidido a não mais glorificar um objeto que nada mais era que um instrumento no reino de Deus. Mas finalmente estava ali, e muito feliz de caminhar por aquele barco de 522 pés de comprimento, ver seus grandes refeitórios, o salão de estar, a pequena unidade hospitalar, e os cinco grandes compartimentos de carga. Já dava para ver os pontos onde os voluntários tinham raspado, lixado, consertado e pintado. Só para limpar a cozinha, disse Don, vinte e cinco jovens tinham levado três semanas.

Naquele momento outros líderes da YWAM estavam chegando a bordo. E afinal nós — cerca de sessenta pessoas — reunimo-nos no tombadilho, onde antes os passageiros tomavam banho de sol nas longas viagens oceânicas. Don relatou-nos as dificuldades que encontrara para rebocar o navio até Atenas e prepará-lo para começar a operar. Então oramos a Deus pela solução desses problemas, pondo em prática o princípio da perspectiva, recordando-nos da visão original e do potencial futuro do navio em seu ministério de evangelismo e beneficência, como um instrumento para Deus. Precisaríamos muito de enxergar sempre as coisas por este ângulo, para suportarmos os duros e longos meses à frente.

A visita ao Anastasis estava terminada. E enquanto nossa lancha nos levava dali, creio que todos sentimos um renovado entendimento do anseio que Deus tem de ver todo o seu povo envolvido em ministérios de socorro aos necessitados. E algo que muito me agradava era que o passo seguinte, no sentido de se lançar a YWAM ao encontro dessas necessidades, vinha de uma nova geração, o filho de Jim e Joy Dawson, John, um rapaz de vinte e sete anos.



— Loren, dissera-me John ainda nos Estados Unidos, Deus está-me falando de uma coisa e creio que sua mensagem é para todos nós da YWAM.

Imediatamente dei-lhe toda a minha atenção. Aquele jovem tinha muita experiência nesta questão de ouvir a ordem de Deus, pela sua vivência em família. Então ele me disse que recentemente lera um artigo na revista Time acerca dos refugiados que estavam fugindo do Vietnã.

— Loren, disse John, essa gente paga somas fabulosas por uma passagem em barquinhos que são verdadeiras banheiras furadas, para tentar escapar do Vietnã. Depois, são atacados por ladrões que os matam ou os abandonam no mar, à deriva, em jangadas.

E ninguém se interessava em ajudar esse povo. Ele passou a descrever os campos de refugiados nas fronteiras dos países vizinhos.

— E, Loren, não consegui esquecer o título do artigo, pois é a pergunta que o mundo está fazendo ao Corpo de Cristo, é o que Deus está sentindo com relação àquela gente. Ele está chorando e indagando de nós: "Será que ninguém se importa?\*"

O desafio que John me apresentara ficou marte-lando-me na mente. Seria ali, afinal, o início do ministério de socorro que eu vislumbrara desde que presenciara o furacão Cleo, havia quinze anos?

Resolvi ir ver por mim mesmo. Parti para Hong-Kong e depois para a Tailândia, levando comigo outros líderes da YWAM. O primeiro campo de refugiados que visitamos era em Hong-Kong. Nenhum artigo da revista poderia ter-me preparado, ou os meus olhos, ouvidos — e nariz — para o horror daquele acampamento.

Primeiro sentimos o cheiro. O fedor denso de dejetos humanos nos atingiu antes que chegássemos lá. Assim que entramos pelo portão principal e por uma porta interior, descobrimos a causa. O piso inferior estava inundado por uma camada de cerca de quinze centímetros de fezes. Fomos andando como pudemos pelas laterais, e os dirigentes do acampamento nos mostraram que os canos de esgotos haviam-se rompido, ao longo da parede. Eles não tinham dinheiro para contratar um bombeiro da cidade para fazer o conserto, e ali não havia ninguém que estivesse disposto ou mesmo que fosse qualificado para fazer o serviço.

O acampamento "Jubilee" fora anteriormente um alojamento da polícia, projetado para abrigar novecentas pessoas. Mas ali estavam oito mil, e a construção estava condenada. Mas simplesmente não havia outro lugar para se alojar o grande número de refugiados que havia. Em cada cômodo viam-se fileiras de beliches, que iam de um lado a outro do quarto, com três leitos cada, e várias famílias ocupavam cada fileira daquelas. Às vezes uma família ocupava dois beliches, e não apenas para dormir, mas para tudo o mais, inclusive preparar os alimentos. Os médicos do acampamento, terrivelmente esgotados, contavam que todos os dias tinham que socorrer criancinhas que caíam dos beliches, durante o sono, e sofriam concussões.

Minha mente àquela altura já estava funcionando. Será que tínhamos que esperar? Mesmo antes de o Anastasis estar pronto para navegar, já podíamos

enviar nossos missionários ali. Poderíamos tentar limpar um pouco daquela confusão, ajudar a tomar conta dos enfermos e ao mesmo tempo ter uma oportunidade de transmitir a mensagem de Jesus àquela gente, dizer-lhes que ele se preocupava com o sofrimento deles, e queria solucionar a situação? Com uma das mãos estaríamos distribuindo seu amor, e com a outra, sua verdade.

Na Tailândia, sentimos o mesmo interesse e a mesma vibração estranha, que sentíamos em Hong-Kong. Ali vi uma mulher apresentar o esquelético corpinho de um garotinho, a cabeça, desproporcionadamente grande, tombando para trás. Para ele, o alimento chegara tarde demais. Senti um aperto na boca do estômago ao ouvir a respiração agonizante, e meus olhos se encheram de lágrimas, quando ele deu o último suspiro, e a mãe abraçou com força seu corpinho sem vida. Onde está a igreja de Jesus Cristo? foi o grito que brotou no meu interior. Onde?

Momentos depois, tinha diante de mim um jovem soldado do Kmer Vermelho. Ele poderia ter sido um daqueles que atiravam bebezinhos para o alto e os apartavam com a ponta da baioneta. Os olhos daquele jovem eram vazios, eram como janelas abertas para o inferno. Mas Jesus morrerá por ele também. Através de um intérprete, preguei a 1200 homens do Kmer Vermelho que estavam no acampamento. Muitos ouviram atentamente nossa mensagem sobre o amor de Deus, sobre o seu perdão e seu chamado ao arrependimento. Depois, cerca de doze deles se afastaram comigo para um lado, para orar, aliás com grande risco para sua segurança pessoal.

Quando regressei a Kona, tinha um enorme peso no coração, mas também estava empolgado e com grande senso de realização. Afinal, a YWAM estava fechando o círculo, com nosso ministério de socorro aos necessitados; estavam chegando ao mundo as duas facetas gêmeas da boa-nova do evangelho: um amor cada vez mais profundo para com Deus um amor cada vez maior para com nosso próximo.

Algumas semanas depois estávamos enviando jovens para os campos de refugiados. Gary Stephens (irmão de Don) foi com um grupo de trinta pessoas para o acampamento "Jubilee". Eles fizeram o que nem os refugiados tinham querido fazer: limparam os detritos que estavam no lugar e consertaram os canos do esgoto. Gary relatou que os refugiados estavam espantadíssimos. Ali estavam jovens que tinham ido lá, pagando as despesas do próprio bolso, para fazer um serviço que ninguém quisera fazer. E os nossos missionários conquistaram a atenção deles. E várias vezes receberam a deixa que estavam procurando: as pessoas lhes perguntavam por que tinham ido ali.

Em pouco tempo, conseguiram permissão das autoridades do acampamento para abrir uma escola, ter estudo bíblico e dar aconselhamento espiritual.

Então aconteceu uma coisa maravilhosa. Parecia que Deus estava apenas aguardando esse ato de obediência, para abrir seus reservatórios. Assim que se espalhou a notícia de que estávamos dando ênfase também a esta segunda faceta da fé, começamos a receber obreiros voluntários aos montes. Era como se tivéssemos aberto uns portões, onde estavam centenas e centenas de moças e rapazes, apenas a esperar que os abrísemos. Vieram também outras pessoas

experientes; vieram médicos, enfermeiras, técnicos, etc, bem como outras pessoas que desejavam apenas colocar ataduras em refugiados, ou dar aulas para as crianças. Em pouco tempo encontramos dezenas de oportunidades de trabalho — reabilitação profissional, indústrias, caseiras, distribuição de roupas e alimentos, aulas de inglês e orientação cultural para aqueles que estavam para iniciar uma vida nova em outros países. E lado a lado com isso, estávamos sempre pregando a mensagem do evangelho, e levando pessoas ao conhecimento do Pai celeste, com nossas palavras e ações.

E as bênçãos de Deus estavam sendo derramadas em outras áreas também. Kalafi estava-se saindo muito bem no reinício de seu ministério. O antigo ardor pela obra estava de volta; havia nele também uma nova suavidade no trato com as pessoas. Ele abrira escolas em Honolulu, Singapura e Djakarta, para treinamento de jovens evangelistas. Recebíamos relatos constantes de que centenas de pessoas estavam sendo salvas e curadas: uma moça surda, na Malásia, recuperara a audição instantaneamente; um velho muçulmano aleijado da Indonésia fora curado com uma oração de Kalafi, e saía correndo e saltando. Igrejas estavam sendo fundadas em povoados onde o evangelho nunca tinha chegado antes. Estávamos simplesmente encantados com os relatórios, que demonstravam que Kalafi se achava totalmente recuperado.

Parecia que Deus estava derramando bênção em cima de bênção. Era, como no caso de Jim e Jannie, pensei sorrindo. Eles haviam esperado onze anos pelo primeiro filho, e então chegaram os gêmeos. E já tinham mais um garoto — um presente adicional, especial de Deus.

E era o que estava acontecendo com a YWAM também, no mundo todo. Deus estava adicionando mais e mais presentes, multiplicando suas bênçãos.

Um de nossos líderes conseguira enviar à União Soviética dois mil voluntários em 1980 para pregar o evangelho. Outro homem, Floyd McClung, foi morar com sua família na zona do meretrício de Amsterdã, entre prostitutas e "rapazes de programa". Outros estavam se responsabilizando por determinadas áreas do mundo: África, Américas do Sul e do Norte. E o princípio da multiplicação estava em operação também. O pessoal do YWAM no Brasil relatava que os jovens treinados em nossas escolas de evangelismo estavam atingindo suas próprias fronteiras, subindo até a Amazônia à procura de isoladas tribos indígenas, para levar-lhes o evangelho.

E quanto ao nosso trabalho, meu e de Darlene? Como tínhamos previsto ao nos mudar para o Havaí, nossa atenção estava se voltando para a Ásia. Fazíamos visitas às equipes de obreiros, participando do trabalho de evangelismo, dando cursos para nossa crescente "família", que já contava com 1800 obreiros em tempo integral. E eu ainda tinha sobre meus ombros a responsabilidade de nossa base central em Kona, crendo firmemente que a criação de nossa universidade era um desejo de Deus. Mas em vez de esperar até termos um campus completo, com prédios e tudo, resolvemos começar do jeito que estávamos. Afinal, os prédios não passam de meros instrumentos. E assim teve início a "Universidade Cristã do Pacífico e Ásia. Alugamos uma sala

aqui, um salão de reuniões ali, um apartamento em outro lugar e começamos as aulas.

## CAPÍTULO DEZENOVE

### *Uma História de Peixes*

Do outro lado do mundo, meu amigo Don Stephens e seu grupo de 175 pessoas, entre tripulação e alunos, estavam trabalhando para colocar o Anastasis em condições de navegar. No início de 1981, ele me ligou de Atenas. Eu estava sentado na varanda de nossa casa, na escola, olhando para as águas azuis da baía, por entre as folhas dos coqueiros. Fiquei visualizando Don, em Atenas, telefonando de uma cabine qualquer. Deu-me um breve relatório de como seu pessoal estava-se saindo.

— São eles os verdadeiros heróis, disse gabando-se um pouco de seu pessoal, como costumava fazer.

As moças e rapazes tinham sido praticamente obrigados a rastejar para entrar no porão do navio, a fim de limpar tudo. E haviam limpado com esfregões, palha de aço, tinham polido os metais e madeiras, etc. E dispunham de tão pouco dinheiro, que compravam o diesel do gerador em quantidade suficiente apenas para algumas horas, de cada vez. Sua alimentação era constituída principalmente de pasta de amendoim, arroz e feijão. As autoridades portuárias de Atenas não tinham permitido que ficassem morando no navio, e por isso estavam hospedados num hotel que, num terremoto recente ficara bastante danificado. Mas assim como nós, no Havaí, tínhamos resolvido não esperar por um instrumento (isto é, os prédios e o campus), para depois obedecer a ordem de Deus e iniciar os trabalhos da UCPA, também Don e seu pessoal, lá em Atenas, resolveram que não iriam esperar seu instrumento (o navio) para depois obedecer a ordem de Deus e iniciar um ministério de socorro aos necessitados. Em todas as oportunidades que se lhes apresentavam, os jovens iam socorrer os gregos, vítimas dos terremotos. E também trabalhavam bastante diariamente pregando o evangelho pelas ruas, onde quer que estivessem. Eu estava satisfeito. — Don, disse-lhe, acho que estamos aprendendo a lição, não estamos? Deus quer que fixemos nossa atenção nas suas ordens, e não nos instrumentos que ele usará.

Toda a YWAM passou a auxiliar financeiramente o projeto do navio que incorria em pesadas despesas. Contudo, os jovens, sob a liderança de Don e Deyon, continuavam a responsabilizar-se por seu próprio sustento, conseguido principalmente através de cartas informativas — mas sem petições de dinheiro — que escreviam regularmente aos familiares e conhecidos em seu lugar de origem. Muitas vezes, as provisões recebidas eram envoltas em certo mistério. Às vezes escreviam para um conhecido, e recebiam em resposta uma carta de estímulo e incentivo de outra pessoa — em muitos casos, de pessoas que eles nem conheciam. Em diversas ocasiões, as ofertas provinham de fontes totalmente inesperadas.

Mas, quanto mais o Anastasis ia ficando pronto, e mais se aproximava o dia em que poderia navegar, mais Don insistia em que eles voltassem sempre aos

princípios básicos. Qual era o objetivo básico daqueles jovens ao limparem todos os cantinhos do navio? Era pregar o evangelho. E eles já estavam pedindo a Deus uma boa colheita de almas, milhares e milhares de pessoas entrando no reino de Deus, e outros milhares sendo socorridos. Quando estava-se preparando para tal, Don ficou intrigado com a íntima associação que havia entre jejuar orar, e a recepção de uma boa colheita. Jesus mesmo começara seu ministério, que fora incrivelmente produtivo, depois de um jejum no deserto. Talvez aquela equipe do navio devesse fazer o mesmo.

Então Don e Deyon, juntamente com os 175 companheiros de equipe, começaram um jejum de quarenta dias, por turnos, de modo que sempre houvesse um grupo de pessoas empenhadas em jejuar e orar. Fiquei maravilhado com a idéia, lembrando-me do mesmo tipo de oração e jejum que fizera na casa de Jim e Joy, na Nova Zelândia, e que fora seguido da entrada de boa leva de obreiros para a YWAM.

O período de quarenta dias de disciplina espiritual estava quase encerrado. Certo dia o telefone tocou. Era Don.

— Loren, está preparado para ouvir algo de fato impressionante?

— Estou!

Pela alegria que havia no tom de voz dele, percebi que se tratava de algo realmente fora do comum.

— Então comece a anotar tudo, meu amigo, disse ele. Quando começamos a perceber o que estava acontecendo, pusemo-nos a anotar tudo, e os números que vou dar não são exagerados, nem um sequer. Escute só isso...

E assim dizendo ele passou a me contar o que acontecera com seu pessoal quando estavam observando o período de jejum e oração, no sentido de que Deus lhes desse uma grande colheita.

Um dos membros do grupo estava andando pela praia certo dia, num local perto do hotel onde moravam. De repente, viu doze peixes saltarem por sobre as rochas e cair numa pequena poça de água do mar, dessas que são formadas pela maré, bem perto dele. Ele os apanhou e correu ao hotel para mostrá-los aos outros. A quantidade fora suficiente para que alguns deles suplementassem seu jantar daquela noite com peixe frito. Alguns dias depois, um grande atum saltou do mar para a praia. Desta vez, um maior número de pessoas pôde comer um pedaço de peixe no jantar.

E mais uma vez, alguns dias depois, uma das jovens da equipe, uma moça de Dallas, Texas, estava sentada sobre uma pedra, perto do mar, observando sua hora silenciosa. De repente, os peixes começaram a saltar da água. Ela começou a gritar. Algumas famílias gregas das redondezas viram o que estava acontecendo e correram para lá para pegar os peixes. Becky conseguiu apanhar 210 deles, e os gregos pegaram duas ou três vezes mais.

Mas o fato mais impressionante ainda estava por acontecer.

— Na terça-feira passada, Loren, às oito horas da manhã, os peixes começaram a saltar de novo.

Don, Deyon e os outros tinham saído correndo para a beira do mar, gritando. Os peixes estavam saltando para a terra numa faixa de cento e

cinquenta metros de praia. Foram ao hotel e pegaram todo tipo de vasilhame que encontraram: baldes de plástico, bacias, sacos, etc.

— O pessoal ficou ali uns quarenta e cinco minutos pegando peixes o mais depressa possível, disse Don.

Mas o que estava fazendo com que os peixes saltassem para a terra dessa forma? Ninguém sabia explicar. Os gregos ali também nunca tinham visto uma coisa assim. Então chegaram à seguinte conclusão: "Deus está com esta gente."

Terminada aquela "festa" de peixes, resolveram contar para ver quantos peixes haviam conseguido de maneira tão incomum.

— Loren, disse Don, você não vai nem acreditar! Foram 8301 peixes, mais de uma tonelada. Você já pode imaginar o culto de louvor que realizamos ali mesmo na praia. Essa foi a confirmação que precisávamos de que o ministério do Anastasis será algo de muito especial.

E assim como os peixes haviam começado a saltar subitamente, dando -nos um sinal da abundante colheita que teria o ministério de socorro do Anastasis, assim também, repentinamente, começou a chegar a última parte do dinheiro que precisávamos para pagar o serviço de oficina que estava sendo realizado no estaleiro. Recebíamos ofertas de todas as partes do mundo. Recebemos centenas de milhares de dólares adicionais em contribuição sacrificial dos próprios membros da YWAM, e de grupos religiosos tais como o da Rua Huntly, 100, o Clube dos 700, o Clube PTL, a Associação Evangélica Billy Graham, David Wilkerson, e os Ministérios dos Últimos Dias. Não havia mais dúvida alguma. O ministério do navio estava em processo de nascimento.

E quanto à universidade? Finalmente, tínhamos arranjado um negociante a longo prazo, mas ainda assim, uma pessoa que passasse por ali casualmente, passeando na velha propriedade do Hotel Pacific Empress, nunca diria que aquilo era uma universidade. Mas continuamos em frente. Não podíamos correr o risco de esperar muito, em parte por causa do que nos fora dito por um médico obstetra. Por ocasião de uma das reuniões de oração que realizamos para buscar a orientação de Deus, ele nos disse que num parto de gêmeos a gravidez tem que ser considerada como uma experiência única. Assim que nasce um dos gêmeos, o outro deve nascer logo em seguida, senão haverá riscos para a vida da mãe ou do outro bebê. E ele repetiu várias vezes: temos que fazer com que a UCPA nasça logo, senão tanto a mãe, YWAM, como o outro gêmeo poderão morrer.

Essa palavra dele nos estimulou a prosseguir com os planos, com ou sem os prédios e o campus. E mais uma vez nosso começo também seguiu a tradição. Sabemos que a Oxford University, por exemplo, durante alguns anos, nada mais era do que um aglomerado de professores e alunos que se reuniam em salas improvisadas, onde pudessem encontrar um teto. Em Kona, já estávamos ministrando algumas disciplinas, entre as quais aconselhamento, psicologia (de um ponto-de-vista bíblico, naturalmente), instrução paramédica, magistério pré-escolar, ciências, tecnologia (voltada principalmente para o terceiro mundo) bem como cursos de estudo bíblico, missões e eclesiologia. Essas

faculdades, em fase embrionária, estavam espalhadas ao longo da costa de Kona, em diversos locais, nas salas que tínhamos podido ocupar.

Os dois ministérios estavam-se desenvolvendo bem próximos um do outro. As notícias que recebíamos do primogênito eram boas. Os testes marítimos a que o Anastasis tinha sido submetido haviam corrido muito bem. As últimas medidas estavam sendo tomadas para se registrar o barco sob a bandeira de Malta. Desse modo, poderíamos navegar com uma tripulação internacional, não sindicalizada. Como era nossa intenção que a tripulação do Anastasis seguisse a linha de conduta da YWAM, isto é, depender apenas de Deus para o seu sustento, não tínhamos condições de satisfazer às exigências de países como a Itália, por exemplo, onde só eram reconhecidas tripulações cujos membros eram sindicalizados.

Afinal chegou o grande dia.

No dia 7 de julho de 1982, o Anastasis levantou âncora e partiu da Grécia. Seria mero acaso o fato de que os filhos gêmeos de Jannie e Jim estivessem completando cinco anos?

O navio estava a caminho da Califórnia.

Eu e Darlene, Karen e David, que estavam com 14 e 11 anos respectivamente, fomos para Los Angeles para a cerimônia de recepção do Anastasis. Que ocasião maravilhosa! Nosso barco estava chegando à cidade onde a YWAM tinha surgido.

Pensei no quanto já tinha acontecido naqueles 22 anos, desde que começáramos apenas com um sonho, num quarto de dormir transformado em gabinete de trabalho. O início tinha sido bastante acidentado, mas àquela altura tanta coisa já tinha mudado! Sorri ao recordar-me de um recente encontro que tivera com Thomas Zimmerman, meu antigo líder nas Assembléias de Deus. Disse-lhe o quanto o apreciava e amava, e agradei-lhe pelo papel que representara num instante crítico de minha vida. Talvez, mesmo sem o saber, ele tivesse me ajudado a solidificar a visão que Deus me dera, de que ele queria que as ondas de jovens missionários procedessem de todas as denominações, e não apenas da minha. Antes de nos despedirmos, acertamos que seria bom se ele pudesse falar um dia em nossa escola, em Kona. E ao apertar sua mão disse-lhe:

— Obrigado, irmão Thomas...

Era realmente um irmão muito querido.

Ali estava eu no ancoradouro n.º 51, no porto de L.A., com cerca de 2000 pessoas, para assistir à chegada do navio. E o interessante era que ali eu estava quase que como um mero espectador. Fora Don que, com muita habilidade, tornara realidade essa visão que eu tivera havia 18 anos. Isso é que é a multiplicação!

Em um palanque ali armado, Melody Green, viúva do conhecido cantor Keith Green, falecido num acidente aéreo, falou de como seu marido desejara ver o lançamento do ministério do Anastasis. Em seguida, ouviu-se a voz de Keith Green, pelo aparelho de alto falante, cantando "Santo, Santo, Santo". E enquanto a voz dele ressoava pelo ancoradouro 51, nosso imenso navio branco surgia à

nossa vista e deslizava lentamente para a doca. Todos ali puseram-se a cantar também:

"Santo, Santo, Santo,  
Deus onipotente  
Cedo de manhã, cantaremos teu louvor!"

Olhei ao meu redor. Por todos os lados via pessoas sorrindo, regozijando-se ou chorando, cantando aquele louvor a Deus. Dei uma leve cotovelada em Darlene.

— Que diferença, heim? cochichei.

— Diferença?

— Entre esta cena, em que estamos louvando a Deus assim, e a horrível visão que tive há nove anos, quando vi nosso pessoal gritando de alegria por causa de um navio, e ignorando Jesus, que estava envolto em sombras.

— Tem razão, respondeu ela, e pegou minha mão. Isso é que é realmente ouvir a orientação de Deus, não é? Conhecê-lo cada vez melhor.

#### CAPÍTULO VINTE

### ***Aprender a Conhecê-lo Melhor***

Era primavera e estávamos em Kona. Fazia já algumas semanas que os tratores estavam rodando pela propriedade (para alegria de David, já com doze anos), arrancando pedras, nivelando o terreno para a construção dos primeiros prédios da Universidade Cristã do Pacífico e Ásia.

Muita coisa havia acontecido nos oito meses que tinham-se passado desde que recebêramos oficialmente o navio, em Los Angeles. O Anastasis já partira para o Pacífico Sul, dando atendimento aos necessitados. \ Nosso princípio de multiplicação estava operando poderosamente. Cada um dos missionários da YWAM eraxum multiplicador em potencial também. Muitos dos nossos membros, como Jim Rogers, Leland Paris, Floyd' McClung, Don Stephens e Kalafi Moala já dirigiam cada um seu próprio trabalho dentro do organismo da YWAM. Isso me dava a maior satisfação. Deus tinha multiplicado em milhares de vezes a minha visão. Ao longo da caminhada, eu aprendera, aos tropeções, a ouvir sua voz, e, ainda aos tropeções, estava aprendendo a obedecer. Se cada um dos novos missionários pudesse aprender o mesmo, tomando como estímulo para crescer os nossos fracassos e sucessos do passado, o poder de Deus poderia ser derramado em larga escala!

E o poderja estava sendo derramado. Em maio de 1983, nossos líderes principais, do mundo todo, se encontraram em Kona para a conferência anual de planejamento. Reunidos numa das salas estavam alguns dos meus mais caros amigos e camaradas. E cada um por sua vez pôs-se a dar testemunho do que Deus estava realizando no seu setor de trabalho. Assim ficamos sabendo que:

- No ritmo de então, ao final do ano, os missionários da YWAM já estariam trabalhando em 193 dos 223 países do mundo.
- Naquele ano, estaríamos enviando pelo menos 15000 missionários voluntários, por curtos períodos de trabalho, para diversos lugares.



• No final do ano, tínhamos cerca de 3800 obreiros de tempo integral; um quarto deles seria do terceiro mundo. E tínhamos 113 bases permanentes, e 70 escolas em 40 países.

• Já tínhamos um navio que podia ir aos lugares onde houvesse necessitados, carregado de suprimentos para o socorro a eles. Além do trabalho do navio, estamos socorrendo as vítimas das guerras e da pobreza em doze países, nos 5 continentes.

• Somente na Tailândia, os jovens missionários da YWAM estavam lecionando diariamente para 700 crianças refugiadas.

• No ano de 1982, havíamos enviado roupas para 30.000 refugiados.

• Em um ano, 1000 evangelistas jovens, de trinta países, haviam sido enviados à União Soviética,

• Em Hollywood, nossos voluntários da YWAM estavam recebendo por mês 2000 chamados de jovens fugidos de casa, muitos dos quais garotos e mocinhas adolescentes prostituídos.

E eles nos falaram de como nossos jovens missionários estavam partindo para países no Himalaia, para o Amazonas, pregando a roqueiros no Japão, fazendo representações ao ar livre na França, dando alimentos aos mendigos de Hong-Kong, ajudando a alimentar tribos africanas que estavam morrendo de fome, prestando socorro médico no Líbano, distribuindo bíblias de casa em casa, em diversas cidades do México.

Enquanto meus amigos falavam do trabalho que suas equipes estavam realizando em cada uma daquelas áreas, senti minha vibração crescer, como crescem as ondas. Lembrei-me de minha primeira viagem à África, quando jovem, quando fui o primeiro missionário a falar a um velho chefe a respeito do Grande Deus que nos criou a todos. Mas lembrei-me também de que quando o avião partia do lugar, avistei filetes de fumaça que subiam para o alto, a fumaça de mil fogueiras. Lembrei-me de que ficara espantado com a enormidade da ordem de Deus: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura. E no entanto, a fumaça daquelas aldeias africanas nada é diante das multidões que habitam a Ásia, onde em apenas um conjunto de prédios de apartamento podem morar até 40.000 pessoas, e onde se encontram 60% da população da terra, dos quais muito poucos já ouviram falar de Jesus Cristo.

Estamos enviando 15.000 missionários por ano, mas esses constituem apenas uma fração do que é necessário. Se cada um desses missionários pregasse a 100 pessoas, isso somaria somente um milhão e meio de indivíduos, dentre os quatro bilhões de habitantes da terra. Os trabalhadores ainda são poucos, muito poucos. Só Deus é suficientemente grande para cumprir a visão das ondas de jovens, e fazer com que cada pessoa da terra receba uma mensagem pessoal do seu amor por ela.

Na última noite da conferência de planejamento, fomos ao local onde seria instalada a universidade, para realizarmos um culto de dedicação do terreno, tropeçando sobre os torrões da terra revolvida, que estava sendo nivelada pelos tratores.

Colocamo-nos em círculo no ponto onde seria a "Praça das Nações"\*. Ao fundo, o sol estava-se pondo nas águas azuis do Pacífico. Olhei para as bandeiras que estavam ali, representando algumas das nações onde temos trabalho. E ao vê-las drapejar contra o fundo de um céu azul-cobalto que já escurecia, avistei também as ondas de jovens saindo aos campos. Inicialmente eu sonhara em enviarmos mil missionários, mas àquela altura eu já pensava em centenas de milhares partindo para os campos, até que todos os continentes estivessem cobertos de pessoas pregando ao povo a mensagem dupla do evangelho: amar a Deus de todo o coração e ao próximo como a si mesmo.

Era o dia 17 de dezembro de 1983, um sábado, de manhã. E enquanto o sol surgia por detrás dos morros do Havaí, a última e simbólica confirmação de toda a nossa história estava para acontecer.

Eu e Darlene, Karen e David, mamãe e papai, e os pais de minha esposa estávamos entre as duas mil pessoas que ali se achavam olhando ansiosamente para o mar. Crianças pequenas empoleiravam-se sobre os ombros dos pais. Então, lentamente, um navio branco despontou na linha do horizonte. Alguns começaram a bater palmas. Algumas pessoas puseram-se a gritar: "Glória a Deus!" "Glória ao Senhor!" A melodia de um hino havaiano estava sendo entoada, enquanto outros, numa canoa a remo, iam ao encontro dele.

Dez anos antes, quando tivemos aquela reunião de oração com os jovens, ali mesmo nas ilhas havaianas, e tivéramos a maravilhosa experiência em que Deus nos revelara o futuro: tínhamos visto um grande navio branco chegando a um porto. E, embora isso contrariasse toda a lógica, sabíamos que era o nosso barco para o ministério de socorro aos necessitados, entrando no porto de Kona.

E ali estava ele.

O Anastasis. A ressurreição. Vale a pena colocar nossos sonhos sobre o altar do Senhor; ele os ressuscita sob uma forma ainda mais grandiosa.

é quase impossível explicar, a quem ainda não teve esse tipo de experiência, a indescritível alegria que se sente ao ver Deus operando através de seres tão fracos, e levando-os a realizar uma obra tão gloriosa como esta. Pois não tínhamos a menor dúvida de que tudo aquilo que presenciávamos — o navio à nossa frente e a universidade do outro lado — era um grito de vitória e alegria que partia do próprio Senhor Jesus Cristo.

Havíamos aprendido a melhor lição de quantas poderíamos aprender acerca da orientação divina. Era exatamente aquilo que Darlene dissera anteriormente, quando pegara minha mão e cochichara:

— Isso é que é realmente ouvir a voz de Deus, não é Loren? Aprender a conhecê-lo cada vez mais.

## ***Ouvindo a Orientação de Deus***

(DOZE PONTOS A SER LEMBRADOS)

Quem conhece a Deus já ouviu a voz dele, aquela orientação interior que o levou a buscá-lo. Jesus estava sempre recebendo orientação do Pai (Jo 8.26-29),

e nós precisamos experimentar o mesmo. Todo filho de Deus tem o direito básico de receber orientação dele. O que tentamos fazer neste livro foi descrever algumas formas pelas quais nossa sintonia com ele pode tornar-se mais precisa. Essas verdades que descobrimos não são mera teoria; elas nascem de nossa própria experiência com Deus.

1. Não devemos complicar muito essa questão da orientação divina. Na verdade, é mais difícil não ouvir a voz de Deus, se de fato desejamos agradar-lhe e obedecer-lhe. Ele promete guiar-nos sempre, se nos mantivermos humildes (Pv 16.9).

Três passos simples, que nos ajudaram muito a aprender a ouvir a voz de Deus:

- Submeter-nos ao Senhorio do Senhor. Peça-lhe que o ensine a silenciar, em sua mente, seus próprios pensamentos, opiniões e desejos, bem como as opiniões de outros (2 Co 10.5). Embora você seja uma pessoa inteligente, dotada de uma boa mente, no momento você só deseja ouvir a mente do Senhor, que é muito superior (Pv 3.5,6).

- Resistir ao inimigo, caso ele esteja tentando enganar-nos. Faça uso da autoridade que Jesus Cristo lhe conferiu para silenciar a voz do inimigo (Tg 4.7; Ef 6.10-20).

- Aguarde uma resposta. Depois de fazer ao, Senhor a pergunta que está em sua mente, espere a resposta dele. Esteja certo de que o seu amado Pai celestial lhe falará, pois ele o fará (Jo 10.27; SI 69.13;...Êx 33.11).

2. Devemos esperar que Deus nos fale da maneira que ele quiser. Não tentemos ditar para ele as normas com respeito aos métodos de orientação que preferimos. Ele é o Senhor, nós os servos (1 Sm 3.9). Então escutemos com coração humilde diante dele. Existe uma relação muito profunda entre uma atitude de rendição a ele e sua comunicação conosco. Ele pode falar-nos de vários modos.

Através de sua Palavra — ele nos fala no tempo diário de estudo da Bíblia, ou então pode dirigir nossa atenção para um determinado versículo (SI 119.105).

Por meio de uma voz audível (Êx 3.4). Por meio de sonhos (Mt 2) e visões (Is 6.1; Ap 1.12-17). Mas talvez o meio mais comum seja o da silenciosa voz interior (Is 30.21).

3. É preciso confessar todo pecado que ainda não foi colocado diante de Deus para ser perdoado. Para ouvirmos a Deus, é preciso que tenhamos um coração puro (SI 66.18).

4. Temos que aplicar o princípio do machado — esta expressão é tirada do relato de 2 Reis 6. Quando temos a impressão de haver perdido o caminho, temos que voltar à última situação em que ouvimos o fio agudo e cortante da voz de Deus. Isto feito, obedecemos. A pergunta que cabe aqui é: você obedeceu à última ordem que Deus lhe deu?

5. Recebamos nossa orientação diretamente de Deus. Deus poderá enviar outras pessoas para confirmar uma orientação que nos deu, mas temos que,

recebê-la diretamente dele também. É muito perigoso confiar só nos outros, para recebermos a mensagem de Deus (1 Rs 13).

6. Não devemos conversar com ninguém acerca da orientação recebida, enquanto Deus, não nos der permissão para fazê-lo. Por vezes, ele a dá imediatamente; em outras, há um intervalo de tempo. O principal objetivo dessa espera da permissão de Deus é evitar que caiamos em quatro erros comuns nesta questão de orientação divina: (1) orgulho, por Deus haver nos falado alguma coisa; (2) presunção, se falarmos sem termos plena compreensão do assunto; (3) errar na questão do tempo e método próprios de Deus; (4) criar confusão na mente de outrem, que também precisa de uma preparação prévia (Lc 9:36; Ec 3:7; Mc 5:19).

7. Ternos que aplicar o princípio dos reis magos. Assim como os reis magos seguiram a estrela, cada um de seu lugar, e assim fazendo acabaram sendo guiados ao mesmo Cristo, assim também Deus pode usar duas ou três pessoas, ou mais, que sejam espiritualmente sensíveis, para confirmar algo que está nos dizendo (2Co 13:1).

8. Acautelemo-nos contra falsificações. Todos já ouvimos falar de dinheiro falsificado. É claro. Mas alguém já ouviu falar de sacos de papel falsificados, por exemplo? Não. A razão é que só as coisas de muito valor correm o risco da falsificação.

Satanás tenta criar uma cópia falsa de tudo que Deus cria e que é passível de falsificação (At 8:9-11; Ex 7:22). As orientações falsas podem vir através de tábuas de ouija, sessões espíritas, leitura de sorte, e astrologia (Lv 20.6; 19.26; 2 Rs 21.6). A orientação que nos vem do Espírito Santo nos leva a nos aproximarmos mais de Cristo e a nos tornarmos mais livres. Uma orientação que nos venha de Satanás, afasta-nos mais de Deus e nos coloca em cativeiro.

Uma prova muito importante, a que podemos submeter qualquer orientação recebida, é: ela está em harmonia com os ensinamentos bíblicos? O Espírito Santo nunca contradiz a Palavra de Deus.

9. Muitas vezes, uma oposição que recebemos dos homens pode ser uma orientação divina (At 21.10-14). Em nosso próprio caso, por exemplo, bem mais tarde viemos a reconhecer que o bloqueio que recebemos de nossa denominação era, na verdade, orientação divina para que ampliássemos o raio de nosso ministério. O ponto chave aqui é estar submisso a Deus (Dn 6.6-23; At 4.18-21). Um ato de rebelião nunca pode proceder de Deus, mas às vezes o Senhor orienta no sentido de nos afastarmos de nossos líderes, não por um ato de rebeldia, mas para a concretização de um aspecto do plano que ele tem para nós.

Confiemos em que ele irá mostrar-nos a diferença entre essas duas situações

10. Cada seguidor de Cristo tem um ministério particular (1Co 12; 1Pe 4:10,11; Rm 12; Ef 4). Quanto mais procurarmos ouvir a orientação divina, em todos os pormenores, mais eficientes seremos em nossa missão. Essa comunicação com Deus não é brincadeira — é um assunto muito sério, pelo qual ficamos sabendo o que Deus deseja que façamos, e como ele quer que o

façamos. A vontade de Deus é que digamos e façamos a coisa certa, no lugar certo, junto com as pessoas certas, no momento certo, na seqüência certa, sob a liderança certa, aplicando o método certo e com a atitude certa.

11. Depois que adquirimos prática em ouvir a orientação de Deus, isso se torna mais fácil. É como atender ao telefone e reconhecer de imediato a voz do nosso melhor amigo; e reconhecemos aquela voz, porque já a ouvimos muitas vezes. Veja o caso de Samuel, quando pequeno e depois quando mais velho (1Sm 3.4-7; 8.7-10; 12.11-18).

12. A principal razão por que devemos nos empenhar em ouvir a voz de Deus é o relacionamento com ele que disso advém. Ele não é apenas um Deus infinito, mas também pessoal. Se não nos comunicarmos com ele, não teremos também um relacionamento pessoal com o Senhor. Como Darlene mencionou, a verdadeira orientação consiste em aproximar-nos cada vez mais de nosso Guia. Na medida em que Deus nos fala mais, e nós ouvimos e obedecemos, alegramos o coração dele, e aprendemos a conhecê-lo melhor (Êx 33.11; Mt 7.24-27).

Caso deseje obter maiores informações sobre a JOCUM (Jovens com Uma Missão), escreva para:

Caixa Postal 2024 30000  
Belo Horizonte, MG